Beatriz Adriana Komavli de Sánchez

12 DE OUTUBRO NO MUNDO HISPÂNICO:

RECONFIGURAÇÕES DE UM DISPOSITIVO MEMORIAL

ABH Associação Brasileira de Hispanistas

Beatriz Adriana Komavli de Sánchez

12 DE OUTUBRO NO MUNDO HISPÂNICO: RECONFIGURAÇÕES DE UM DISPOSITIVO MEMORIAL

ABH – Associação Brasileira de Hispanistas
Prêmio Mario González
Categoria: Estudos de Linguagem

2018

81.134.2
K82d Komavli de Sánchez, Beatriz Adriana.
12 de outubro no mundo hispânico: reconfigurações de um dispositivo memorial. São Paulo: Associação Brasileira de Hispanistas, 2018.
157 p. E-book

1. Língua espanhola. I. Título

CDU ISBN: 978-85-66188-14-1

Dedico este trabalho a meus pais,
Emilia Sofía Grgic e Silvano Bruno Komavli,
in memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Del Carmen pela doçura, postura ética e dedicação profissional. Minha admiração e respeito. Modelo a ser seguido para muitos. Ela é uma das minhas 'fadas madrinhas epistemológicas'.

Uma outra 'fada madrinha epistemológica' é a professora Vera, orientadora de Mestrado e colega na UERJ. Mais uma vez digo: é um privilégio ter vocês como colegas nesta profissão que propõe desafios diários.

A minha querida família. Carlos, parceiro de décadas, pelo apoio moral, paciência e suporte técnico. Fernando, Julián e Sabrina: que bom ter vocês!

Agradeço aos integrantes da banca de qualificação, os professores Vera e Xoán. Em tempo souberam apontar deficiências importantes. Que ótimo seria ter essa prática anualmente! Pena que a sobrecarga de tarefas e responsabilidades assumidas pelos professores não o permita.

Agradeço aos meus colegas do Setor de Espanhol da UERJ, que sempre estimularam meu crescimento profissional.

Aos colegas integrantes do Seminário de pesquisa coletivo "Práticas de linguagem e discursividade", dentro do acordo interinstitucional entre a UERJ/UFF/PUC-SP, realizado entre 2013.2 e 2015.2, na UERJ. Em especial a Décio e Bruno, exemplos de luta. Poucas vezes tenho visto, lamentavelmente inclusive no meio acadêmico, tentativas de posturas coerentes entre o dizer e o praticar. Meu respeito e admiração.

Agradeço aos membros da banca que aceitaram o convite, os professores Vera, Xoán, Magnólia, Poliana, Dayala e Fabio.

Agradeço novamente aos professores Décio e Del Carmen por ter ofertado a disciplina 'Contribuições Foucaultianas'. Tive a sorte de fazer a disciplina como aluna especial em 2011.2. Mais um privilégio meu!

Aos colegas do Seminário coletivo organizado pela profa. Del. Voa uma lembrança saudosa do Thiago Pinheiro.

Aos funcionários da *Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, Departamento de Colecciones Especiales,* no qual funciona a seção da *Biblioteca Peronista* que consultamos, pela atenção solícita e carinhosa oferecidas.

A meu irmão Dany. Promessa é dívida. Agradeço a compra das revistas *Billiken* de outubro de 2014.

À CAPES, pelo apoio financeiro da bolsa que possibilitou realizar meu doutorado.

Sube a nacer conmigo, hermano.
Dame la mano desde la profunda
zona de tu dolor diseminado.
No volverás del fondo de las rocas.
No volverás del tiempo subterráneo.
No volverá tu voz endurecida.
No volverán tus ojos taladrados.
Mírame desde el fondo de la tierra,
labrador, tejedor, pastor callado:
domador de guanacos tutelares:
albañil del andamio desafiado:
aguador de las lágrimas andinas:
joyero de los dedos machacados:
agricultor temblando en la semilla:
alfarero en tu greda derramado:
traed a la copa de esta nueva vida
vuestros viejos dolores enterrados.
Mostradme vuestra sangre y vuestro surco,
decidme: aquí fui castigado,
porque la joya no brilló o la tierra
no entregó a tiempo la piedra o el grano:
señaladme la piedra en que caísteis
y la madera en que os crucificaron,
encendedme los viejos pedernales,
las viejas lámparas, los látigos pegados
a través de los siglos en las llagas
y las hachas de brillo ensangrentado.
Yo vengo a hablar por vuestra boca muerta.

A través de la tierra juntad todos
los silenciosos labios derramados
y desde el fondo habladme toda esta larga noche
como si yo estuviera con vosotros anclado,
contadme todo, cadena a cadena,
eslabón a eslabón, y paso a paso,
afilad los cuchillos que guardasteis,
ponedlos en mi pecho y en mi mano,
como un río de rayos amarillos,
como un río de tigres enterrados,
y dejadme llorar, horas, días, años,
edades ciegas, siglos estelares.

Dadme el silencio, el agua, la esperanza.
Dadme la lucha, el hierro, los volcanes.
Apegadme los cuerpos como imanes.
Acudid a mis venas y a mi boca.
Hablad por mis palabras y mi sangre.

Alturas de Macchu Picchu – Pablo Neruda

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A TRADIÇÃO DO 12 DE OUTUBRO: VELHOS MODELOS PARA NOVOS OBJETIVOS	21
1.1 O QUE SE DIZ NAS CIÊNCIAS HUMANAS	23
1.2 A INSTITUIÇÃO DA DATA DO 12 DE OUTUBRO	28
1.3 OS DESLOCAMENTOS DESIGNATIVOS DA DATA DO 12 DE OUTUBRO	35
CAPÍTULO 2 - OS CONCEITOS NORTEADORES	40
2.1 O ARQUIVO	41
2.2 AS PRÁTICAS E OS ACONTECIMENTO DISCURSIVOS	44
2.3 UM DISPOSITIVO MEMORIAL	46
2.4 A MEMÓRIA DISCURSIVA	48
CAPÍTULO 3 - ACONFIGURAÇÃO DE NOSSO ESPAÇO DISCURSIVO	56
3.1 A SOLTURA DE AMARRAS	56
3.2 NOSSO INVENTÁRIO MEMORIAL	59
3.3 A CIRCULAÇÃO DAS MATERIALIDADES SEMIÓTICAS	67
CAPÍTULO 4 – O DESEMBARAÇAR DE LAÇOS DISCURSIVOS	70
4.1 UMA QUESTÃO DE FILIAÇÃO	76
4.2 AS (COM)UNIDADES DESEJADAS	83
4.3 A CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS	91
4.3.1 Raça e hispanidade	91
4.3.2 Descolonização, Resistência Indígena, Respeito e Diversidade	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	140

Índice de imagens

Imagem 1 – Atividade em livro didático de espanhol como língua estrangeira sobre celebrações 13
Imagem 2 – Publicidade Champanha *Monitor* 80
Imagem 3 – Bandeira da Raça 84
Imagem 4 – Bandeira e emblema da CAN 85
Imagem 5 – Lema e bandeira da Guiné Equatorial 87
Imagem 6 – Lemas e emblemas da RAE 92-93
Imagem 7 – Recortes da revista *Billiken* 113
Imagem 8 – Fotos do Dia da Raça 115
Imagem 9 – Fotos de monumentos (Colombo e Azurduy) 123
Imagem 10 – Foto marcha da Resistência Indígena 128
Imagem 11 – Mapa *Universalis Cosmographia* {1507} 139

Índice de quadros e esquema

Quadro 1
Designações relativas ao movimento pró-Espanha *versus* anti-Espanha 32-33
Quadro 2
Cronologia: nação e designação do 12 de outubro 37-38
Esquema I –A memória discursiva
(nossa versão gráfica da leitura de COURTINE, 1981) 52
Quadro 3
Nosso inventário memorial 61-63
Quadro 4
Nossa fundamentação teórica 73-74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABH – Associação Brasileira de Hispanistas

AD – Análise do Discurso

APEERJ – Associação de Professores do Estado do Rio de Janeiro

CAN – *Comunidad Andina*

E/LE – Espanhol como Língua Estrangeira

FD – Formação discursiva

LD – Livro didático

LE – Língua Estrangeira

OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RAE – *Real Academia de la Lengua Española*

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações. (NORA, 1993, p.14)

Sobre nossa inquietação

Este trabalho de pesquisa é um recorte, devidamente ajustado, de uma tese em Estudos de Linguagem, defendida em abril de 2016, na Universidade Federal Fluminense. Iniciaremos a apresentação expondo a motivação, a inquietude intelectual, que nos levou a realizar este trabalho de investigação.Logo ressaltaremos a importância de refletir sobre a instituição da data do 12 de outubro, efeméride muito significativa no mundo hispanofalante, e finalizaremos com o detalhamento da organização da pesquisa.

Como professora de Espanhol como língua estrangeira, minha reflexão foi motivada por perguntas, a respeito da data, feitas por alunos de uma escola particular. Eu lecionava em um curso livre de idiomas que foi contratado por essa instituição privada de ensino. Nessas instituições de ensino, bem como em tantas outras no Brasil, comemora-se o Dia da Hispanidade com exposição e apresentação de produtos culturais típicos da Espanha e de países americanos de língua espanhola. Apesar de tanta harmonia e clima festivo de troca, alguns alunos manifestaram certa estranheza perante a festividade, uma vez que, fazendo um paralelismo, nada semelhante acontece no Brasil nem em Portugal, no dia 22 de abril, chegada e 'descobrimento' do Brasil por Pedro Álvares Cabral.[1] Foi justamente a percepção da estranheza gerada no outro perante a comemoração da data, a mola motivadora da investigação, que possibilitou toda uma série de questionamentos. Consideramos necessário salientar que a alteridade - o outro, os outros - está sempre presente nos posicionamentos, nas conceitualizações e reflexões desta investigação.

[1]No entanto, até a Revolução de 30 o acontecimento era comemorado e a data era feriado, no dia 03 de maio. Informação disponível em http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/22-de-abril-nem-sempre-se-comemorou-o-descobrimento-neste-dia.htm. Acessado em 18 jun. 2016.

A singularidade da efeméride me remeteu à infância, recorrendo a minha memória individual e geracional, lembrei-me do calendário escolar e dos livros didáticos da Argentina, meu país de origem, no qual a data do 12 de outubro, chegada de Cristóvão Colombo na América em 1492, o 'descobrimento da América', era festejada e designada oficialmente como *Día de la Raza*, tendo posteriormente passado a ser conhecida como *Día de la Hispanidad.* Jána minha adolescência, recordo do apagamento da data, as celebrações se tornaram menos frequentes e intensas.

Instigada pela curiosidade, investiguei que na Venezuela, desde 2002 e a partir da organização política das comunidades indígenas da América Latina, a data é denominada *Día de la Resistencia Indígena*. Na Argentina, desde 2010 é comemorado o *Día del respeto a la diversidad cultural*. Nesse mesmo ano, em 2010, o Departamento de Informação Pública das Nações Unidas (ONU), estabelece o *Language Days at the United Nations* no intuito de celebrar o multilinguismo e a diversidade cultural. Atrelada à Hispanidade, tradicionalmente celebrada nos países hispanofalantes, a escolha para celebrar a língua espanhola recai no 12 de outubro. Desde 2011, a *Comunidad Andina* (países integrantes da CAN: Bolívia, Peru, Colômbia e Equador) sugere que a data passe a ser redesignada como o *Día de la Descolonización Continental*. Por si só essas mudanças nas formas de designar uma data, que consta no calendário oficial das nações americanas e na Espanha, merece a atenção de um analista do discurso.

Sobre a relevância de nossa aproximação

É de nosso conhecimento que há no Brasil, não só no Estado do Rio de Janeiro, escolas e instituições educacionais que comemoram a data na modalidade feira cultural das nações hispano-americanas, eventos escolares. Repetem-se rituais sem propiciar questionamentos do tipo: por que é necessário comemorar essa data? Qual seria a razão dessa escolha? Por que a partir de determinado momento algo 'tem que ser comemorado'? Que motivo impulsionaria tantas nações, ex-colônias da coroa espanhola que lutaram pela sua independência, a aderir e celebrar junto com o ex-colonizador essa data? O que se comemorava e o que se comemora? O *status* da data será o mesmo nas diversas nações? Tanto o tema quanto suas repercussões e

nuanças são negligenciados na formação do professor. A esse respeito Siqueira destaca:

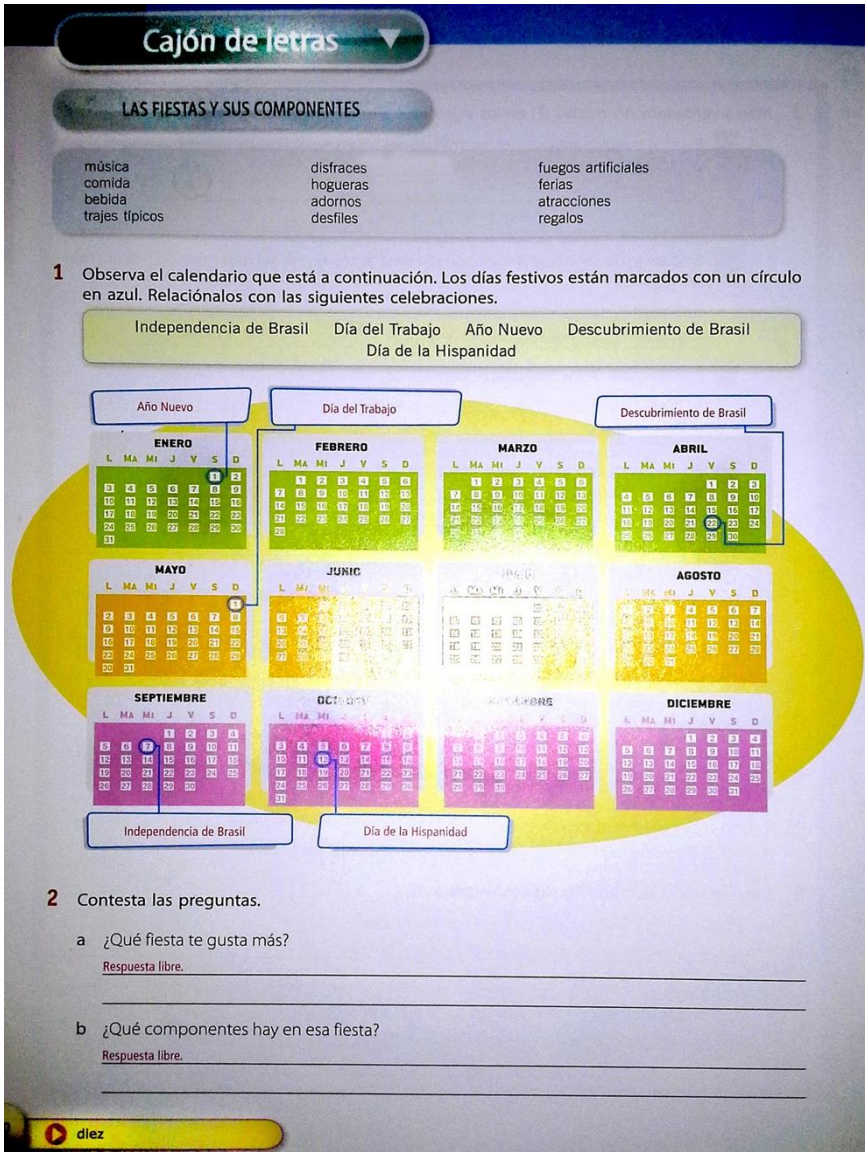
> Comemorar é mais do que lembrar. É significar, prover de sentido, de sentimento. Justo por esta razão as datas significativas ocupam a listagem dos lugares de memória. Tais datas contém um potencial de memória e referência identitária que não pode ser menosprezado, sobretudo quando tratamos da formação inicial do pedagogo.
> Nesta direção, é mister direcionar um trato mais cuidadoso para a questão: por mais que possamos considerar as datas significativas como parte das "tradições inventadas que ligam passado e presente" (segundo HALL, 2006, p.72), as mesmas consubstanciam-se em espaços de afirmação identitária, seja coletiva ou individualmente, sendo merecedoras de um olhar atento por parte de qualquer programa de formação docente inicial. (SIQUEIRA, 2012, p. 137)

Esse tratamento ritualístico da data do 12 de outubro se materializa em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira, onde a data significativa é apresentada como verdade inquestionável. Em geral, o formador de professores de Espanhol como Língua Estrangeira (doravante ELE) nada se questiona e se limita a reproduzir o ritual porque consta no livro didático, como é o caso de *Recreo*, da Editora Moderna, livro 2, direcionado ao Ensino Fundamental I[2]. Outro exemplo é o livro *Ventana al español*, da Editora Santillana (2011), que dedica a unidade 1, vol. 3 (elaborado para o 8º ano do Ensino Fundamental), às celebrações[3] e que, a seguir, apresentamos:

---

[2] COUTO, Ligia Paula. "O mundo lá fora –oficinas de sensibilização para línguas estrangeiras" http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/O%20mundo%20l%E1%20fora.pdf Acessado em: 23 abril 2015.

[3] Junto com o *Día de la Hispanidad* constam: *Año Nuevo, Día del Trabajo* e *Descubrimiento de Brasil*, sendo que este último não figura no calendário oficial. Simplesmente há uma caixa com o nome das festividades e o aluno tem que fazer a relação com datas apontadas em um calendário. Imediatamente há duas perguntas: *¿Qué fiesta te gusta más?* e *¿Qué componentes hay en esa fiesta?*Na seção dedicada ao professor ressaltamos que não há informações nem sugestões sobre como trabalhar a data com os alunos.



Cajón de letras

LAS FIESTAS Y SUS COMPONENTES

música	disfraces	fuegos artificiales
comida	hogueras	ferias
bebida	adornos	atracciones
trajes típicos	desfiles	regalos

1 Observa el calendario que está a continuación. Los días festivos están marcados con un círculo en azul. Relaciónalos con las siguientes celebraciones.

Independencia de Brasil Día del Trabajo Año Nuevo Descubrimiento de Brasil
Día de la Hispanidad

Año Nuevo
Día del Trabajo
Descubrimiento de Brasil
Independencia de Brasil
Día de la Hispanidad

2 Contesta las preguntas.

a ¿Qué fiesta te gusta más?
Respuesta libre.

b ¿Qué componentes hay en esa fiesta?
Respuesta libre.

diez

Imagem 1- Atividade em LD de espanhol como LE sobre celebrações

A comunidade de professores de espanhol no Brasil é importante e vem incessantemente crescendo. A primeira Associação de Professores de Espanhol data de 1981[4], a Associação de Professores de Espanhol do Estado do Rio de Janeiro (APEERJ). Nas últimas décadas, em todo o país, surgiram muitas outras em diversos estados da federação, bem como novos cursos universitários, formadores de futuros professores de espanhol, foram criados. Totalizam atualmente 24 APEs[5] que

[4] http://www.apeerj.org.br/#!apeerj/cjg9. Acessado em 02 fev. 2016.
[5] Dados apontados pela SeNacAPE (Secretaria Nacional de Associações de Professores de Espanhol do Brasil). Última consulta realizada em 21 de nov. de 2015. Disponível em:https://espanholdobrasil.wordpress.com/2009/08/17/secretaria-nacional-das-associacoes-de-professores-de-espanhol-do-brasil-%E2%80%93-senacape/

congregam profissionais graduados em algum dos quase 300 cursos superiores brasileiros, contabilizados por Daher em 2010[6], segundo dados disponibilizados pelo MEC.

Um dos mais importantes hispanistas do Brasil foi o catedrático Mario González, quem na conferência inaugural do *XICongreso Brasileño de Profesores de Español*, em 2005, cujo título é 'Hispanidade e hispanismo para professores brasileiros de Espanhol', destaca uma preocupação que, como formadores de professores de ELE, compartilhamos:

> Lógicamente, esos términos ("Día de la Hispanidad", "Día de la Raza"), en Brasil, poco dicen para la mayoría. Lo de la Hispanidad puede evocar, tal vez, que se trata de un día en que los pueblos de habla española conmemoran algo en común. Pero, para esa misma mayoría de brasileños (a pesar de haberse cumplido hace trece años el quinto centenario de la llegada de Colón a América) el 12 de Octubre es ante todo la fiesta del Niño y/o el día de Nuestra Señora Aparecida, un feriado nacional en el que ante todo importa descansar, pasear, divertirse o distraerse. Lo del «Día de la Raza», si ya suena a anacrónico, vacío, inoperante y hasta peligroso para los que hablamos español, nada se diga para quien habla portugués y no tiene por qué tener la menor idea de qué «raza» estamos hablando.
> [...] tenemos la obligación de ver y ayudar a ver críticamente la realidad, sin adhesiones emocionales que no pasen previamente por el tamiz del análisis intelectual. Con eso, todo 12 de Octubre será una oportunidad magnífica para ver mejor el mundo de lengua española y, a partir de eso, vernos mejor como ciudadanos brasileños y latinoamericanos. Y, a partir de ello, la misma reflexión crítica podrá permanecer por debajo de todas nuestras actitudes y de las actitudes de nuestros alumnos, objetivo mayor de nuestra función de educadores. En el fondo, es ese sueño, esa utopía, si se quiere la razón de nuestro trabajo y lo que, en última instancia, nos reúne aquí, en torno a la valiosa inquietud de ser profesores de Español y de realizar esa tarea cada vez mejor. (GONZÁLEZ, 2005, p. 89 e 99)[7]

---

[6]Título do artigo: *"Formación docente de ELE: ¿Cualificación para el trabajo en las escuelas brasileñas?",* Del Carmen Daher. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/gtlet/arquivos/delcarmen_ciplom.pdf Acessado em: 21 nov. 2015.

[7] Logicamente, esses termos ("Dia da Hispanidade", "Dia da Raça"), no Brasil, pouco dizem para a maioria. A Hispanidade pode evocar, talvez, que se trata de um dia em que os povos de língua espanhola comemoram algo em comum. Porém, para a maioria dos brasileiros (apesar de já haver passado treze anos do quinto centenário da chegada de Colombo na América) o 12 de outubro é, antes de tudo, a festa da Criança e/ou o dia de Nossa Senhora Aparecida, um feriado nacional no que interessa mais do que nada descansar, passear, divertir-se e se distrair. O "Día de la Raza" se já soa anacrônico, vazio, inoperante e até perigoso para os que falamos espanhol, imagina para quem fala português e não faz ideia de que "raça" estamos falando.
[...] temos a obrigação de ver e ajudar a ver criticamente a realidade sem adesões emocionais que não passem previamente pela peneira da análise intelectual. Com isso, todo 12 de outubro será uma

O fragmento de Mario González vem ao encontro dos PCNs, OCEMs e os documentos oficiais que norteiam nosso trabalho como professores de espanhol do ensino básico e como formadores desses professores, na medida em que estimulam criar propostas didáticas que favoreçam a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Articulando o afirmado ao aspecto ressaltado por Siqueira nesta apresentação, 'comemorar é mais do que lembrar' (2012, p. 137), resulta um contrassenso que uma data tão significativa no mundo hispânico tenha sido esquecida de nossa tarefa, ou seja, negligenciada e não se configure em objeto de reflexão.

Continuando com as considerações que destacam a relevância desta pesquisa, trazemos alguns fatos interessantes em torno da data, entre eles um curioso deslocamento temporal da comemoração da data de 12 de outubro operado no Instituto Cervantes, instituição do governo espanhol dedicada "a promover o espanhol e difundir sua cultura (...) e para a atenção ao patrimônio cultural comum de toda a comunidade hispanofalante". Mundialmente, tem instituído, desde 2009, o dia 21 de junho como o *Dia E*, *"la fiesta de todos los que hablamos español"*[8]. Esses deslocamentos da data por parte de instituições parecem apontar para uma necessidade de se afastar de um ideário, de uma visão de língua atrelada ao nacional-catolicismo franquista, fato este que fazia parte de nosso conhecimento prévio ao início da pesquisa. Ao mesmo tempo, essa decisão contorna um tema polêmico e preserva o prestígio internacional conquistado pelo Instituto Cervantes.

É necessário ressaltar que justamente em 2010 foi realizada uma série de atos comemorativos pelo bicentenário do fim do colonialismo, iniciado em 1810 na América Hispânica, com um ciclo de movimentos de libertação contra a Coroa Espanhola que culminam em 1898 com a perda das últimas colônias. Duro golpe sofrido após 400 anos de poderio da Espanha. Todos os atos e discursos trouxeram à memória o percurso de lutas seguido por cada uma das nações hispano-americanas em prol, não só de sua independência econômica, mas também da

---

oportunidade magnífica para enxergar melhor o mundo da língua espanhola, e a partir de então, ver-nos melhor como cidadãos brasileiros e latino-americanos. E, a partir disso, a mesma reflexão crítica poderá permanecer por baixo de nossas atitudes e das atitudes de nossos alunos, o maior objetivo de nossa função como educadores. No fundo, é esse sonho, essa utopia, caso se queira a razão do nosso trabalho e aquilo que, em última instância, nos reúne aqui, em torno da valiosa inquietude de sermos professores de Espanhol e de realizar essa tarefa cada vez melhor. (2005, p. 89 e 99) (Tradução nossa)

[8]http://eldiae.es/el-instituto-cervantes/ Acessado em: 18 mar. 2015.

afirmação de uma identidade singular e regional, sempre em construção. Esse dado conjuntural é muito importante na medida em que reacendeu velhos embates, questões históricas foram relembradas e perspectivas futuras imaginadas.

Pelo exposto até o momento, observa-se a complexidade de nosso objeto de estudo, sob o olhar da Análise do Discurso de linha francesa que considera estudos enunciativos, na medida em que necessariamente dialoga com estudos históricos e sociológicos. Sabendo da relação tensa e permanente entre lembrar e esquecer, uma comunidade funda datas para lembrar determinadas pessoas ou acontecimentos para simbolicamente fomentar e compartilhar uma identidade, um elo aglutinador. Para isso, são produzidas multiplicidades de práticas discursivas e rituais. Trazemos uma série de fragmentos esclarecedores de Silva (2002) que, baseada na relação entre memória e história desenvolvida por Ricoeur (1996) afirma:

> A propósito, Paul Ricoeur estabelece uma distinção entre "rememoração" (parte de um processo de elaboração individual) e comemoração (trabalho de construção de uma memória coletiva). A mediação entre a memória individual e coletiva passaria, então, segundo esse filósofo, pelo viés de uma identidade narrativa, inscrita no tempo e na ação [...] Os acontecimentos fundadores de uma identidade nacional, objeto mesmo de celebrações, pertencem geralmente a essa categoria de ferida coletiva. Associados à manipulação e à instrumentalização da lembrança, os abusos da memória se traduzem, lembra Ricoeur, pela política abusiva das comemorações das grandes datas, caracterizadas tanto pelas glórias como pelas humilhações. [...] Na opinião de Paul Ricoeur, essa manipulação da memória, ou seja, a utilização deliberada do esquecimento, se opera através do caráter seletivo da própria memória. "É, então, pela seleção da lembrança, que passa essencialmente a instrumentalização da memória". [...]

Ainda Silva (2002) comenta um acontecimento discursivo no intuito de ilustrar essa seleção e instrumentalização da memória e que tem relação direta com nosso tema:

> A esse propósito, as comemorações nacionais oferecem exemplos pertinentes, uma vez que elas são objeto de interesses em jogo (políticos, ideológicos, éticos, etc.). O uso perverso da seleção da memória coletiva encontra-se, portanto, nesse processo de "rememoração" social, cuja função é justamente a de impedir o próprio esquecimento. Apagam-se da lembrança as situações

> constrangedoras (por exemplo, nos "500 anos do Brasil", os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais (o "paraíso tropical" e o "país do futuro"). Ora, essa seleção da memória coletiva é comum em todas as comemorações de uma data nacional. As utilizações sociais da memória são visíveis nesse fenômeno das comemorações que, em todas as partes do mundo, vêm se impondo como um ritual nacional. Consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa "rememoração" de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente. [...] Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal. [...] as comemorações nacionais têm por objetivo cristalizar as memórias coletivas, [...] As comemorações buscam, pois, nessa reapropriação do acontecimento passado, um novo regime de historicidade, projetando-o em direção do futuro. Em outros termos, a comemoração das datas nacionais demonstra que os acontecimentos tidos por inaugurais exercem ainda uma função eminentemente simbólica. (SILVA, 2002, p. 428-436)

Resgatamos dessas citações várias questões fundamentais: que comemorar é uma forma de narrar uma nação, que é seletivo e responde a interesses do presente e que as comemorações também se projetam para o futuro. Elas também aglutinam valores de uma nação, sua função é simbólica e, por esse motivo, perfilam identidades de comunidades.

Como foi indicado anteriormente, a data do 12 de outubro tem sido oficialmente rebatizada. Tal gesto obedece a circunstâncias que merecem ser explicitadas para melhor compreensão dessas mudanças designativas. Mansutti Rodríguez e Alès (*apud* ARNOUX, 2008, p. 25), referindo-se à reconfiguração da data na Venezuela, afirmam que há adoção de medidas que são "simbolicamente poderosas", e citam o caso de

> llevar a Guaicaipuro, heroico resistente indio en el momento de la conquista Española, al panteón nacional para reposar al lado de los otros fundadores de la nación; […] la oficialización de las lenguas autóctonas y el cambio del nombre de la festividad del 12 de octubre, fecha de la llegada de Colón a las costas americanas, que se vuelve el "día de la resistencia indígena".[9]

[9]levar Guaicaipuro, heroico índio resistente no momento da conquista espanhola, ao panteão nacional para repousar ao lado dos outros fundadores da nação; [...] a oficialização das línguas

Em que medida nosso estudo se afasta da visão de historiadores e sociólogos? Qual é o diferencial que pode aportar uma visão da Análise do Discurso (doravante AD) no nosso foco de interesse, uma vez que o diálogo com estas ciências nos perpassa necessariamente? Partimos da premissa de que na AD a interdisciplinaridade é constitutiva, visto que se propõe articular saberes. Nosso interesse não radica em reconstruir uma sequência cronológica de fatos, para sempre perdidos no tempo, ou questionar a sua verdadeira essência ou natureza, mas sim aproximar-nos à invenção e ressignificação da data de 12 de outubro no mundo hispanofalante entendendo-as como acontecimentos discursivos, tentando estabelecer uma rede de sentidos entre diversas materialidades atreladas à data e observar, nesses elos, continuidades e descontinuidades.

Não nos limitaremos a fazer uma listagem lexicográfica dos nomes, das designações, antigas e novas adjudicadas à data. Como analistas do discurso sabemos que o processo designativo não é um gesto 'ingênuo', uma vez que 'diz' sobre o posicionamento ideológico do enunciador e orienta argumentativamente o discurso. Observar em nosso recorte o que tem mudado e aquilo que permanece o 'mesmo', isto é, observar as regularidades e as variáveis no recorte na época da instituição da data e na atualidade é nossa tarefa. Com esse propósito recorreremos às noções de arquivo, acontecimento discursivo, prática discursiva, memória discursiva, dispositivo e regime de enunciabilidade, aquilo que pode e deve ser lembrado e dito numa determinada conjuntura sócio-histórica (FOUCAULT, ([1965] 1995). Considerando as indagações formuladas logo no início desta introdução, e as redesignações mais recentes da data em algumas nações da América do Sul, formulamos nossas perguntas de pesquisa: como se institui e é designada a data oficial do 12 de outubro no mundo hispânico? Como se materializa, em enunciados provenientes de diversos âmbitos, a rede de restrições de sentidos (saberes, poderes e subjetividades) que possibilitou a instituição da data bem como suas reconfigurações?

A partir desse questionamento, expomos os objetivos desta tese:

---

autóctones e a mudança do nome da festividade do 12 de outubro, data da chegada de Colombo às costas americanas, que se torna o "dia da resistência indígena". (Tradução nossa)

- construir um arquivo constituído por diversas materialidades semióticas atreladas à data comemorativa do 12 de outubro no mundo hispânico, desde sua instituição até a atualidade;
- analisar a rede de sentidos (saberes, poderes e subjetividades) que possibilitou a instituição da data do 12 de outubro no mundo hispânico, bem como as reconfigurações e, consequentemente, depreendemos desse segundo objetivo:
- contribuir para a reflexão em torno da noção de hispanidade ao longo deste último século.

Para Foucault, construir um arquivo é observar regularidades e mudanças nessa configuração de enunciados. Aproveitamos para esclarecer que nosso recorte privilegia materialidades semióticas oriundas da América do Sul ligadas a aspectos culturais.

Retomando o parágrafo anterior, a singularidade de nosso recorte radica em ser um pequeno fragmento de una multiplicidade de gêneros e práticas, gerados em diversos âmbitos sociais em torno da data em questão, e que circularam e circulam ultrapassando as fronteiras de *uma* nação. Outra particularidade é que, além do foco contemplar diversas nações, nossa aproximação aborda um tempo histórico longo, quase um século desde a primeira instituição oficial da data.

Estimamos relevante resgatar tudo o que este estudo possa contribuir para esclarecer os deslocamentos de sentidos operados ao longo do século XX na noção de Hispanidade, aquilo que se inclui e se exclui. A hispanidade é assim definida pela RAE: "*1. Carácter genérico de todos los pueblos de lengua y cultura hispánica. 2. Conjunto y comunidad de los pueblos hispánicos*."[10] Pela minha experiência como cidadã e como professora, estimamos que essas definições são homogeneizadoras e não contemplam configurações e diferenças importantes que atravessam essa designação. Considerando os dados acima expostos, espera-se que a reflexão em torno da *Hispanidade* que se depreenda das análises de nosso recorte possa vir a contribuir para explicitar configurações significantes e polemizar a respeito de aquilo que aglutina os estudiosos e permeia o trabalho do professor de Espanhol.

Sobre a organização do trabalho

[10]*Diccionario de la Lengua Española*, 22da edição: 1. Caráter genérico de todos os povos de língua e cultura hispânica. 2. Conjunto e comunidade dos povos hispânicos. (Tradução nossa)

Finalizamos esta breve introdução apresentando a organização geral do trabalho: os capítulos 1 e 2 contemplam reflexões teóricas advindas das ciências humanas que balizam esta pesquisa, remetem à história da instituição da data comemorativa e seus deslocamentos e, em sequência, o embasamento teórico da Análise do Discurso (AD). Advertimos o leitor que ao longo desses capítulos, tendo em vista a natureza das orientações teórico-metodológicas adotadas pela AD, remetemos a textos que integram nosso recorte. Isso obedece tanto à própria singularidade da pesquisa quanto à metodologia e o encaminhamento adotados. Os capítulos 3 e 4 apresentam a constituição de nosso espaço discursivo e as análises, respectivamente. No mesmo capítulo 4, expomos os resultados e em seguida as considerações finais de nosso percurso. Esclarecemos que, ao longo do trabalho, colocamos tanto as citações quanto os recortes analisados na língua das versões disponíveis e em nota a pé de página a tradução para o português quando for o caso. Sobre os recortes originais em espanhol optamos por deixá-los nessa língua, com as traduções a pé de página, uma vez que nos textos mais antigos observamos terminologias em desuso e preferimos dar destaque à língua de origem.

CAPÍTULO 1 - A TRADIÇÃO DO 12 DE OUTUBRO: VELHOS MODELOS PARA NOVOS OBJETIVOS

> Frente a ellos, rodeados de helechos y palmeras, blanco y polvoriento en la silenciosa luz de la mañana, estaba un enorme galeón español. Ligeramente volteado a estribor, de su arboladura intacta colgaban las piltrafas escuálidas del velamen, entre jarcias adornadas de orquídeas. El casco, cubierto con una tersa coraza de rémora petrificada y musgo tierno, estaba firmemente enclavado en un suelo de piedras. Toda la estructura parecía ocupar un ámbito propio, un espacio de soledad y de olvido, vedado a los vicios del tiempo y a las costumbres de los pájaros. En el interior, que los expedicionarios exploraron con un fervor sigiloso, no había nada más que un apretado bosque de flores.
> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*.

Desde que o 'homem' se reconhece como tal, isto é, como parte integrante de um grupo social, civilização ou nação, celebra festas e cultos e relembra acontecimentos, antepassados. Como vimos na citação de Silva (2002) na introdução, o rememorar, o relembrar, é um processo individual, enquanto que o comemorar, o celebrar, tem relação com o processo de construção da memória coletiva.

Houve e há celebrações das mais variadas, algumas de caráter mais espontâneo e festivo e outras que, ao longo dos tempos, foram se institucionalizando, ou seja, foram adquirindo um viés mais formal, legitimado por alguma instância superior de comando do grupo social.

Essas práticas de interação social têm na língua sua forma de existência. Ela permeia e é parte constitutiva desses rituais compartilhados e repetidos. Algumas celebrações foram esquecidas, outras, encontram espaço na atualidade, ainda que transformadas. De um grupo de elas há registros, documentos e relatos; outras têm sido acolhidas pelo silêncio do esquecimento. Algumas, por ventura, silenciadas, podem ganhar terreno e ser instituídas: uma conjuntura política e social propicia que determinadas figuras, datas ou acontecimentos sejam (re)ssignificados.

A título de esclarecimento, mencionamos no Brasil um caso bem próximo, cronologicamente falando, e para isso recorro a meu conhecimento prévio e apelo à memória dos leitores brasileiros. Referimo-nos ao 20 de novembro, dia da morte do Zumbi dos Palmares em 1695, e que hoje se celebra como o Dia da Consciência Negra. Importa o que o líder quilombola simboliza, a resistência dos negros contra a escravidão. A data de Zumbi dos Palmares consta no calendário escolar nacional desde 2003, mas só foi instituída oficialmente em 2011 (Lei 12.519).

Gradativamente foi ganhando relevância e, atualmente, em mais de mil cidades e em vários estados brasileiros esse dia é feriado[11]. Mas, antes de 2003 Zumbi não era lembrado? Poderia ter sido lembrado oficialmente em 1950? Alguma conjuntura político-social, deve ter possibilitado essa lembrança. Damos este exemplo ilustrativo e próximo que, de alguma maneira, retoma algumas de nossas perguntas de pesquisa apresentadas na introdução.

Talvez as celebrações mais estudadas por antropólogos tenham sido as festas religiosas que, desde sua existência aos dias atuais, inseridas nas nações modernas, fazem parte do calendário oficial, e aquelas que apresentam um caráter mais profano, como é o caso do carnaval e suas diversas modalidades pelo Brasil. Algumas, segundo nosso conhecimento prévio, têm uma finalidade mítica; outras funcionam como válvula de escape de um grupo, um tempo em que certas normas sociais podem ser suspensas temporariamente; outro grupo inculca valores e são dotadas de mais solenidade.

Seja qual for a natureza da celebração (popular, religiosa ou cívica) todas elas visam ao fortalecimento do grupo, à constituição de sua identidade. Celebrações, festas e cultos foram objeto de interesse de antropólogos, filósofos, sociólogos e historiadores, sobretudo na segunda metade do século XX[12]. De fato, não é à toa que optamos por colocar na introdução deste trabalho, a modo de epígrafe, palavras do historiador Pierre Nora, a respeito das celebrações. O nosso objeto de estudo é uma data que, até o 12 de outubro de 1892, quatrocentos anos do 'descobrimento da América', não era celebrada oficialmente.

A seguir, apresentamos considerações de alguns autores que, advindos de diversos âmbitos acadêmicos, da história, dos estudos culturais e filosóficos, também se debruçaram sobre a questão das celebrações ou comemorações. Entre tantos, destacamos três autores: Hobsbwam, Hall e Dussel, respectivamente, e que apresentamos no próximo item.

---

[11]Para mais dados, remetemos o leitor a http://www.brasil.gov.br/governo/2014/11/mais-de-mil-cidades-tem-feriado-no-dia-da-consciencia-negra Acessado em: 20 nov. 2015.

[12] Mencionamos só dois dos principais autores: Mircea Eliade e Jean Duvignaud.

1.1 O que se diz nas ciências humanas

O conceito de 'tradição inventada', já mencionado numa citação na introdução, é alcunhado pelo historiador Eric Hobsbawm, quem assim a define e caracteriza, bem como destaca a importância de seu estudo que, necessariamente, é interdisciplinar:

> La "tradición inventada" implica un grupo de prácticas, normalmente gobernadas por reglas aceptadas abierta o tácitamente y de naturaleza simbólica o ritual, que buscan inculcar determinados valores o normas de comportamiento por medio de su repetición, lo cual implica automáticamente continuidad con el pasado. De hecho, cuando es posible, normalmente intentan conectarse con un pasado histórico que les sea adecuado. [...] la peculiaridad de las "tradiciones inventadas" es que su continuidad con éste es en gran parte ficticia. En resumen, hay respuestas a nuevas situaciones que toman la forma de referencia a viejas situaciones o que imponen su propio pasado por medio de una repetición casi obligatoria. Es el contraste entre el cambio constante y la innovación del mundo moderno y el intento de estructurar como mínimo algunas partes de la vida social de éste como invariables e inalterables, lo que hace que "la invención de la tradición" sea tan interesante para los historiadores de los dos siglos pasados. (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 08)[13]

Hobsbawm (2002 [1983]) estabelece ainda diferenças entre as tradições inventadas e os costumes e rotinas ou convenções. Enquanto estes três têm uma índole mais flexível e uma função pragmática, as tradições inventadas apresentam os traços de invariabilidade e sua função é simbólica. Além da formalização e ritualização (repetição), há referência a um passado. Sempre respondem a uma situação de grandes mudanças sócio-históricas. Propõem-se então 'velhos modelos

[13]Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] as "tradições inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a "invenção da tradição" um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. (HOBSBAWM, 1984, p. 09-10)

para novos objetivos', nas palavras do mencionado autor. " [...] la novedad no es menos nueva por el hecho de haber sido capaz de disfrazarse fácilmente de antigüedad. Más interesante, desde nuestro punto de vista, es el uso de antiguos materiales para construir tradiciones inventadas de género nuevo para propósitos nuevos". (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 12)[14] O interesse do estudo das tradições inventadas radica em que evidenciam, assinalam problemas ou mudanças sociais. Fazendo uma analogia, seriam um sintoma social a ser lido, interpretado, pelo estudioso.

Hobsbawm destaca a ligação próxima entre o surgimento das nações e as tradições inventadas. Parafraseada como 'engenharia social' (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 20), a tradição inventada cria uma continuidade histórica, propicia a criação de um hino, de uma bandeira, por exemplo, ou personifica "a nação" num símbolo ou uma imagem que pode se materializar em uma pintura ou em um monumento. (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 13-14)

Numa tentativa de classificação, Hobsbawm propõe três tipos superpostos de tradições inventadas desde a Revolução Industrial:

> a) las que establecen o simbolizan cohesión social o pertenencia al grupo, ya sean comunidades reales o artificiales; b) las que establecen o legitiman instituciones, estatus, o relaciones de autoridad, y c) las que tienen como principal objetivo la socialización, el inculcar creencias, sistemas de valores o convenciones relacionadas con el comportamiento. Mientras que las tradiciones de los tipos b) y c) se crearon artificialmente (como las que simbolizaban sumisión a la autoridad en la India británica), se puede sugerir provisionalmente que el tipo a) fue el dominante, y que las otras funciones se consideraban implícitas o surgidas de un sentido de identificación con la "comunidad" y/o las instituciones que la representaban, expresaban o simbolizaban como "nación". (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 16)[15]

---

[14] "A inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade. Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais". (HOBSBAWM, 1984, p. 13-14)

[15] a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade e, c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistema de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições do tipo b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma "comunidade" e/ou

Pode-se observar na caracterização apresentada pelo autor que as tradições inventadas estão atreladas à ideia de nação. São produtos e fazem parte de aquilo que subjetivamente cria um sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade imaginada. Vimos na introdução que a noção genérica de hispanidade remete a povo, comunidade, cultura e língua. No nível imaginário, essa unidade supera os limites dos continentes e acolhe a inserção do ex-colonizador junto aos povos ex-colonizados numa nova configuração.

O próprio autor aponta um "paradoxo" que qualifica como "curioso, embora compreensível". Esse paradoxo refere-se ao seguinte fato:

> Las naciones modernas y todo lo que las rodea reclaman generalmente ser lo contrario de la novedad, es decir, buscan estar enraizadas en la antigüedad más remota, y ser lo contrario de lo construido, es decir, buscan ser comunidades humanas tan "naturales" que no necesiten más definiciones que la propia afirmación. (HOBSBAWM, 2002 [1983], p. 21)[16]

Hall (2015), um dos mais reconhecidos autores atuais dos estudos culturais, também desenvolve a questão das identidades nacionais. A tradição inventada é abordada por Hall a partir de uma visão advinda dos estudos culturais, mencionada como uma das cinco 'estratégias discursivas', propostas por ele, para narrar a cultura de uma nação. Destacamos a que nos interessa, que é a tradição inventada. Um aspecto muito importante é que essas narrativas desenham identidades que são ambíguas, tanto temporalmente, entre a tentação de voltar para o passado e desafiar a modernidade, bem como entre imaginar-se uma nação única que acolhe diversas identidades.

---

as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a "nação". (HOBSBAWM, 1984, p. 17)

[16]O original da famosa obra de Hobsbawmestá escrita em língua inglesa, *The Invention of Tradition*. Consideramos oportuno esclarecer que observamos umas diferenças interessantes com relação à versão portuguesa desse fragmento (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984): "As nações modernas, com toda sua parafernália, geralmente afirmam ser o oposto do novo, ou seja, estar enraizadas na mais remota antiguidade, e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades humanas, "naturais" o bastante para não necessitarem de definições que não a defesa dos próprios interesses." (p. 21) (Destaques nossos que não poderiam fugir a nosso olhar enunciativo). Poder-ia-se dizer que a defesa dos interesses de uma nação atendem a uma necessidade de se afirmar, mas o como é dito isso é muito importante, refiro-me à modalização. A versão espanhola aponta para a autolegitimização de um discurso. Remetemos para a leitura de MAINGUENEAU (2008a), a respeito dos discursos constituintes.

> Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo "unificadas" apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto —como nas fantasias do "eu inteiro" de que fala a psicanálise lacaniana- as identidades nacionais continuam a ser representadas como *unificadas*. (HALL, 2015, p.36) (Sublinhado nosso)

Poder-se-ia entender a tradição inventada do 12 de outubro também como uma narrativa memorial cuja finalidade seria a de unificar. É interessante que Hall (2015), nesse fragmento, designa a ideia de uma cultura nacional unificada como dispositivo discursivo, dispositivo que é exercido na e pela linguagem, lugar de embate de forças. Esse entendimento é condizente com nossa perspectiva da AD que será desenvolvida no próximo capítulo. No caso da data do 12 de outubro, um desses projetos unificadores se reapropriou da noção de raça e da noção de hispanidade e as transformou para novos fins.

Hall (2015, p. 40) entende a globalização como fenômeno basicamente ocidental que provocará uma escolha entre três possibilidades: as identidades nacionais se desintegrarão; as identidades nacionais e locais oferecerão resistência ou bem novas identidades híbridas haverão de surgir. Destacamos alguns trechos de interesse para nossa pesquisa:

> [Comentando os argumentos de Kevin Robins] Assim, ao invés de pensar no global como *substituindo* o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o global" e "o local". Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. (HALL, 2015, p. 45) [...] "A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso". (ROBINS *apud* HALL, 2015, p. 47)

Esse transitar entre o antigo e o novo é abordado pelo filósofo Enrique Dussel (1990) quem resenha criticamente 6 posições interpretativas eurocêntricas sobre o significado do 12 de outubro de 1492 como: 'invenção' da América; 'des-coberta'; experiência da 'conquista'; começo da 'evangelização'; 'encontro' de dois

mundos; crítica profética da conquista (iniciada por Bartolomé de Las Casas e que teve seguidores na Teologia da Libertação) origem da 'modernidade'. Aponta um avanço ideológico das três últimas posições com relação às quatro primeiras. Sobre a interpretação de 1492 como 'encontro' de dois mundos salienta:

> Esta es una posición ideológica más reciente. Al intentar interpretar el 1492, ya en 1892 –que fue la primera vez que se celebró, como cuarto centenario, como descubrimiento-, las oligarquías latinoamericanas (desde la Argentina de Julio Roca hasta el México de Porfirio Díaz), y la propia monarquía española, encontraron dicha fecha oportuna para garantizar su propio poder. Por ello, era necesario exaltar la figura de Cristóbal Colón. Debe recordarse que el Papa León XIII, en 1892, escribió una encíclica en la que ponderaba la figura del descubridor (algunos incluso pensaron en presionar al Vaticano para beatificarlo). Era el momento de la reconciliación entre liberales y conservadores en América Latina, cuando la fundación del Estado había concluido su primera fase. Las celebraciones miraron más hacia y desde Europa, que hacia y desde el indio. No es difícil, entonces, que en este siglo -ante el quinto centenario-, dado el crecimiento de los movimientos indigenistas, la presencia de "populismos" (...) se desarrollara una ideología más conciliadora (a respecto del 'encuentro de dos culturas')... No obstante, al mismo tiempo muestra una gran ambigüedad. [17]. (DUSSEL, 1990, p. 23-24)

Dussel (1990), em diálogo com essas considerações, propõe um outro sentido do 1492, embasado na já mencionada Filosofia da Libertação, o de 'invasão' de um continente, na medida em que os habitantes autóctones foram considerados entes, coisas, e não foram respeitados como o Outro de outro mundo. O pensador interpreta a história desses sujeitos históricos, os pobres deste continente, como "uma história de resistências e de rebelião".

---

[17] Esta é uma posição ideológica mais recente. Ao tentar interpretar o 1492, já em 1892 – que foi a primeira vez que foi celebrado, como quarto centenário, como descobrimento -, as oligarquias latino-americanas (desde a Argentina de Julio Roca até o México de Porfirio Díaz) e a própria monarquia espanhola consideraram a data oportuna para garantir seu próprio poder. Por isso, era necessário exaltar a figura de Cristóvão Colombo. Deve-se lembrar que o Papa León XIII, em 1892, escreveu uma encíclica na que ponderava a figura do descobridor (alguns inclusive pensaram em pressionar o Vaticano para beatificá-lo). Era o momento da reconciliação entre liberais e conservadores na América Latina, quando a fundação do Estado tinha concluído sua primeira fase. As celebrações olharam mais para e a partir da Europa, do que para e a partir do índio. Não é difícil, então, que em este século - ante o quinto centenário -, devido ao crescimento dos movimentos indigenistas, a presença de "populismos" (...) se desenvolvesse uma ideologia mais conciliadora (a respeito do 'encontro de duas culturas')..., no entanto, ao mesmo tempo mostra uma grande ambiguidade. (Tradução nossa)

Com esta bagagem conceitual proveniente das ciências humanas, passamos ao item que trata da instituição da data, foco de nosso interesse.

1.2 A instituição da data do 12 de outubro

Começamos apontando que diversas práticas comemorativas pelo 12 de outubro vigoraram com força durante a primeira metade do século XX e resgatavam autores e personagens permeados de um valor e um espírito que foram reatualizados como resposta à conjuntura histórica e política daquele momento. A data, em suas primeiras celebrações, era denominada *Día de la Raza* e foi proposta por Faustino Rodríguez-San Pedro, advogado e ex-ministro espanhol, em 1913, época em que presidia a organização da *Unión Ibero-Americana*.

Lembremos um pouco o panorama mundial durante essa primeira metade do século XX: duas guerras mundiais, fascismo, expansionismo dos Estados Unidos, o nazismo e o comunismo se configuram em sistemas políticos.

Conflitos internos na Espanha adiaram a definição de uma data comemorativa nacional até que as celebrações pelo IV Centenário do Descobrimento da América em 1892, após a independência de Cuba e a perda de Porto Rico em 1898 para os Estados Unidos, últimos bastiões do poderio colonial espanhol na América, o crescente expansionismo dos Estados Unidos na América, a tentativa fracassada no norte da África e os próprios nacionalismos internos aceleraram a necessidade de reatar laços com as ex-colônias americanas, agora denominadas 'filhas' sob um novo prisma da política externa, cujo propósito era recuperar um prestígio perdido.[18]

[18]Segundo Meneses (2006, p. 159) O teor e a conjuntura das celebrações do I Centenário da Independência (1910) na Argentina diferiram em muito do Bicentenário (2010).“as elites de Buenos Aires comemoraram cem anos de Independência em 1910: aproveitaram a festa para colocar em andamento suas alianças com Europa, Estados Unidos e Chile, e fortaleceram as rivalidades com países que consideravam um perigo constante, como Brasil e outros que, embora não perigosos, se apresentavam enigmáticos; projetaram a imagem de país forte ligado à “raça ibérica”, num tipo de relações internacionais pragmáticas; estreitaram as relações com os vizinhos chilenos e com a Espanha, considerada a “mãe pátria” e tentaram, na sua política interna, esconder os graves problemas com os socialistas e anarquistas. Sendo assim, as *forças profundas* veicularam esse tipo de relações internacionais. Os argentinos queriam ver confirmada a imagem de potência

Na Espanha, em 1918, a data ganha estatuto de festa nacional e o modelo se espalha e é assim assumido por várias nações americanas, obtendo reconhecimento legal na península ibérica bem depois, só em 09 de janeiro de 1958. Por decreto, a festa nacional é batizada *Día de la Hispanidad*. É fundamental observar que já na Espanha, o 12 de outubro era e é celebrada uma festa religiosa em honra da padroeira nacional, a *Virgen del Pilar* e durante toda a semana acontecem festividades na sua homenagem. Na mesma data, na Espanha, se superpõe uma celebração a outra. A mesma referência da data é recoberta com outros sentidos. Essa justaposição outorga mais visibilidade à instituição da data e garante o trabalho da memória. Essa 'coincidência' também serviu para reforçar o entendimento da colonização e conquista da América como missão, em um sentido teológico atravessado pela religião cristã.

Na América a proposta de instituir a data do 12 de outubro como *Día de la Raza* foi acolhida rapidamente por muitos governos. Pelo nosso conhecimento prévio, os pronunciamentos comemorativos oficiais pelo 12 de outubro, proferidos por presidentes ou altos mandatários do governo, tratavam de um âmbito não de objetos materiais senão de dependências simbólicas e de parentesco. Esse vínculo exaltado com a 'mãe pátria' foi tão relevante que se materializou em outros domínios associados: na educação, nos posicionamentos políticos das Academias de Língua e Letras da América e na política externa de aquela época.

Sobre esse vínculo familiar tão especial pensamos em Anderson (2011), quem em sua clássica obra de referência para os estudiosos das ciências sociais, assim define o conceito de nação, guiado por uma visão antropológica: "uma comunidade política *imaginada* – e imaginada como sendo intrinsecamente *limitada* e, ao mesmo tempo, *soberana*" (p. 32). Imagina-se e não inventa-se, uma espécie de fraternidade horizontal que atravessa todos os integrantes que, sem se conhecerem, conformam esse conceito moderno aglutinante que se materializa em práticas.

---

do Cone Sul pela Europa e pelos Estados Unidos e ante seu rival de sempre, o Brasil." O autor aponta que após o I Centenário muitos lugares de memória foram instituídos para honrar à 'mãe pátria'. **As relações internacionais do Cone Sul à época do primeiro centenário da Independência na Argentina.** Meneses, Gerson G. Ledezma. *http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292006000100009&script=sci_arttext* **.** Acesso em: 11 fev. 2016.

Anderson (2011) afirma que na América, em nenhuma das florescentes nações a língua constituiu um problema naquele início (finais do século XVIII e começos do XIX) visto que os povos e líderes crioulostinham a mesma língua que os ex-colonizadores. O castelhano, língua vernácula, foi imposto aos indígenas americanos nos domínios da coroa espanhola.

> As guerras revolucionárias, por mais duras que fossem, ainda assim eram tranquilizadoras, na medida em que eram guerras entre parentes. Esse vínculo familiar garantia que, após um certo período de ressentimento, fosse possível reatar íntimos laços culturais, e às vezes políticos e econômicos, entre as ex-metrópoles e as novas nações (p. 262). [...] Foi justamente o fato de partilhar com a metrópole a mesma língua (e também a religião e a cultura) que havia possibilitado as primeiras criações de imagens nacionais. (ANDERSON, 2011, p. 268) (Destaques nossos)

Um prestigioso catedrático, o sociólogo argentino Ernesto Quesada, em 1918, explica em um artigo, publicado em uma revista de um centro de estudantes de uma renomada Instituição de Ensino Superior, *El día de raza y su significado en Hispanoamérica*, os motivos que levaram às nações a instituir essa data. Além disso, adotamos de ele o termo 'instituição" para referirmos a um acontecimento discursivo com efeito duplo, ao ato de instaurar, de fundar e, ao mesmo tempo, em termos de elevar uma construção à categoria de interesse público de uma nação resultante de essa ação. Aproveitamos para fazer uma observação: Quesada interpreta a instituição da data de 12 de outubro como uma 'defesa' perante as potências no panorama mundial da época, uma resposta que seria uma blindagem ideológica responsiva. Adiantamos que o mencionado texto também fará parte do próprio recorte. Isso se deve às características intrínsecas de nossa pesquisa que serão esclarecidas no capítulo 3.

No marco de finais da Primeira Guerra Mundial, Quesada (1918) divide o mapa hispano-americano de aquela época em dois: do Equador para acima há uma admiração e influência cultural por tudo que é anglo-americano, enquanto que as nações do sul o fazem pelo francês.

Continuando com o percurso histórico, Quesada enfatiza os permanentes interesses econômicos da Inglaterra na região e passa a retratar os movimentos

ideológicos polarizados, o pró-mãe pátria que se opõe ao movimento antiespanhol (hispanofobia)[19]. Este último movimento vigorou durante as guerras pela independência e a inícios do século XX no receio e inveja de algumas nações europeias. Depois de apresentar a caracterização do movimento ideológico pró mãe pátria, Quesada lista uma série de potências, além da Inglaterra, que representariam um perigo econômico para as nações hispano-americanas naquele momento: França, Alemanha, Estados Unidos e Japão. Perante as potências com interesses económicos na região, naquela época, cabia se defender estrategicamente da ameaça.

No último parágrafo, o autor, fazendo uso da primeira pessoa do plural, insta à união da Argentina e Chile, naquele momento, segunda década do século XX, "as duas nações hispano-americanas mais poderosas por seus recursos", e assim cumprimenta a instituição do 'día de la raza', bem como alerta sobre um eventual perigo:

> Para eso será de extraordinaria importancia el pan-hispanoamericanismo, si logra que España aproveche el momento histórico y se convierta en la proveedora económica de este continente: vería así el cielo abierto y llevaría así a buen puerto su ambiciosa pretensión. La institución del "día de la raza" tiene, pues, un significado especialísimo en estos momentos, que parece que haciéndonos del ojo está: no sólo servirá grandemente solícito y cuidadoso para estrechar esos vínculos históricos a que antes me refería, sino también, enderezando los pasos al fin, a encaminar en un sentido práctico y en el *terreno comercial* la acción de España en el mundo hispanoamericano; de lo contrario, *si se mantiene en el terreno de la ideología pura, será solo una de tantas doctrinas escabrosas para lo que hoy se usa en el mundo…*(QUESADA, 1918, p. 13-14)[20] (Destaques nossos)

---

[19]Esse termo, na realidade foi retirado do artigo "Nuestra lengua: vínculo espiritual de la raza" de Miguel de Toro y Gómez (p. 25-40), publicado no mesmo volume onde se encontra o artigo de E. Quesada.*Verbum* -Revista del Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras, año XII, no 46, oct. de 1918, p. 25-40. Disponível em: http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/inibi_nuevo/verbum1918.htm. Acessado em: 30 ag. 2014.

[20] Para isso será de extraordinária importância o pan-hispanoamericanismo, se consegue que Espanha aproveite o momento histórico e se converta na provedora econômica de este continente: veria assim o céu aberto e levaria assim a porto seguro sua ambiciosa pretensão. A instituição do "dia da raça" tem, pois, um significado especialíssimo em estes momentos, que parece nos advertir: não só servirá grandemente solícito e cuidadoso para estreitar esses vínculos históricos a que antes me referia, senão também, endireitando os passos para o fim, a encaminhar num sentido prático e no *terreno comercial* a ação de Espanha no mundo hispano-americano; caso contrário, *mantendo-se*

Cabe ressaltar que a escolha das designações inscreve uma polaridade entre dois posicionamentos ideológicos marcados no artigo de Quesada (1918). As designações instituem discursivamente a polaridade entre um movimento pró-Mãe Pátria (a favor da Espanha) e um movimento antiespanhol (hispanofobia), que teve início nas guerras pela independência das ex colônias e que, segundo o autor, persiste a inícios do século XX nos aduladores hispano-americanos ou espanhóis de outras culturas, a francesa, inglesa. Em artigo sobre *La exaltación de lo español en 1918: abordaje discursivo de una exposición sociológica*[21] (SÁNCHEZ, no prelo) colocamos em duas colunas as reescrituras designativas de esses dois posicionamentos ideológicos, segundo Quesada (1918)[22]. Na primeira coluna do quadro a seguir retiramos designações relativas ao movimento pró-Espanha, movimento ao qual Quesada adere. A partir desse posicionamento ideológico, na segunda coluna, constam designações do autor que interpretam e qualificam o movimento que se opõe a ele, o antiespanhol.[23]

QUADRO 1 – Designações relativas ao movimento pró-Espanha *versus* anti-Espanha

Movimento pró-Mãe Pátria (pró-Espanha)	**Movimento hispanofóbico anti-Espanha**
• "criadora de estas sociedades hispano-americanas" • "a imparcial verdade a seu antigo esplendor (Espanha)" • "comunidade de língua, hábitos,	• "exagerado" • "essa lente de hostilidade preconcebida a tudo o ibérico" • "esse preconceito" • "esse julgamento"

no terreno da ideologia pura, será só uma das tantas doutrinas escabrosas para o que hoje se usa no mundo… QUESADA, 1918, p. 13-14) (Destaques e tradução nossos).

[21] Comunicação apresentada no VIII Congresso da ABH, em 05.09.2014.

[22]Foram considerados também os sintagmas com adjetivos e pronomes possessivos, bem como os grupos nominais com o nexo relativo 'que', uma vez que nós os julgamos importantes no processo de qualificação.

[23] Sobre essa tentativa de compreender o posicionamento do Outro, Maingueneau aponta que "esses enunciados do Outro só são "compreendidos" no interior do fechamento semântico do intérprete [refere-se aos semas "negativos" rejeitados por cada discurso]…o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói. […] cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma". (2008a, p. 99-100)

tradições e mentalidade” • “a mãe pátria cujos feitos heroicos / cujos sacrifícios / seu grande poder / cujas destacáveis qualidades” • “um ponto de vista objetivo”	• “esse couro antigo”

Fonte: elaborado pela própria autora

Segundo Maingueneau (2001, p. 186-187) o uso do demonstrativo permite ‘recategorizar’ o termo retomado e, no artigo de Quesada (1918), qualifica negativamente aquilo sobre o que se fala/trata, e reforça, exalta a Espanha e a designa, pelo seu legado como “mãe pátria”.

Em outro fragmento de Quesada se explicitam ‘os estreitos laços invisíveis’ que unem a mãe com as filhas independentes. Lembremos que Anderson qualifica as lutas pela independência das pioneiras nações crioulas como ‘guerra entre parentes’:

> (sobre esa nueva orientación de la mentalidad hispanoamericana) ha hecho [...] que se aprieten más los estrechos lazos invisibles que el transitorio desgarramiento del siglo anterior no logró romper del todo, y que representan las ligaduras comunes del atavismo racial, de la unidad de lengua, del sedimento de la mentalidad, de las costumbres, de las creencias, de los criterios: de ahí la reciente tendencia que se esfuerza con impaciencia, trabajando impetuosamente, en propiciar el acercamiento de la antigua madre patria y de sus hijas independientes, con un pan-iberismo que, propiamente, es un verdadero y legítimo pan-hispanoamericanismo. (QUESADA, 1918, p. 7-8)[24]

A celebração de esses “laços invisíveis” no 12 de outubro foi, a partir de 1929, gradativamente mudando de nome. A designação *hispanidade* para a data começa a ganhar terreno. É interessante, e fato muito pouco conhecido, que foi um bispo católico basco, que morou na Argentina por 25 anos, Zacarías de Vizcarra

[24](sobre essa nova orientação da mentalidade hispano-americana) tem feito [...] que se apertem mais os estreitos laços invisíveis que o transitório desgarramento do século anterior não logrou romper totalmente, e que representam os vínculos comuns do atavismo racial, da unidade de língua, do sedimento da mentalidade dos costumes, das crenças, dos critérios: de aí a recente tendência que se esforça com impaciência, trabalhando impetuosamente, para propiciar a aproximação da antiga mãe pátria e de suas filhas independentes, com um pan-iberismo que, propriamente, é um verdadeiro e legítimo pan-hispanoamericanismo. (QUESADA, 1918, p. 7-8). (Tradução nossa)

Arana[25], quem num artigo de uma revista católica assim justifica a troca da designação, visto que considerava o termo *raça* pouco adequado. Posteriormente, em outras publicações, reafirma essa proposta de mudança designativa. O próprio 'inventor' da palavra afirma que ele só resgatou um termo já em desuso, registrado no dicionário da RAE, e acrescentou dois novos sentidos, atrelados a "Humanidade" e "Cristandade":

> Llamamos «Humanidad» al conjunto de todos los hombres del mundo, y denominamos también «humanidad» a la suma de las cualidades propias del hombre. Así decimos que toda la «Humanidad» mira con horror a los que obran sin «humanidad».
> De la misma manera llamamos «Cristiandad» al conjunto de todos los pueblos cristianos, y damos también el nombre de «cristiandad» a la suma de las cualidades que debe poseer un cristiano. Por eso decimos que, en la «Cristiandad», hay pueblos que no se distinguen mucho por su «cristiandad».
> Esto supuesto, nada más fácil que definir las dos acepciones análogas de la palabra «Hispanidad»: significa, en primer lugar, el conjunto de todos los pueblos de cultura y origen hispánico, diseminados por Europa, América, África y Oceanía; expresa, en segundo lugar, el conjunto de cualidades que distinguen del resto de las naciones del mundo a los pueblos de estirpe y cultura hispánica.[26]

Em nota da página 23apontamos que cada posicionamento, discurso, rejeita determinados sentidos. A esse respeito observa-se que na definição de hispanidade, proposta por Vizcarra Arana, ficam apagadas as 'estirpes e culturas' dos povos indígenas, negros e mestiços.

---

[25] Informações e fragmentos de textos disponíveis em: http://www.filosofia.org/ave/001/a216.htm. Último acesso em 15 mar. 2016. Em essa mesma página consta que: Se tituló «Himno a la Raza» el que compuso para el 12 de octubre del mismo año el patriota español don Félix Ortiz y San Pelayo, y fue cantado solemnemente en el teatro Colón por cinco masas corales reunidas.» (Zacarías de Vizcarra,«Origen del nombre, concepto y fiesta de la Hispanidad», *El Español,* 7 de octubre de 1944, páginas 1 y 13.).

[26] Chamamos «Humanidade» ao conjunto de todos os homens do mundo, e denominamos também «humanidade» à soma das qualidades próprias do homem. Assim dizemos que toda a «Humanidade» olha horrorizada para os que obram sem «humanidade».
Da mesma forma chamamos «Cristandade» ao conjunto de todos os povos cristãos, e damos também o nome de «cristandade» à soma das qualidades que deve possuir um cristão. Por isso dizemos que, na «Cristandade», há povos que não se distinguem muito pela sua «cristandade».
Assim colocado, nada mais fácil do que definir as duas acepções análogas da palavra «Hispanidade»: significa, em primeiro lugar, o conjunto de todos os povos de cultura e origem hispânico, disseminados pela Europa, América, África e Oceania; expressa, em segundo lugar, o conjunto de qualidades que distinguem do resto das nações do mundo aos povos de estirpe e cultura hispânica.

Esse vínculo entre essa hispanidade ressignificada e o catolicismo foi tão intenso que, em 1933, o Episcopado Argentino institui o caráter litúrgico da festa do 12 de outubro. (TATEISHI, s/d, p. 42-43)[27]

1.3 Os deslocamentos designativos da data do 12 de outubro

Retomando o que foi apontado no item 1, na Espanha, pelo Real Decreto 3217/1981, a designação *Día de la Hispanidad* ganha um adendo passando a denominar-se *Fiesta Nacional de España y Día de la Hispanidad*. Logo, desde 1987, e atendendo à lei 18 (BOE 241/1987), a data é chamada *Día de la Fiesta Nacional de España* na qual o descobrimento da América é lembrado e celebrado como uma das façanhas integrante da história da Espanha.

Para melhor entender o que aconteceu ao longo desse tempo é preciso considerar que durante a primeira metade do século XX predominou uma maneira única, monolítica, de entender a unidade cultural de cada nação que dá lugar, na segunda metade de esse século, ao multiculturalismo. Heymann (2007, p. 16-17) aponta que, em escala mundial, esse processo foi motivado por: desmembramento da União Soviética, descolonização da África, constituição de novos blocos econômicos (UE e MERCOSUL), processo de globalização e movimentos migratórios. Grupos inteiros que tinham permanecido no esquecimento, no caso os descendentes remanescentes de diversas comunidades indígenas, lutaram pelos seus direitos e reivindicaram seu lugar na memória agora transformada em valor, a memória como dever moral de reconhecer múltiplas identidades e respeitar seus direitos. Lembremos os movimentos dos indígenas em Chiapas (México) que se desenvolveram na década de 90.

Retomaremos algumas informações já apresentadas na introdução. Na América, especificamente na Venezuela, registra-se a primeira mudança significativa na designação da data foco de nossa atenção. A partir da organização

[27] Disponível em: https://www.academia.edu/912936/Zacar%C3%ADas_de_Vizcarra_y_La_vocaci%C3%B3n_de_Am%C3%A9rica_Apuntes_sobre_la_Hispanidad_y_el_nacional-catolicismo. Último acesso em 15 mar. 2016.

política das comunidades indígenas da América Latina, é chamada *Día de la Resistencia Indígena*, por decreto nº 2028 do presidente Hugo Chávez Frias desde o 10 de outubro de 2002.[28] Em estes últimos tempos, essa designação tem se disseminado por vários países da América Hispana. Isto é, no calendário oficial a data ainda é comemorativa, mas o que é relembrado, como, e com que finalidade parece ter mudado. A nova designação já aponta para uma força que se opõe e não cede a outra. Recordemos que no início desta pesquisa mencionamos que as comemorações do Bicentenário das Independências das ex-colônias na América parecem ter reativado um ideário libertário. Assim também, por exemplo, por decreto 1584/2010 sobre feriados nacionais e dias não laboráveis da ex-presidente argentina, Cristina Kirchner, a data foi redesignada como *Día del Respeto a la Diversidad Cultural.*[29] Mais recentemente a CAN (Comunidad Andina, cujos países integrantes são: Bolívia, Peru, Colômbia e Equador), em um documento datado de 2011, propôs numa mesa de discussões que os países signatários designassem a data do 12 de outubro como *Día de la Descolonización Continental*. Essas redesignações assinalam deslocamentos que instigaram nossa curiosidade. Em um mesmo movimento afirma-se a continuidade da colonização ao mesmo tempo que o prefixo assinala uma ação contrária de luta. Esses documentos também foram incluídos em nosso recorte[30].

A data parece que não podeser passada por alto. Algo tem que ser dito ou feito e isso ultrapassa os limites geopolíticos das nações hispanofalantes, tal é sua força. É o caso de uma organização internacional, mencionada na apresentação, a ONU, cujo Departamento de Informação Pública, em 19.02.2010, aprovou que o 12 de outubro seja celebrado, nesse organismo, o *Dia do Idioma Espanhol nas Nações Unidas*[31].

A seguir, reunimos em forma de quadro, em ordem cronológica, as diversas designações oficiais outorgadas à data por diversas nações, acompanhada de observações de interesse:

---

[28] www.mci.gob.ve/pagina/2/5649/completa.html Última consulta realizada em 03 mar. 2010.
[29] www.boletinoficial.gov.ar Consulta feita em 26 jan. 2012.
[30] Disponível em www.comunidadandina.org/2011/**MESA**%201.pdfAcessado em: 01 set. 2015.
[31] http://www.un.org/press/en/2010/obv853.doc.htm Acessado em: 24 out. 2015,documento OBV/853-PI-1926

QUADRO 2 – Cronologia: nação e designação do 12 de outubro[32]

ANO DA INSTITUCIONALI-ZAÇÃO DA DATA	NAÇÃO	DESIGNAÇÃO OFICIAL DA DATA	OBSERVAÇÕES
1915	Uruguai	Dia das Américas	Conhecida também como Dia da Raça
1917	Argentina	Dia da Raça	Publicado em BO de 11.10, nº 7.112, p. 1
1918	Espanha	Festa da Raça	Lei de 15.06[33]
1921	Venezuela	Dia da Raça	Por lei em 11.06 Derrogada por lei em 17.06.1971
1922	Chile	Aniversário do Descobrimento da América	Conhecida como Dia da Raça Decreto 3.810
1929	México	Dia da Raça	Diário Oficial de 11.10
1939	Colômbia	Dia da Raça/Dia da Hispanidade	Segundo Stavans, conhecida também como Dia do Descobrimento / Lei 35
1958	Espanha	Dia da Hispanidade	Decreto de 10.01, Publicado em BO, nº 34, p. 203-204
1968	Costa Rica Guiné Equatorial	Dia do Descobrimento e da Raça Dia da Independência	
1981	Espanha	Festa Nacional da Espanha e Dia da Hispanidade	Real Decreto 3.217, publicado em BO de 01.01.1982, nº 1, p. 3
1987	Espanha	Festa Nacional da Espanha	Lei 18, publicada em BO de 08.10, no 241, disposição 22.831, p. 30.149
1994	Costa Rica	Dia das Culturas	
2000	Chile	Dia do Encontro de Dois Mundos	Decreto 19.668
2002	Venezuela	Dia da Resistência Indígena	Decreto 2.028 de 10.10, publicado nessa mesma data na Gaceta oficial
2008	Nicarágua	Dia da Resistência Indígena	
2009	Peru	Dia dos Povos Originários e do Diálogo Intercultural	Decreto 29.421 In: docs.peru.justia.com
2010	Argentina	Dia do Respeito à Diversidade Cultural	Decreto 1584, publicado em BO de 03.11, nº 3.220, p. 2-3
2011	Bolívia	Dia da Descolonização	Decreto 1005 de 12.10

[32]Não obtivemos informações relativas a que a data seja, ou tenha sido, comemorada em: Paraguai, Panamá, Guatemala. Da República Dominicana, Porto Rico, Equador, as informações não indicavam fontes. Em Cuba é comemorado o dia 10.10, data do início da Guerra contra Espanha.

[33]Todos os dados relativos a Espanha foram retirados de http://www.filosofia.org/ave/001/a224.htm Consulta realizada em: 06 abril 2012.

		Continental	

Fonte: elaborado pela própria autora

Gostaríamos de justificar a não inclusão dos Estados Unidos no quadro 2. No país do norte e desde 1792, celebra-se o 12 de outubro, data conhecida como *Columbus Day*, momento no qual as chamadas comunidades latinas, longe de seus países de origem, bem como seus descentes, confraternizam um elo cultural comum. É sabido que há uma enorme comunidade de imigrantes de México, Porto Rico, Cuba, uma chamada 'minoria', cada vez mais cobiçada pelos políticos, mão de obra muito numerosa e barata que sustenta o sistema, por oposição aos anglo-saxões. Sem entrar na discussão sobre a designação latino/Latinoamérica, diremos que há autores que consideram essa hispanidade, uma, justamente, entre outras, com características particulares. Tanto é assim que Stavans e Jaksic (2011) lhe dedicam um capítulo especial do seu ensaio[34]. Sobre a inclusão da Guiné Equatorial no quadro 2 diremos que chamou nossa atenção o fato da nação africana, que também foi ex-colônia espanhola, ter escolhido sintomaticamente o 12 de outubro como data da independência[35].

A continuação, alguns esclarecimentos ainda sobre o quadro 2. Na coluna – observações, onde diz 'conhecida (a data) como' apontamos para um saber que circula, seja na modalidade virtual ou impressa, sem citar o autor ou a fonte para se referir a como a data era conhecida informalmente. No caso da Nicarágua e da Costa Rica não obtivemos sucesso na busca pela informação dos números dos decretos, mas, como várias páginas de internet coincidiam tanto nos anos quanto nas designações da data, decidimos assim mesmo incluir essas nações.

Apresentadas as justificativas e esclarecimentos pertinentes, pode-se observar no quadro 2 que: constatamos (1) um apagamento gradual da designação 'raça' para a data; (2) que o mesmo acontece com a posterior designação 'hispanidade', em grau menor; (3) que entre 1939 e 1958 (quase duas décadas)

[34]Em especial o capítulo 3, titulado *El evangelio yanqui* (para mais detalhes, ver Referências bibliográficas).

[35]Justificamos a exclusão das Filipinas no quadro 2 uma vez que o espanhol deixou de ser língua oficial desde 1973, passando a ser língua opcional no ensino médio. Segundo estatísticas, atualmente só um 2% da população fala espanhol. Esse fato, porém, não invalida que a data seja comemorada. Para mais informações remetemos o leitor para consulta na internet com as palavras chave *Filipinas* e *hispanidad.*

parece não ter havido deslocamentos, mudanças, na designação da data; (4) que esse período coincide com o isolamento político internacional da ditadura franquista na Espanha; (5) que surgem outras designações para a data que destacam o respeito, a pluriculturalidade, os povos indígenas ou bem enfatizam um movimento de oposição contra um sistema opressor, tal é o caso de 'descolonização' e 'resistência'; (6) que essas mudanças designativas começam em 1994, dos anos após o V Centenário do Descobrimento da América[36]; (7) dos quatro atuais países integrantes da CAN, só a Bolívia tem adotado a (re)designação sugerida pela Comunidade Andina.

Precisamos apontar outro dado importante no que se refere ao ponto (7). Os quatro atuais países integrantes da CAN são: Bolívia, Peru, Colômbia e Equador, cujas populações são maioritariamente indígenas e mestiças, contrastando, e muito, com a composição populacional de Argentina, Uruguai e Chile, maioritariamente descendentes de europeus.

Observadas algumas das contribuições teóricas provenientes das ciências humanas relativas ao 12 de outubro no mundo hispânico e, feito um relato da instituição da data e suas redesignações, introduzimos nosso próximo capítulo. Nele apresentaremos nosso embasamento teórico e a escolha dos conceitos norteadores de nossa pesquisa seguidos de considerações a partir de um olhar discursivo.

[36]Lembremos os debates em torno à designação *'Encuentro' de dos Mundos* para o V Centenário do Descobrimento da América.

CAPÍTULO 2 - OS CONCEITOS NORTEADORES

A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência.
(FOUCAULT, 1995, p. 128)

Neste segundo capítulo apresentamos os conceitos que norteiam esta pesquisa a partir do aporte teórico da AD francesa, e de acordo com proposições advindas dos estudos enunciativos que consideram em suas análises a materialidade linguística (MAINGUENEAU, 2001, 2008a, 2008b, 2015). Cabe ressaltar que a AD é uma disciplina *entre*, visto que se constitui em um espaço interdisciplinar, no diálogo com outros campos do saber. No caso de esta tese, estabelecemos um diálogo com as ciências humanas, como a história (ANDERSON, 2011; HOBSBWAM, 1984; LE GOFF, 1990), a filosofia (DELEUZE, 1990, 1995; DUSSEL, 1990; FOUCAULT, 1995) e os estudos culturais (HALL, 2003, 2015; SANTOS, 2010).

Como disciplina interpretativa se distancia das proposições evidentes e questiona a aparente transparência da linguagem. A AD também incorpora em seus fundamentos a visão dialógica da linguagem inaugurada por Bakhtin (2000) assim como a importância do estudo dos gêneros do discurso. Sob este olhar, entende-se que o diálogo não se restringe a uma troca de palavras num *aqui* e *agora* entre os *interlocutores*, esta visão dialógica abrange a história e a memória de enunciados anteriores. Em essa via, segundo o autor:

> O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" é aqui empregada no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 2000, p. 316).

Essa visão dialógica da linguagem remete àquilo que já foi dito. Nesse sentido nem todo enunciado será ou merecerá, numa determinada conjuntura, ser lembrado, repetido, parafraseado ou conservado sob condições específicas, como

se verifica nos decretos e pronunciamentos oficiais que constituem nosso arquivo. Outros enunciados que circulam em outros âmbitos integram essa rede de memória como, por exemplo, em notícias de jornal. Senão vejamos a retomada de palavras ditas por Simón Bolívar, numa visita a Juana Azurduy, heroína da independência da Bolívia, em 1825. Passados 90 anos, em notícia recente, publicada na seção de internacionais de um jornal, cujo foco é a substituição do monumento a Colombo pelo de Azurduy, o enunciador jornalista resgata uma frase que, para essa comunidade, mereceu 'passar para a história'. Essa frase memorável de Simón Bolívar foi e é: "Este país no debería llamarse Bolivia en mi homenaje, sino Padilla[37] o Azurduy, porque son ellos los que lo hicieron libre" (*El País*, 16.07.2015)[38]. Na narrativa informativa do enunciador jornalista sobre a substituição do referido monumento, que será exposta em 4.3.2, isto é, no intradiscurso, irrompe um saber histórico de índole interdiscursiva, a memória retoma um enunciado dito por um dos heróis da independência sul-americana, enunciado resgatado e repetido ao longo de gerações.

Também a duração da preservação de determinados enunciados pode ser variável. Maingueneau (2015, p. 149-155) denomina como 'memorabilidade' a essa capacidade do enunciado de tornar-se retomável. Deste modo, tendo introduzido este capítulo com algumas considerações sobre a relação entre linguagem e memória, passamos a apresentar, em primeiro lugar, a noção de arquivo uma vez que sua construção é um dos objetivos de esta tese.

2.1 O arquivo

Na obra *Arqueologia do saber*, Foucault afirma ser tarefa do arqueólogo, construir um método de investigação, a partir do saber filosófico e da análise do discurso, que ajude a entender como se estabelecem nas práticas sociais articulações entre possibilidades de pensar, dizer e fazer, identificar: "a lei do que

[37]Manuel Ascenio Padilla, militar e marido de Juana Azurduy que lutou pela independência.

[38]http://internacional.elpais.com/internacional/2015/07/16/actualidad/1437009101_854863.html Última consulta em 06 fev. 2016. 'Este país não deveria se chamar Bolívia na minha homenagem, senão Padilla ou Azurduy, porque são eles que o fizeram livre'. (Tradução nossa)

pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (1995 [1969], p. 149). Sob o olhar foucaultiano, entende-se arquivo não no sentido comum da palavra, como conjunto de documentos guardados, mas como prática elevada à categoria de monumento. Essa mudança é possibilitada por uma nova visão da história. "O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa." (FOUCAULT, 1995 [1969], p. 8). Entre a língua e o *corpus* está o arquivo que assim é caracterizado: o trabalho arqueológico consiste em constituir o arquivo a ser "escavado", e nele buscar entender como determinados discursos se instituem e autorizam, como funcionam submetidos a regularidades e dispersões, em determinado período. Todo e qualquer arquivo sob esta perspectiva, além de ser uma construção proposta pelo pesquisador, é descritível de maneira sempre parcial, fragmentária, afastando-se de uma compreensão de arquivo como totalidade dos textos acumulados por uma civilização. O arquivo, assim concebido, está longe de ser um algo inerte que reúne documentos cujos denominadores comuns são datas, nomes ou instituições. "O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes" (GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D., 1994, p. 163-4).

Permite compreender

> [...] uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. Não tem o peso da tradição; não constitui a biblioteca sem tempo nem lugar de todas as bibliotecas; mas não é, tampouco, o esquecimento acolhedor que abre a qualquer palavra nova o campo de exercício de sua liberdade, *entre a tradição e o esquecimento*, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e transformação dos enunciados* (FOUCAULT, 1995 [1969], p. 150)(Destaques nossos).

É interessante apontar que essa região *entre* a tradição e o esquecimento é privilegiada na medida em que é a partir de esse lugar que podemos depreender o que permanece e como, aquilo que se exclui e se inclui nos enunciados. Seguindo

essa perspectiva, os estudos enunciativos, ao considerar a materialidade linguística, possibilitam depreender uma série de relações complexas de sentidos, de estratégias que perfilam um sistema de formação dos enunciados bem como a transformação deles.

Maingueneau (2003) desloca a noção de arquivo, no lugar de formação discursiva (a ser abordada em 2.4), para a Análise do Discurso e justifica que para investigar as regularidades dos enunciados, faz-se necessário ao analista

> [...] delimitar los tipos de corpus en los que se interesa la Escuela francesa, enunciados que provienen de un mismo posicionamiento sociohistórico; subrayar (a través de la polisemia del antecedente etimológico de *archivo*, la palabra griega "*archéion"*) que estos corpus son inseparables de una memoria y de instituciones que les otorgan su autoridad y, al mismo tempo, adquieren autoridad a través de ellos.[39] (MAINGUENEAU, 2003, p. 18) (Sublinhados do próprio autor)

Em esse sentido lembramos das instituições governamentais que percorremos, justamente dedicadas a preservar documentos que fazem parte de nosso arquivo. Fundamentalmente inapreensível em sua suposta e imaginada totalidade, eis o que foi experimentado ao longo do estudo ao nos depararmos cada vez mais com materialidades semióticas dispersas que dizem respeito à data oficial do 12 de outubro no horizonte hispânico, nosso objeto de estudo. Além disso, só podemos descrever o arquivo por oposição a outro regime de enunciabilidade que não seja atual:

> A análise do arquivo comporta, pois, uma região privilegiada: ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade, trata-se da orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade; é aquilo que fora de nós, nos delimita. A descrição do arquivo desenvolve suas possibilidades (e o controle de suas possibilidades) a partir dos discursos que começam a deixar de ser os nossos. (FOUCAULT, 1995 [1969], p. 150-151)

[39][...] delimitar os tipos de corpus pelos quais se interessa a Escola francesa, enunciados que provêm de um mesmo posicionamento sócio-histórico; sublinhar (através da polissemia do antecedente etimológico de *arquivo*, a palavra grega "*archéion"*) que esses corpus são inseparáveis de uma memória e de instituições que lhes conferem sua autoridade e, ao mesmo tempo, adquirem autoridade através deles. (Tradução da autora da versão espanhola. Foram respeitados os sublinhados)

Pelo exposto, avaliamos que diversas práticas semióticas atreladas à instituição da data do 12 de outubro pertencem a essa região privilegiada acima descrita pois sua leitura provoca na atualidade um efeito de raridade, de estranheza, naquele que não pertença à comunidade hispânica que celebra ou celebrava a data, algo que se apresenta como não evidente. Estimamos importante destacar a última parte do trecho de Foucault acima citado: "a partir dos discursos que começam a deixar de ser os nossos", uma vez que aponta, indica uma alteridade, outro regime de enunciabilidade que se apresenta como um saber que produz 'verdades' mais atuais. Ao mesmo tempo, também o autor afirma que coexistem discursos mais antigos, mais tradicionais, junto com outros novos que começam a se perfilar. Esse entendimento da dimensão temporal dos regimes que dialogam, dos enunciados que dialogam com o passado e com o futuro, possibilitou enriquecer uma série de noções que a seguir expomos.

2.2 As práticas e os acontecimento discursivos

É importante esclarecer que não trataremos nesta pesquisa do fato histórico, em um tempo perdido para sempre, neste caso, a chegada do Cristóvão Colombo ao que depois seria conhecido como o Novo Mundo, mas sim do acontecimento discursivo que é construído com enunciados nas diversas materialidades discursivas geradas pela instituição oficial da data comemorativa. Nosso posicionamento não concebe a história como uma sequência de fatos passados estáticos, pelo contrário, entendemos que como sujeitos inscritos na história, nossa temporalidade sempre intervém nas nossas leituras. Esses enunciados se projetam temporalmente de um presente para um futuro, e essa prospecção temporal do sentido é possível na medida em que se recorta um passado que precisa, numa determinada conjuntura histórico-social, ser lembrado:

> A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de

> futuro. É nessa medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação. (GUIMARÃES, 2002, p. 12)

Falar em acontecimentos em vez de fatos ou eventos implica assumir que o enunciado está inscrito na história, ir além do contexto material, entender que o acontecimento temporaliza e possibilita ao analista do discurso 'puxar um fio' e descrever uma rede de sentidos que se entrelaçam em diversos planos, fazer enlaçamentos, ligar diversos aspectos que só por esse gesto interpretativo adquirem outra dimensão.

Castro (2009, p. 24-28), reconhecido estudioso da obra de Foucault, elenca quatro acepções sobre o acontecimento ao longo da obra do pensador francês: como ruptura histórica, na medida em que pode instaurar uma nova *episteme*; se em vez do novo o acento recai nas recorrências, o acontecimento será regularidade; se a ênfase está nos processos de transformação, o acontecimento é entendido como relação de forças, nem ruptura radical, nem continuísmo mecânico. A quarta acepção refere-se ao trabalho de acontecimentalização. É com esse termo que Foucault designa seu método de trabalho. Assim, os enunciados são descritos como acontecimentos discursivos e postos em relação entre eles. Perante o risco de reduzir nossas análises à tradição ou ao destino, preferimos ler as descontinuidades, as regularidades e entender o acontecimento discursivo como luta, relações de força, o que é mais condizente com a noção de dispositivo que adotamos.

> E preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. (FOUCAULT, 1984, p. 18)

Uma visão semelhante opera no entendimento do analista do discurso quando fala em práticas discursivas, no sentido de dar ênfase às comunidades discursivas que realizam produções ou, invertendo os termos, toda produção é de

e implica uma comunidade discursiva. Falar em práticas discursivas é, ao mesmo tempo, entender a linguagem como ação social, bem como entender que uma comunidade discursiva "é cimentada por discursos que são produto dessa mesma comunidade" [...] além de "um modo de organização social e um modo de existência de textos". (MAINGUNEAU, 2008b, p. 44-45) Nas palavras de Rocha (2014, p. 622), "a constituição de uma dada comunidade discursiva e a produção textual são as duas faces de uma mesma moeda, não havendo qualquer possibilidade de se estabelecer uma relação de causalidade linear entre ambas".

Como se pode constatar, ao falar de acontecimento discursivo, mencionamos várias vezes o termo 'relações', e são justamente relações de sentidos que nos cabe depreender. Com a pertinente imagem de uma 'rede', passamos ao conceito de dispositivo.

2.3 Um dispositivo memorial

Nosso recorte reúne: duas bandeiras, um hino, notícias impressas com fotos de desfiles e notícias que circulam na internet, diário de debates de Câmeras de Deputados e Senadores, decretos, pronunciamentos, matérias em revista infantil, publicidades, artigo acadêmico, sugestões de trabalho para o professor disponíveis em internet e fotografias.

Perante tamanha diversidade de práticas e de gêneros que circulavam e não cessam de circular por diferentes âmbitos sociais, percebe-se por que a noção de *dispositivo* torna-se necessária para dar início à constituição do recorte, uma vez que permite estabelecer relações entre elementos heterogêneos e que respondem a uma urgência. Trazemos a noção de dispositivo, seu sentido e função delimitados na *Microfísica do poder* pelo pensador francês:

> Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é

> a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...] entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. [...] O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. (FOUCAULT, 1984, p. 138-139)

A instituição da data de 12 de outubro responde a uma urgência. Segundo Quesada (1918), no final do século XIX e inícios do XX, frente à ameaça representada pelas potências econômicas da época e, em especial, o crescente expansionismo norte-americano, a Espanha numa tentativa de recuperar o prestígio internacional perdido, ressignifica essa data exaltando a língua, valores morais e a fé cristã como constituidores, pilares para a construção de uma comunidade hispana (imaginada, no sentido de Anderson, 2011).

A noção de dispositivo nos permite compreender não só a "rede de relações que podem ser estabelecidas" entre diversas práticas e produções discursivas heterogêneas, constituídas a partir da instituição da data comemorativa do 12 de outubro, como também identificar "a natureza do nexo" que se estabelece entre elas como resposta a uma mesma finalidade que urge: o que permanece, o que muda, se transforma, nos enunciados atrelados à data. Foucault observa vários aspectos ou planos, todos no mesmo nível de importância e imbricados: a criação de objetos, de estratégias, de conceitos e de formas de enunciar.

Somos cientes que Foucault, após sua *Arqueologia,* deixa de lado a noção de dispositivo e adota a de prática discursiva. A esse respeito, no âmbito dos estudos de linguagem, Maingueneau interpreta a noção de prática discursiva como a redefinição do próprio objeto de estudo:

> Mais valeria definir nosso objeto não como o discurso, mas como a *prática discursiva*, seguindo nisso, em parte, a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao "sistema de relações" que, para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito de enunciação pode ocupar. Assim, evitaremos dissociar os componentes de uma inscrição social e semântica polimorfa, destinada a estruturar a complexidade de uma relação com o

> mundo para uma coletividade, real ou virtual. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 136)

Neste trabalho, propomos um entendimento da noção de dispositivo como criação, invenção coletiva responsiva a um algo interpretado como problema ou necessidade social por um grupo ou comunidade.

Segundo Foucault, o dispositivo relaciona-se à memória posto que um enunciado estabelece relações com outros enunciados aos quais está ligado, ao mesmo tempo que "mostra que outras formas de enunciação exclui" (FOUCAULT, 1995 [1965], p. 31). O autor destaca a respeito do enunciado:

> [...] *um enunciado* é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente *no campo de uma memória*, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque *está ligado não apenas a situações que o provocam, a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e seguem*. (FOUCAULT, 1995 [1965], p. 32) (Destaques nossos)

Entendemos que essa 'modalidade inteiramente diferente' perfila o que posteriormente Courtine ([1981] 2009) formulará como a noção de memória discursiva no campo da AD, outra noção norteadora e imprescindível em nossa pesquisa.

2.4 A memória discursiva

A noção de memória discursiva atravessa nosso trabalho uma vez que, perante determinada conjuntura histórico-social (re)cria-se um passado, passado esse que 'ecoa' em diversos âmbitos sociais e pode antecipar, de alguma maneira,um tipo de regime de enunciados por vir. Em outras palavras, aquilo que foi silenciado numa determinada conjuntura pode ser dito em outra ou um foco ou

aspecto que estava relegado vir a ganhar destaque numa outra configuração. Cabe ressaltar que o movimento inverso também é possível.

Inspirado em Foucault, essa designação é adotada por Courtine, em 1981, no intuito de melhor caracterizar e articular teoricamente suas análises sobre o discurso político. Segundo Paveau (2013, cap. 3) a concepção de memória discursiva é tributária de Halbwachs no que diz respeito a seu *caráter coletivo* e não individual, é tributária de Foucault na sua *Arqueologia*, na medida em que o autor assinala para a *existência histórica do enunciado*, enunciado que reverbera em *domínios associados* outros. Ainda, e sobretudo, Moirand (*apud* PAVEAU, 2013, p. 103-104) resgata o quanto a *visão dialógica* de Bakhtin é devedora para o surgimento da noção da memória discursiva, uma vez que relações são estabelecidas entre os discursos, há memória de dizeres mas há também sentidos de palavras que são transformados.

Mas antes de apresentar a noção de memória discursiva, é preciso falar suscintamente sobre outras duas atreladas a ela, a noção de *formação discursiva* (FD) e a de *domínio associado.*

Entre as múltiplas definições de FDs existentes na AD, adotamos uma das formuladas por Orlandi (2011), pois a consideramos mais condizente com a perspectiva de dispositivo que adotamos nesta pesquisa:

> As diferentes formulações de enunciados se reúnem em pontos do dizer, em regiões historicamente determinadas de relações de força e de sentidos: as formações discursivas. [...] Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeito, dos sentidos, e isso só é possível, já que o sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos). As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. [Sobre a concepção de língua como sistema abstrato e transparente] porém se a concebemos –na perspectiva discursiva- como materialidade, essa materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos. Essa perspectiva devolve a opacidade do texto ao olhar do leitor. (ORLANDI, 2011, p. 20-21)

Resgatamos essa concepção que entende a língua como lugar de embate de sentidos que dizem respeito a posicionamentos em pugna.Já sobre os domínios associados, noção necessariamente emparentada à de FD, Courtine (2009, p. 89) aponta que "consiste em uma *rede de formulações* nas quais o enunciado se insere e forma elemento". Não existe enunciado isolado, e o domínio associado do enunciado compreende: um plano horizontal ou intradiscursivo onde o enunciado está inscrito numa sequência discursiva; os outros enunciados que ele reatualize bem como outros que possam vir depois. Estes dois últimos correspondem ao plano do interdiscurso designado por Courtine como domínio de memória (DMem) e domínio de antecipação (DAnt), aberto para o futuro. O domínio de atualidade (DAct) "é formado por um conjunto de sequências discursivas que coexistem com a sdr (sequência discursiva de referência) em uma conjuntura histórica determinada". (COURTINE, 1981, p. 112) As características da conjuntura 'atual' podem reativar um saber compartilhado, o interdiscurso, que atravessa o intradiscurso.

Feitos estes breves esclarecimentos, apresentamos a noção de memória discursiva formulada por Courtine:

> Essa noção nos parece subjacente à análise das FD (formação discursiva) que a *Arqueologia do saber* efetua: toda formulação apresenta em seu "domínio associado" outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém igualmente com formulações com as quais coexiste (seu "campo de concomitância", diria FOUCAULT) ou que lhe sucedem (seu "campo de antecipação") relações cuja análise inscreve necessariamente a questão da *duração* e da *pluralidade dos tempos históricos* no coração dos problemas que a utilização do conceito de FD levanta. (COURTINE, 1981, p. 104. Destaques do autor.)

É Courtine quem introduz a noção na AD como forma de responder ao desafio de "articulação dessa disciplina com as formas contemporâneas da pesquisa histórica (que) insistem no valor que tem que ser atribuído à *longa duração*" (1981, p. 105).

No *Dicionário de AD* (CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D., 2004, p. 325-326), a noção é descritacomo constitutivamente relacionada à de memória em dois

planos complementares: o da *textualidade* e o da *história.* Há no mesmo verbeteremissões às noções de: arquivo, cadeia de referencia, comunidade discursiva, dêixis, formação discursiva e midialogia.

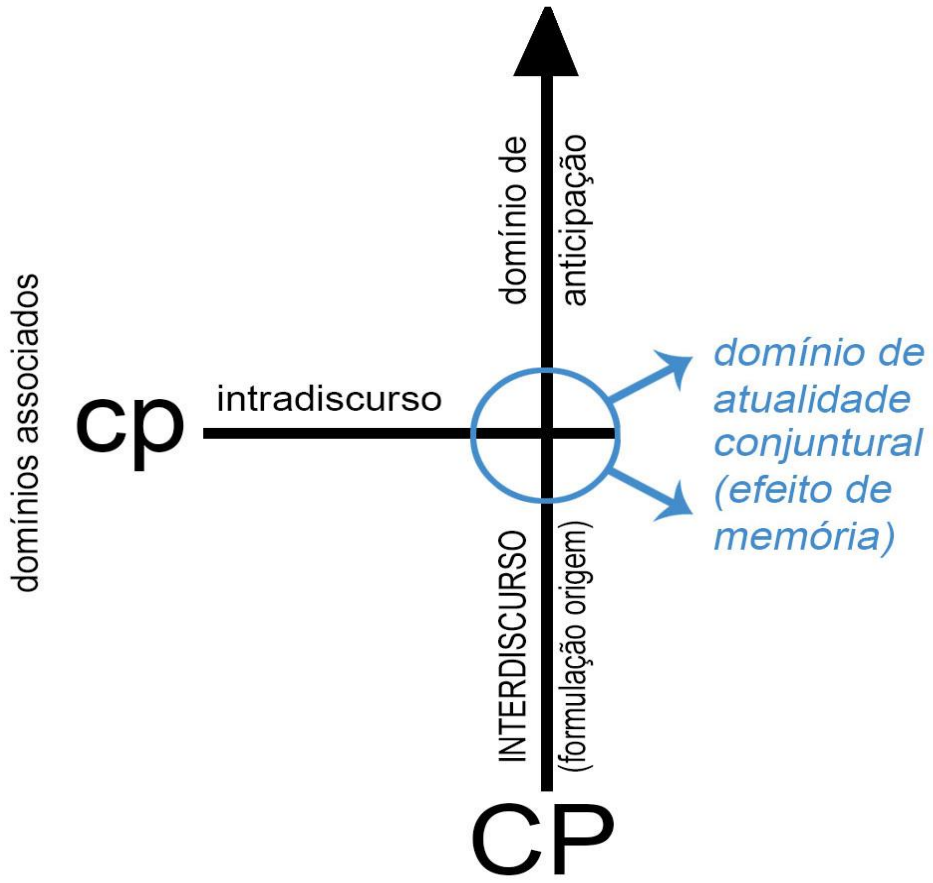
O Esquema 1, apresentado a seguir, considera nosso entendimento de Courtine (1981), de que o efeito de memória, situa-se num agora, operado pela irrupção do interdiscurso no intradiscurso. Em outros termos, a formulação do sujeito enunciador é tomada, capturada, por um enunciado, entendido este último como o sujeito de saber próprio de uma FD, saber comum e compartilhado por determinado posicionamento, de onde se pode enunciar: "todos sabem/veem/dizem/compreendem que...". (COURTINE, 2009 [1981], p. 101)

> O *enunciado* [E] é, assim, a forma geral, "indefinidamente repetível", a partir da qual se pode descrever a constituição em uma rede de um conjunto de formulações dispersas e desníveis no seio da FD: pode-se assim percorrer uma *rede de formulações* (R[e]) a partir de [E]. Inversamente, é a partir da reunião de um conjunto de formulações em rede que se poderá tentar levantar os elementos de saber próprio a uma FD [...] O conjunto das R[e] no interior de uma FD constitui o *processo discursivo* inerente a esta FD. (COURTINE, 2009 [1981], p. 100-101)

Em nota indicamos a correspondência das siglas[40]. Esclarecemos, ainda, ao leitor que o mencionado esquema tem a finalidade de, em uma versão gráfica, apresentar nossa compreensão, a partir da leitura de Courtine, de memória discursiva. Temos colocado no efeito de memória duas setas no intuito de indicar que, ao mesmo tempo que uma memória discursiva é resgatada e recriada, esse ato instaura um leque de enunciados possíveis futuros.

[40] Em letras *maiúsculas* os elementos que se relacionam com o plano de descrição do interdiscurso e em letras *minúsculas* os que se relacionam ao plano de descrição do intradiscurso (intrad/INTERD, [e]/[E], cp[sdr]/CF(FDR)...) (nota do próprio COURTINE, 1981, p. 109)

ESQUEMA I – A memória discursiva (nossa versão gráfica da leitura de COURTINE, 1981)[41]



Nosso esquema considera o proposto por Courtine (1981, p. 109) com relação ao interdiscurso, exposto no texto do autor em letras *maiúsculas*, e ao intradiscurso em *minúsculas*. A sigla *cp* ou *CP* assinalam as condições de produção. A *sdr,* uma *sequência discursiva referência*, segundo o autor é a sequência "a partir da qual o conjunto dos elementos do *corpus* receberá sua organização." (COURTINE, 1981, p. 107-8). Sobre os domínios associados dos quais já falava Foucault na sua *Arqueologia,* acrescentamos que a eleição da *sdr* depende das escolhas realizadas pelo próprio pesquisador.

[41]Outras versões muito semelhantes desse gráfico/esquema circulam, ou têm circulado, no meio acadêmico. Em termos de Deleuze seria um 'roubo criativo', apelando a uma reapropriação interdiscursiva.

É preciso observar que o *status* do sujeito instituído no interdiscurso e no intradiscurso é de uma ordem diferente. A leitura de Orlandi desses dois planos do discurso e o *status* do sujeito é:

> O interdiscurso é do nível de constituição do discurso (sua "verticalidade", segundo Courtine, 1982), da ordem do repetível. É a instanciação do enunciado (o mesmo). O intradiscurso, por sua vez, é a formulação da enunciação (o diferente), no aqui e agora do sujeito. Se pelo intradiscurso temos que o sujeito intervém no repetível, no entanto é o interdiscurso que regula os deslocamentos das fronteiras da formação discursiva, incorporando os elementos pré-construídos (efeito do já-dito). (2011, p. 88)

A respeito das fronteiras das formações discursivas, a mencionada autora afirma que o silêncio estabelece os limites do dizer, uma vez que: "toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras". (ORLANDI, 2011, p.74)

A memória discursiva também tem sido objeto de interesse, entre outros tantos autores da área, de Gregolin (2005) quem assinala que esta noção está no coração das formações discursivas, da heterogeneidade e do interdiscurso. É, portanto, não só abrangente, instável, mas também tessitura de redes, produção de lembranças, reiteração de enunciados, provocadora de esquecimentos e silenciamento de enunciados (2005, p. 6).

Arnoux (2004, 2008), Indursky (2003, 2011) e Zoppi-Fontana (2004), segundo Vitale e Minardi "a concebem como <u>construtora de identidades nacionais ou políticas</u> e <u>como regime de enunciabilidade</u>, <u>matriz</u>de inclusão e de exclusão de enunciados que determina o que pode ou não ser dito desde diferentes posições ideológicas." (VITALE; MINARDI, 2013, p. 86). (Tradução e destaques nossos)

Nosso sublinhado aponta para a equivalência entre um regime e seu produto (a construção de subjetividades nacionais ou políticas). Pouca margem de deslocamento de sentido há para que essa matriz possa ser entendida como 'máquina identitária', enquanto que na caracterização de Courtine (2009 [1981]) da memória discursiva são destacadas as relações entre 'formulações', entendidas

por nós como enunciados que dialogam, mutam e abrem possibilidades a novos sentidos.

Sob outro enfoque, Paveau (2013),formula a hipótese dos pré-discursos e os integra à memória discursiva. A inquietude da autora é pela busca de compreensão de formas de articulação entre a anterioridade e a 'posterioridade' da linguagem. Em sua proposta de abordagem, aproxima estudos de base construtivista, filiada à linha sociocultural e discursiva. Propõe a hipótese dos pré-discursos que assim define

> Os pré-discursos são efetivamente operadores à negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais. Defino-os como um *conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso*. Compreendo por pré-discurso os conteúdos semânticos (no sentido mas amplo do cultural, ideológico, enciclopédico), isto é, saberes, crenças e práticas e não somente formas, o que me conduziria ao lado dos gêneros do discurso tal como eles são formulados por M. Bakhtin (1984). Esses quadros não se encontram somente na cabeça dos indivíduos e na cultura de grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva, o que explica por que integro as práticas ao lado dos saberes e das crenças que são de ordem representacional. (PAVEAU, 2013, p. 12-13) (Sublinhado nosso)

Nosso sublinhado destaca um interesse epistemológico da autora acerca do que ela denomina 'caixa preta', isto é, um entendimento sobre como se articulam as informações prévias, as 'determinações pré-linguísticas', com o discursivo (2013, p. 12).

Em diálogo com a noção proposta por Paveau está a de matriz discursiva, que relaciona os conceitos de gêneros de discurso, registro e tipologia dos discursos. Segundo Beacco e Darot (1984), essa noção advém do âmbito dos estudos de ensino do francês como língua estrangeira:

> Chama-se matriz discursiva a soma desses traços comuns, ou amplamente partilhados, que caracterizam um conjunto de textos, que são tidos, assim, como relacionados a um mesmo discurso, entendido restritivamente como quadro, com valor modelizante, do qual procedem, com graus de conformidade variáveis, os textos observáveis que entram numa mesma série. (Beacco, 1988, p. 37)

(BEACCO; DAROT, 1984, *apud*CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 322-323) (Sublinhados nossos)

Novamente nosso sublinhado ressalta uma questão já apontada na página anterior. Esse entendimento dá pouca margem de mobilidade às relações que o analista de AD possa (re)construir.

No entanto, em nossa pesquisa, a definição de matriz discursiva de Arnoux (2008) serviu-nos de 'inspiração' em nossas análises. Para a autora "'Matriz discursiva' remete tanto a um espaço de regularidadesgerador de discursividade como a um molde que permite dar forma discursiva a dados diversos e, incluso, funcionar como grade interpretativa do social." (ARNOUX, 2008, p.42) (Destaques nossos). Justamente para não ficarmos presos numa grade interpretativa dos acontecimentos é que aderimos à noção de memória discursiva tal como foi proposta por Courtine (2009 [1981]).

Arnoux (2008), em seus estudos, caracteriza a matriz dos discursos latino-americanistas. Refere-se a eles como a retomada de uma tarefa incompleta: o ideário de justiça, união dos povos, nações, dos libertadores sul-americanos que, ao estar incompleta, tem como missão completar a tarefa. Esse é o dever das gerações atuais. O herói é Simón Bolivar e o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, tem feito dele um dos símbolos da luta latinoamericanista. Outros presidentes da região aderem a essa matriz, mas de forma menos intensa.

Gostaríamos de finalizar este capítulo retomando a noção de memória discursiva proposta por Courtine, na década de 80, que ofereceu novas bases para a contraposição da metodologia homogeneizante de constituição de *corpora* que se praticava naquele momento na AD. Esta noção ao mesmo tempo é tão ampla quanto profícua, nos planos teórico e metodológico.

Apresentado nosso arcabouço teórico, passamos ao capítulo 3, dividido em três itens. Nele descrevemos a construção de nosso espaço discursivo, assim definido por Maingueneau (2008a, p. 35) a partir das noções foucaultianas: "subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito julga relevante pôr em relação".

CAPÍTULO 3 - A CONFIGURAÇÃO DE NOSSO ESPAÇO DISCURSIVO

La memoria es como una red: uno la encuentra llena de peces al sacarla de un arroyo, pero a través de ella pasaron cientos de quilômetros de agua sin dejar rastro. (Oliver Wendell Holmes)
Somos nuestra memoria, somos ese quimérico museo de formas inconstantes, ese montón de espejos rotos. (Jorge Luis Borges)
¡Qué pobre memoria es aquella que solo funciona hacia atrás! (Lewis Carroll)

Este terceiro capítulo apresenta os passos metodológicos adotados ao longo da pesquisa e está organizado em três itens. No primeiro, titulado "soltando amarras...", explicitamos como se configurou nosso espaço discursivo de análise. No segundo, relatamos como foram reunidas e organizadas as diversas materialidades semióticas e a especificação de suas fontes. Finalmente, no terceiro bloco, tecemos considerações sobre a circulação dessas materialidades.

Cabe ressaltar que nos apoiamos no conceito de espaço discursivo de Maingueneau (2008a), entendido como a operação de delimitação das materialidades estabelecida pelo analista a partir de seu conhecimento sobre o objeto estudado e as polêmicas que o constituem. Segundo o autor, "tais restrições são resultado direto de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir". (MAINGUENEAU, 2008a, p, 35)

3.1 A soltura de amarras

Alguns esclarecimentos se fazem fundamentais. Como o mencionamos no capítulo 2, nosso embasamento teórico-metodológico recorre a propostas de Maingueneau (2008a e 2008b), Rocha (2003 e 2012), Courtine (2009) e Sargentini (2012). Também recorremos à noção de arquivo de Foucault (1965) e seus princípios teóricos básicos, já abordados no capítulo anterior. A partir desses diversos autores e sua bagagem conceitual, reunimos e ressaltamos proposições fundamentais que norteiam nossa proposta de trabalho que considera:

- a existência histórica do enunciado;

- a história é heterogênea e descontinua;
- o arquivo nunca é dado *a priori*;
- é da ordem do impossível a apreensão do arquivo na sua totalidade, sempre o arquivo será parcial, fragmentário, assim como as conclusões que se possam depreender dele;
- ao descrever, se constrói, isto é, entendemos o descrever como um gesto de interpretação.

Especificamente, no que diz respeito à perspectiva da AD, o fragmento de Sargentini resume nossa tarefa: "O trabalho da AD exige, pois, o levantamento de marcas e formas específicas de um acúmulo sem pretender a origem, a intenção do sujeito, nem o esgotamento desse arquivo" (2012, p. 41).

Ao longo das análises buscamos considerar que:

(i) a noção de semântica global (MAINGUENEAU, 2008a) que supõe contemplar, simultaneamente e sem hierarquizar, diversos planos ou dimensões discursivos;

(ii) a nossa pesquisa recorre aproximadamente um século, desde a primeira instituição oficial da data (1917) do 12 de outubro até a atualidade, compreendendo variadas materialidades semióticas. Somos cientes das dificuldades e riscos, uma vez que não é nossa proposta vir a fazer uma interpretação cronológica, lineal ou uma análise linguística de índole textual;

(iii) o entendimento de que o intradiscurso é o efeito de um recorte do interdiscurso pautou nossos encaminhamentos de pesquisa.

É preciso explicitar que optamos por trabalhar com o que Maingueneau (2007, 2008b e 2015) designa unidades não-tópicas plurifocais, isto é, unidades que "são construídas pelo pesquisador" e que "agrupam enunciados profundamente inscritos na história" (2008b, p. 18) provenientes de diversos campos que abrangem variados gêneros e registros. Em contraposição, as unidades tópicas são "de alguma forma dadas, pré-recortadas pelas práticas sociais [...] Elas se articulam em torno da categoria gênero de discurso" (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). A concepção de unidade não-tópica remonta à elaboração de FD uma vez que "é concebida como um sistema de restrições invisível, transversal às unidades tópicas". (MAINGUENEAU, 2015, p. 81)

Assim justificamos o subtítulo 'soltando amarras...' uma vez que nos afastamos aqui de metodologias mais 'clássicas' dentro da área e nos permitimos construir novas possibilidades de análise e reflexão. Justificamos esta opção uma vez que verificamos em nossos encaminhamentos que: (i) a configuração raça/hispanidade apresentava mais de um aspecto ou foco, isto é, os objetos discursivos raça ou hispanidade que se depreendiam dos diversos textos seriam muito limitados se os unificássemos num nível superior a um único foco; (ii) as outras configurações, correspondentes às novas redesignações da data, não poderiam ser reduzidas, homogeneizadas, mas, sim, precisavam ser consideradas, posto que apresentavam-se como variantes, ou seja, apontavam novas possibilidades de entendimento de nosso objeto de análise. Além dos argumentos expostos, concordamos com Maingueneau quando afirma que

> limitar a análise do discurso apenas a unidades tópicas [ou *territoriais*, que correspondem a espaços já "pré-delineados" pelas práticas verbais] significaria denegar a realidade do discurso, que, por natureza, coloca sempre em relação discurso e interdiscurso: o interdiscurso "trabalha" o discurso, que, a seu turno, redistribui esse interdiscurso que o domina. (2007, p. 34)

Estabelecer aproximações, deslocamentos e afastamentos entre grupos de enunciados e formulações correspondentes a possíveis diferentes regimes de enunciabilidade foi nossa tarefa. Partindo do entendimento de que a FD do nacionalismo católico espanhol compreende vários focos ou planos, tentamos depreender os focos ou planos das configurações correspondentes às novas designações da data, objeto desta pesquisa. Seguramente muitos outros recortes poderiam ter sido feitos, outras materialidades selecionadas, focando a Espanha, a América Central, a comunidade hispânica nos Estados Unidos ou ainda terem sido construídos outros critérios de arrumação. Mencionamos no primeiro capítulo que Stavans e Jaksic (2011) refletem sobre a existência de diferentes hispanidades, cada uma delas com suas particularidades, mas nossa escolha (conforme Quadro 2) se deu pela América do Sul.

Em seguida, em primeiro lugar, relatamos os procedimentos de coleta, localização e fontes das materialidades semióticas selecionadas e logo apresentamos nosso inventário memorial.

3.2 Nosso inventário memorial

O que nucleia as diversas produções discursivas que fomos gradativamente reunindo é a data do 12 de outubro no mundo hispânico: essa invenção como objeto, os conceitos atrelados a ele bem como o modo de enunciar, a inícios do século XX e na atualidade. Nossa pesquisa inicialmente voltou-se para pronunciamentos oficias relativos à data, na Argentina, país de origem da celebração. Em várias instituições tive facilidade de acesso a diversos documentos e publicações. Alguns deles ainda não digitalizados ou que, em função de variadas circunstâncias, não se encontram disponibilizados pela internet. Como é o caso dos pronunciamentos do General Perón que foram obtidos na *Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina,* no *Departamento de Colecciones Especiales*, que dispõe de rico acervo na seção da Biblioteca Peronista[42]. Na sede central dessa mesma instituição encontramos o artigo de Quesada (1918) intitulado *El día de la raza y su significado en Hispano-América.* Na Biblioteca Nacional[43] da Argentina obtivemos exemplares antigos da revista *Billiken* e do jornal *La Nación*. Na sede do Banco Central da República Argentina[44], onde funcionam várias bibliotecas, obtivemos as edições do jornal *LaNación* microfilmadas.

Esses levantamentos permitiram constatar que as práticas discursivas atreladas à data não se limitavam a um único campo ou âmbito discursivo. Elas circulavam e atravessavam diversos âmbitos sociais.

A pesquisa bibliográfica sobre o tema levou-nos a artigos selecionados por Valle (2007). A reunião desses textos nos orientou a caracterizar o nacionalismo católico espanhol. Entre os diversos autores que desenvolveram estudos sobre o 12 de outubro está Mario González (2005, p. 91-92), quem se refere assim à chegada de Colombo:

---

[42]http://www.bcnbib.gov.ar/sdce_peronista.php
[43]www.bn.gov.ar/investigadores
[44]www.bcra.gov.ar

> Castilla llega a América con otro signo claramente visible en la reproducción americana de la ocupación de Granada: extender el territorio del reino, salvar a los infieles sustituyendo su cultura por la Cristiana y apoderarse de sus riquezas, como desde siempre se había hecho en la lucha contra los musulmanes.[45].

Observa-se na citação que a conquista e o colonialismo espanhol na América estiveram marcados sob o signo da religião cristã.

A metodologia seguida buscou depreender enunciados de diversas materialidades vinculadas pelo 12 de outubro, para poder analisá-los em suas relações de interdiscursividade. Reúne bandeiras, lemas e emblemas, símbolos, assim como notícias de jornal como a da substituição de monumento a Colombo por um outro em homenagem a Juana Azurduy, todos atrelados à data. A figura emblemática de Colombo fulgura de maneira intermitente em inúmeras materialidades semióticas até nossos dias. A inclusão dessas notícias no *corpus*, aportou novos rumos para a constituição de nosso *corpus* estendido de pesquisa. Rocha (2003, p. 206-207) denomina *corpus estendido* o conjunto que entrelaça materialidades diversas, gêneros discursivos e âmbitos a partir de correspondências e descontinuidades de relações interdiscursivas.

É necessário relatar a dificuldade enfrentada na busca pelo número de decreto ou lei que determina o nome outorgado à data, bem como seu caráter. Basicamente essa busca foi realizada pela internet. Muitas páginas estavam desatualizadas ou só indicavam o ano. Em muitos casos tivemos que acessar a *home page* dos governos. O leitor interessado pode ter rápido acesso aos documentos detalhados no Quadro 2 (Cap. 1) procurando pelo nome do país, número do decreto ou lei e ano. É interessante observar que diversas designações da data vão constituindo um 'comum' entre diversas nações.

Adotamos a designação 'inventário' no sentido de produto de um levantamento feito com o objetivo de registrar o nosso *corpus,* primeira tentativa de inventário. Também nos inspiramos em Foucault que utiliza o termo neste fragmento:

---

[45]Castela chega a América sob outro signo claramente visível na reprodução americana da ocupação de Granada: estender o território do reino, salvar os infiéis substituindo sua cultura pela cristã e apoderar-se de suas riquezas, como desde sempre tinha sido feito na luta contra os muçulmanos. (Tradução nossa)

> As homogeneidades (e heterogeneidades) enunciativas se entrecruzam com continuidades (e mudanças) linguísticas, com identidades (e diferenças) lógicas, sem que umas e outras caminhem no mesmo ritmo ou se dominem necessariamente. Entretanto deve existir entre elas um certo número de relações e interdependências cujo domínio, sem dúvida muito complexo, deverá ser inventariado. (1995 [1969], p. 167)

O Quadro 3 resume as materialidades semióticas selecionadas, organizadas por ano, país, gênero (no qual incluímos símbolos), designação atribuída à data e seu âmbito social de circulação:

QUADRO 3 - Nosso inventário memorial

ANO	**PAÍS**	**GÊNERO / SÍMBOLO**	**MODO DE REFERIR A DATA**	**ÂMBITO DE CIRCULAÇÃO**	**OBS.**
1734	Espanha	lema RAE			consta o 'crisol de raças'
1917	Argentina	pronunciamento oficial	Dia da Raça	político-institucional	
1918	Argentina	artigo acadêmico	Dia da Raça	pedagógico e acadêmico	
1931	Argentina	notícias e publicidades com desenhos	Dia da Raça	midiático (prensa escrita)	Jornal *La Nación*
1932	Argentina	matérias didáticas com desenhos	Descobrimento da América / Chegada de Colombo a América	midiático-pedagógico	Revista *Billiken* (distribuída também no Chile e no Paraguai)
1932	Uruguai	bandeira e lema	Raça	político-institucional midiático	Criada pelo capitão Ángel Camblor
1934	México	diário de debates (deputados e senadores)	Dia da Raça	pedagógico e acadêmico	
1939	Argentina	hino	Hispanidade -propõe a mudança do nome da data em 1929-	político-institucional midiático	Autor: bispo vasco Zacarías de Vizcarra. Localização: parte final de seu livro

					Vasconia Españolísima
1941	Argentina	notícias, publicidades com desenhos e fotos	Dia da Raça	midiático (prensa escrita)	Jornal *La Nación*
1943	Espanha	pronunciamento oficial	Dia da Hispanidade	político-institucional	
1946	Argentina	pronunciamento oficial	Raça e Hispanidade	político-institucional	
1947	Argentina	pronunciamento oficial	Dia da Raça	político-institucional	
1953	Argentina	pronunciamento oficial	Dia da Raça	político-institucional	
1956	Argentina	matérias didáticas com desenhos	Descobrimento da América / Chegada de Colombo a América	midiático-pedagógico	Revista *Billiken* (distribuída também no Chile e no Paraguai)
1958	Espanha	decreto	Dia da Hispanidade	político-institucional	
1968	Guiné Equatorial	pronunciamento oficial bandeira e lema	Dia da Independência	político-institucional	
1981	Espanha	decreto	Festa nacional de Espanha e Dia da Hispanidade	político-institucional	
1987	Espanha	lei	Festa nacional de Espanha	político-institucional	
1988	Argentina	notícia	Bandeira da Raça / Menção ao V Centenário do Descobrimento da América	midiático (prensa escrita)	Jornal *La Nación*
2002	Venezuela	decreto	Dia da Resistência Indígena	político-institucional	
2004	CAN	bandeira	Dia da Descolonização	político-institucional midiático	
		decreto	Dia do respeito à diversidade	político-institucional	

2010	Argentina	propostas de trabalho (sala de aula), com fotos	cultural Dia do respeito à diversidade cultural	pedagógico e acadêmico	Editado pela secretaria de Educação Inicial do governo
2011	CAN Bolívia Argentina	documento com propostas decreto notícia	Dia da Descolonização Dia da Descolonização Dia do Respeito à Diversidade Cultural	político-institucional regional político-institucional midiático (prensa escrita)	Jornal *Diario de Puan* (transcrição do discurso de uma diretora de escola)
2014	Argentina	matérias didáticas com formato de suplemento para colecionar e com figurinhas para recortar	Descobrimento da América / Chegada de Colombo a América	midiático-pedagógico	Revista *Billiken* (distribuída também no Chile e no Paraguai)
2015	Argentina	notícias com fotos	Inauguração do monumento a Azurduy (no lugar de Colombo)	midiático (prensa escrita)	*El País*-internacional; *La Nación* e *El País* (Uruguai)

Fonte: elaborado pela própria autora

A partir da amplitude constituída acima, foi necessário, ainda, propor outra possibilidade de organizar nosso inventário por âmbitos sociais. Essa nova arrumação permitiu dar mais visibilidade aos âmbitos de produção das materialidades, bem como se mostrou mais prática em termos de localização.

O inventário está organizado a partir de três âmbitos sociais: o âmbito político-institucional, midiático e pedagógico-acadêmico. Iniciamos pelo âmbito político-institucional, considerando sua importância já que nele se instituem as datas que devem ser homenageadas ou relembradas.

Âmbito politico-institucional

No âmbito político-institucional incluímos os textos, as materialidades, que são produzidas ou contam com o consentimento, apoio, das instâncias de poder de um governo, estado ou organização social, tanto as legislativas quanto as executivas.

Esses textos têm implicações pragmáticas muito particulares. Entendemos que para Deleuze esse agenciamento, que é coletivo e impessoal, poderia ser reformulado em termos de regime semiótico, mencionado neste fragmento:

> Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos (*não só*) com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos (*comunidades*). A verdadeira intuição não é o juízo de gramaticalidade, mas a variação das variáveis interiores de enunciação em relação ao conjunto das circunstâncias. (DELEUZE, 1995: 23) (Acréscimos entre parênteses e em itálico nossos). [...] Quando essas variáveis se relacionam de determinado modo em um dado momento, os agenciamentos se reúnem num *regime de signos ou máquina semiótica*. Mas é evidente que uma sociedade é perpassada por diversas semióticas, e possui de fato regimes mistos. Além disso, novas palavras de ordem surgem em um outro momento, fazendo variar as variáveis, e não pertencendo, ainda, a um regime conhecido. (DELEUZE, 1995, p. 23-24)

A partir da citação pensamos nos *decretos*, documentos legais datados, que instituíram em diversas nações hispanofalantes a data como comemorativa oficialmente. A palavra de ordem que se autolegitima. O apontado é condizente com as reflexões de Maingueneau (1999) que afirma que alguns tipos de discursos apresentam a particularidade de fundar os sentidos de uma sociedade, tratam de princípios transcendentais para a comunidade e, por isso, se colocam no lugar da 'autoridade'. Eles fundam outros discursos e eles próprios se autolegitimam. O mencionado autor interpreta 'constituinte' em dois sentidos, como uma ação que institui uma autolegitimidade e como um todo organizado:

> Pode-se apreender essa constituição segundo duas dimensões:
> - a*constituição* como ação de estabelecer legalmente, como processo pelo qual o discurso se instaura, construindo sua própria emergência no interdiscurso;

> - os modos de organização, de coesão discursiva, a *constituição* no sentido de um agenciamento de elementos formador de uma totalidade textual.
> Essas duas dimensões convergem para a *constituição* no sentido jurídico-político, o sentido de um texto que serve de norma e garantia aos comportamentos da coletividade. Os discursos constituintes pretendem delimitar, com efeito, o lugar-comum da coletividade, o espaço que engloba a infinidade de "lugares-comuns" que aí circulam. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 39)

Ressaltamos ainda que os discursos constituintes não são compartimentos estanques, senão que mantêm relações complexas entre eles e os discursos dos quais dependem ou se depreendem, conformando uma imbricada rede discursiva.

Apresentamos os gêneros e símbolos incluídos neste âmbito:

(1) Decreto do presidente Irigoyen, no Diário Oficial Argentino de 11.10.1917, o 12 de outubro é festa nacional, o *Día de laRaza*;
(2) Decreto de10.01.1958: o 12 de outubro é festa nacional, sob o nome *Día de la Hispanidad*. Pelo Real Decreto 3217/1981: *Fiesta Nacional de España y Día de la Hispanidad*. Lei 18/1987: estabelece na data a *Fiesta Nacional de España*;
(3) Decreto 2.028/2002 da Venezuela *Día de la ResistenciaIndígena*;
(4) Decreto 1854/2010 da ex-presidente argentina Cristina Kirchner quem redesigna a data *Día del respeto a la diversidad cultural*;
(5) Decreto Supremo 1005/2011 do presidente boliviano Evo Morales que declara o 12 de outubro *Día daDescolonización en el Estado Plurinacional de Bolivia*;
(6) Discurso do 12 de outubro de 1943 –*Discurso del Caudillo* (Franco, Espanha) na inauguração da Cidade Universitária;
(7) Discurso do 12 de outubro de 1946 – no almoço da *Confederación de Maestros y Profesores Católicos* - General Juan Domingo Perón (Argentina);
(8) Discurso do 12 de outubro de 1947 –*Homenaje a Cervantes* – General Juan Domingo Perón (Argentina);
(9) Discurso do 12 de outubro de 1953 –*Desfile de carros alegóricos españoles* – General Juan Domingo Perón (Argentina);
(10) Discurso do 12 de outubro de 1968 – pela *Independencia de Guinea Ecuatorial* - proferido por Dom Manuel Fraga Iribarne (porta-voz de Franco);
(11) A bandeira da Raça;
(12) A bandeira da CAN;
(13) Hino da Hispanidade;
(14) Lema da bandeira da Raça: Justiça, Paz, União e Fraternidade (*Justicia, Paz, Unión y Fraternidad);*
(15) Lema da bandeira da Guiné Equatorial: Unidade, Paz e Justiça *(Unidad, Paz y Justicia);*
(16) Lema e emblema da *Real Academia de la Lengua Española* (RAE): Limpa, fixa e dá esplendor (*Limpia, fija y da esplendor*);
(17) Diário das Câmaras de Deputados e de Senadores de México de 1934;
(18) Propostada CAN em 2011;

Âmbito midiático

Como âmbito midiático entendemos um campo que intermedia saberes advindos das mais diversas esferas da atividade humana, nesse sentido, o discurso jornalístico é um discurso segundo em relação a outros, que (in)forma sobre questões relevantes para um grupo social. No caso desta pesquisa, nos limitamos à imprensa escrita, especificamente jornal, inclusive em meio virtual. Os gêneros incluídos são notícias, publicidades e fotografias.

(19) Notícia do jornal *La Nación*, 13.10.1931, sobre atos comemorativos;
(20) Notícia do jornal *La Nación*, 11.10.1941, sobre atos comemorativos;
(21) Notícia do jornal *La Nación,* 13.10.1941, sobre atos comemorativos;
(22) Notícia do jornal *La Nación,* 24.05.1988, sobre a bandeira da Raça;
(23) Notícia sobre a celebração do *Dia do respeito à diversidade cultural;*
(24) Notícias com fotos sobre a inauguração do monumento em homenagem a Juana Azurduy; 07. 2015 e 02.2016.
(25) Publicidade: ***Bilz –Haciendo Época***. 11.10.1931;
(26) Publicidade: ***Cafiaspirina –el produto de confianza / La confianza lo sostuvo***. 12.10.1931;
(27) Publicidade: ***El Champagne de las Américas -Monitor***. 11.10.1941;
(28) Fotografias dos atos do jornal *La Nación*, 12.10.1941;
(29) Fotografias que acompanham a notícia (21);

Âmbito pedagógico e acadêmico

No âmbito pedagógico e acadêmico contemplamos um artigo produzido no âmbito universitário, uma revista que se apresenta como apoio escolar e uma proposta de trabalho dirigida a professores, elaborada por uma instância do governo.

(30) Artigo acadêmico de Quesada, 1918;
(31) Revista *Billiken*, 10.1932;
(32) Revista *Billiken*, 10.1956;
(33) Revista *Billiken*, 10.2014;
(34) Proposta para o trabalho em sala de aula sobre o 'Dia do respeito à diversidade cultural', elaborada em 2010, pela *Subsecretaría de Educación, Dirección Provincial de Educación Inicial* da Argentina.

Esses âmbitos sociais são categorias abstratas. Dependendo da abrangência, da relevância política do tema em questão, a circulação dos textos produzidos num âmbito pode extravasar seus limites e atravessar outros, como pudemos observar em nosso arquivo. Por esse motivo, resolvemos acrescentar o próximo item.

3.3 A circulação das materialidades semióticas

Nem toda palavra tem o mesmo peso nem as mesmas consequências, depende do que é dito por quem, onde, quando e como. Perante uma urgência surge uma 'nova' rede de sentidos. Na data significativa de nosso interesse, na época de sua instituição, estratégias memoriais são disseminadas, propagadas, no intuito de consolidar uma memória, porém sempre sujeita a transformações. Trazemos um fragmento de Deleuze sobre as transformações

> A História real narra, sem dúvida, as ações e as paixões dos corpos que se desenvolvem em um campo social, ela as comunica de uma certa maneira; mas também transmite as palavras de ordem, isto é, os atos puros que se intercalam nesse desenvolvimento. A História não se desembaraçará das datas [...] o conjunto das "circunstâncias" possibilita subitamente uma transformação semiótica [...] Os agenciamentos não cessam de variar, de ser eles mesmos submetidos a transformações. (DELEUZE, 1995, p. 21)

Os discursos constituintes, segundo Maingueneau (2008a), possuem um estatuto particular. As palavras de um discurso constituinte prevalecem sobre outras palavras, e geram outros diversos gêneros. Não é por acaso que temos colocado em primeiro lugar na nossa relação, os decretos e os pronunciamentos oficiais de líderes. Essa indução gerada, imposta, pelos decretos e pronunciamentos oficiais no âmbito político-legal, reverbera, necessariamente, nas esferas midiáticas e nos âmbitos acadêmico-pedagógicos a fim de divulgar e promover um ideário e mobilizar a população em torno de um sentimento de pertença e de harmonia. Os símbolos (bandeira, hinos, lemas e emblemas) e vários gêneros mostram-se propícios para dar vazão, disseminar e consolidar novos sentidos que se quer instituir.

Maingueneau (2015) afirma que todo gênero possui uma 'valência', interna e externa. A valência interna refere-se ao modo histórico de existência de um gênero, já a externa, a que mais nos interessa, é entendida como "a(s) rede(s) de gêneros de discurso de que faz parte um gênero em uma mesma esfera ou lugar de atividade" (2015, p. 73). Se o analista enfatiza os encadeamentos que um gênero produz, Maingueneau diz que se trata de uma 'sequencialidade', se for ressaltado "o poder que um gênero tem de fazer com que se fale dele em outros gêneros" o processo

será a 'irradiação' (2015, p. 73). Optamos por esta última designação, sem negar o aspecto sequencialidade, mais acorde com nossas análises. Pensemos na sequência decreto – pronunciamento – notícias – proposta de trabalho em sala de aula por instância governamental – trabalho em sala de aula, para exemplificar essa irradiação genérica.

Sem entrar no tema do controle dos meios de comunicação e da censura da ditadura franquista e do peronismo, diremos que esses líderes mobilizavam multidões para celebrar determinadas datas em clima festivo.

Sobre essas festas

> Cláudia Schemes mostra que as festas tinham ampla participação popular, até porque a presença obrigatória de vários setores (como escolas particulares e públicas, Forcas Armadas, Corpo de Bombeiro, Polícia Militar e Especial, bandas, corais, grupos de dança, grupos de teatro, escoteiros e sindicatos) garantia um número elevado de participantes. Cada um dos segmentos representados fazia um tipo particular de apresentação: desfiles, danças, encenação teatral, canto, execução de hinos, discursos, palestras etc. (CAPELATO, 1998, p. 60)

Os modos de difusão e circulação de práticas e materialidades semióticas dentro de uma comunidade discursiva é um aspecto pouco tratado nas análises discursivas, no entanto, destacado por Courtine (2009). Também Maingueneau (2008a, p. 134) trata dos modos de difusão das materialidades ao ressaltar a indissociabilidade entre comunidade e produção de textos no conceito de prática discursiva e, ainda, acrescenta outro aspecto associado: o seu modo de consumo.

A respeito das categorias de análise utilizadas nesta pesquisa apontamos que o processo designativo foi fundamental, na medida em que justamente nossa inquietação fora reforçada pelas redesignações da data. Entendemos que as diversas reescrituras (relações de paráfrase, sinonímias, substituições) do objeto de que se fala não só nomeiam, mas, também, funcionam descrevendo e/ou qualificando aquilo de que se fala. Ademais, analisamos cenografias discursivas, tal como é proposta e trabalhada por Maingueneau (2001), visto que essa categoria permite definir papeis e funções do enunciador e do coenunciador, em um tempo e em um espaço. O *ethos,* por sua vez, nos permitiu depreender a imagem do enunciador. Já a negação polêmica formulada por Ducrot (1987), marca de

heterogeneidade mostrada, permite identificar embate de 'vozes', o que atende perfeitamente a nossos objetivos.

Feitas as considerações pertinentes sobre o percurso e a configuração de nosso espaço discursivo, finalizamos este capítulo. O próximo está organizado em 3 itens. Nessa unidade apresentamos nosso desemaranhar dos laços discursivos que conseguimos depreender das diversas configurações memoriais da data do 12 de outubro[46].

Aproveitamos para relembrar, tal como foi indicado na introdução, que optamos por deixar os recortes em espanhol com as traduções a pé de página, uma vez que nos textos mais antigos observamos terminologias em desuso e preferimos dar destaque à língua de origem.

Resolvemos também que a apresentação dos recortes das análises será introduzida por algumas informações e dados que consideramos relevantes. A numeração entre parênteses corresponde à ordem de nosso inventário memorial por âmbitos sociais apresentado neste capítulo.

[46]Entre 2012 e março de 2016 publicamos um artigo e apresentamos três comunicações (com resumos publicados e/ou artigos no prelo), produtos de nossa pesquisa. Alguns fragmentos desses trabalhos foram incluídos no capítulo dedicado à análise.

CAPÍTULO 4 – O DESEMBARAÇAR DE LAÇOS DISCURSIVOS

Desenmarañar las líneas de un dispositivo es en cada caso levantar un mapa, cartografiar, recorrer tierras desconocidas, y eso es lo que Foucault llama el "trabajo en el terreno".
(DELEUZE, 1990, p. 155)

No capítulo anterior, apresentamos a configuração de nosso espaço discursivo. Neste, apresentaremos nossas análises e, à guisa de conclusões, os resultados de nossa pesquisa. Com essa finalidade, retomamos nossas perguntas de pesquisa e objetivos.

Nossas perguntas de pesquisa: como se institui e é designada a data oficial do 12 de outubro no mundo hispânico? Como se materializa em enunciados provenientes de diversos âmbitos a rede de restrições de sentidos (saberes, poderes e subjetividades) que possibilitou a instituição da data bem como suas reconfigurações?

A partir desses questionamentos, expomos os objetivos de esta pesquisa:

- construir um arquivo constituído por diversas materialidades semióticas atreladas à data comemorativa do 12 de outubro no mundo hispânico, desde sua instituição até a atualidade;
- analisar a rede de sentidos (saberes, poderes e subjetividades) que possibilitou a instituição da data do 12 de outubro no mundo hispânico, bem como as reconfigurações e, consequentemente, depreendemos desse segundo objetivo:
- contribuir para a reflexão em torno da noção de hispanidade ao longo deste último século.

Nesta pesquisa, partimos do entendimento de Hobsbawm (1984) sobre a instituição oficial da data comemorativa do 12 de outubro no mundo hispânico como uma tradição inventada, na medida em que assinala mudanças sociais. Essa instituição da data como comemorativa no calendário oficial opera, inaugura, uma continuidade histórica onde não havia.

Com Hall (2015) enriquecemos essa compreensão visto que o autor aborda a tradição inventada como uma estratégia discursiva que compõe uma das cinco

formas de narrar uma nação. Essas narrativas estabelecem enlaces, dialogam entre elas e compõem uma memória e por isso são, nas palavras de Hall, narrativas memoriais.

O sentido proposto por Dussel (1990) do 12.10.1492, do ponto de vista dos povos indígenas como "uma história de resistências e de rebelião" nos remeteu à ideia de forças em confronto. No entendimento de que uma luta também pode ser estabelecida no campo discursivo, nas e pelas palavras, avaliamos que a concepção de dispositivo, proposta por Deleuze (1990), se mostrava mais adequada teórica e metodologicamente para atingir nossos objetivos. Com a imagem proposta por Deleuze de um novelo ou meada de poder e de saberes que produzem subjetividades, construímos nosso espaço discursivo.

> [o dispositivo] Em primeiro lugar é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam umas das outras. (DELEUZE, 1990, p. 155)

Observar no nosso espaço discursivo como se materializam nos enunciados esses poderes e saberes em disputa, o que nesses enunciados têm mudado e o que é uma regularidade foi nossa tarefa. Eis nosso objetivo reformulado.

Essa compreensão só foi viável na medida em que concebemos tanto a instituição da data quanto suas reconfigurações como práticas e acontecimentos discursivos, pois só assim conseguimos redimensionar os desdobramentos e repercussões dessa instituição em diversos âmbitos sociais.

A matriz discursiva latinoamericanista, proposta por Arnoux (2008), serviu de inspiração, mas nos afastamos dela na medida em que o foco da autora é o cronotopo bolivariano e os recursos estilísticos.

Sem dúvida, as matrizes perfilam, modelam, desenham subjetividades. Nesse sentido, poderiam ser interpretadas como um dispositivo: "un dispositivo, para Deleuze, implica entonces líneas de fuerza que van de un punto singular al otro formando una trama, una red de poder, saber y subjetividad. Un dispositivo produce subjetividad, pero no cualquier subjetividad" (GARCÍA FANLO, 2011, p.

4)[47]. García Fanlo destaca que os dispositivos não são máquinas de fazer subjetividades: nem todos os sujeitos circulam por eles, digamos assim de maneira figurada, do mesmo modo. É por esse motivo que trataremos as configurações depreendidas dos diferentes posicionamentos como dispositivos.

Foucault, em sua *Arqueologia*, afirma que os limites do enunciado são os outros enunciados com os quais se pode estabelecer um espaço de correlações, na medida em que tratam do mesmo domínio de objetos, e mais ainda: "não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados" (1995 [1969], p. 113). Essa relação não só é possível de ser estabelecida com outros enunciados passados como também condiciona, inaugura, um leque de relações possíveis futuras. Os enunciados renegados são reformulados por Maingueneau (2008a, p. 37) em termos de 'interdito' de um discurso, do 'dizível faltoso'. Esses vínculos conformam um jogo enunciativo que é preciso examinar.

Entre os fenômenos que interpretamos como esse 'dizível faltoso', Huyssen (2004) destaca: " [...] os trabalhos de história ou sobre temas atuais relacionados a genocídio, aids, escravidão, abuso sexual; as cada vez mais numerosas *controvérsias públicassobreefemérides politicamente dolorosas*, *comemorações e memoriais*; [...]" (p. 14. Destaques nossos). A tal ponto algumas efemérides são polêmicas que Bordegaray (s/d) finaliza seu artigo com o tópico cujo título é *12 de outubro: festa ou luto?*[48] Essas duas posições antagônicas que interpretam, no caso que nos interessa, a mesma data como festa ou luto, tem a ver com uma visão na qual 'cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma' (MAINGUENEAU, 2008a, p. 100), como já fora apontado em nota (cap. 1, p. 19), acerca do 'entendimento' do que seja hispanofobia, lida a partir do posicionamento que se lhe opunha, o movimento pró-mãe pátria. Trata-se de entender a polêmica como uma interincompreensão:

---

[47]"um dispositivo, para Deleuze, implica, então, em linhas de forças que vão de um ponto singular para outro formando uma trama, uma rede de poder, de saber e de subjetividade. Um dispositivo produz subjetividade, porém não qualquer subjetividade". (Tradução nossa)

[48]*12 de octubre: ¿fiesta o duelo?* BORDEGARAY, D. *La fiesta nacional del 12 de octubre*. Disponível em: http://coleccion.educ.ar/coleccion/CD9/contenidos/sobre/pon7/index_imprimir.html Acessado em 05 abril 2014.

> Quando o espaço discursivo é considerado como rede de interação semântica, ele define um processo de *interincompreensão* generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de "não compreender" o sentido dos enunciados do outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma gradesemântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 99)

É essa delimitação recíproca semântica a que permite atribuir sentidos à data de 12 de outubro como festa ou como luto[49], sentidos em luta que geram uma tensão. Na presente pesquisa partimos do posicionamento do nacionalismo católico caracterizado por Quesada no seu artigo (1918), e que também faz parte de nosso espaço discursivo, por Fernández (2007) e González (2005). A partir dele se constituem, em oposição, as outras recentes reconfigurações: resistência indígena, descolonização e respeito à diversidade.

O quadro 3 (capítulo 3) que resume nosso arquivo permitiu observar e dar visibilidade a uma multiplicidade de gêneros que circulavam e circulam em torno da data e que abrangem diversos âmbitos.

Já a noção de memória discursiva, tal como foi proposta por Courtine (1981), se mostrou muito profícua devido a seu caráter 'aberto' expresso no domínio de antecipação: "*se existe* um *sempre-já* dito do discurso, pode-se acrescentar que se terá aí um *sempre-ainda*" (p. 113. Destaques de Courtine), bem como por seu aspecto 'dialogado' subjacente.

Apresentamos em forma de quadro um resumo de nossa fundamentação teórica, advinda de diversas áreas:

QUADRO 4 – Nossa fundamentação teórica

História	**Filosofia**	**Estudos Culturais**	**AD**
ANDERSON, 2011 (nação: comunidade	DELEUZE, 1990, 1995 (dispositivo)	HALL, 2003, 2015 (tradição inventada como	COURTINE, 2009 (memória discursiva)

[49] Por ora diremos que há autores que interpretam essas leituras como extremistas e adotam uma posição mais intermediária, relativizando os extremos.

imaginada) FOUCAULT, 1984, 1995 (dispositivo) HOBSBAWM, 1984 (tradição inventada)	DUSSEL, 1990 (1492 como 'invasão')	dispositivo discursivo) SANTOS, 2010 (movimentos contra-hegemônicos)	MAINGUENEAU, 2001, 2008a, 2008b, 2015 (semântica global) ORLANDI, 1990, 1998, 2001, 2011 (formação discursiva)

Fonte: elaborado pela própria autora

Ao longo do capítulo teórico observamos a proximidade ou superposição de várias noções: interdiscurso, quadro, matriz, regime de enunciabilidade, seja como for, não é possível conceber uma comunidade discursiva sem uma memória partilhada, coletiva, que possa ser recriada, transformada, negada, esquecida, até usada, na medida em que conforma identidades. A respeito das ressignificações da data:

> A memória tende a absorver o acontecimento discursivo, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto de acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regulação anterior. (ACHARD, 2007, p. 46)

Este fragmento citado é muito importante já que enfatiza que ao tempo que as regularidades vão se conformando, também podem ser desconstruídas e inaugurar uma/s outra/s vertente/s de significação.

Ao longo do trabalho, esse entendimento nos possibilitou observar, a partir das redesignações da data, outras variantes do dispositivo memorial na medida em que há saberes, poderes e processos de subjetivação que dialogam com a memória discursiva. Essas redes que vão se configurando, mudando, subvertendo etc., vão conformando objetos discursivos. A esse respeito

> As relações discursivas nem caracterizam a língua que o discurso X ou Y utiliza, nem as circunstâncias em que ele se desenvolve. Essas relações discursivas de poder-saber caracterizam o próprio discurso como uma *prática discursiva* que forma *os objetos de que fala*. Disso resulta que, se os objetos de discurso se constituem nos jogos de relações discursivas de poder-saber, eles devem ser pensados numa certa (des)ordem, ou seja, não podem ser pensados como os mesmos nas diferentes épocas e nas diferentes instâncias. (FONSECA-SILVA, 2010, p. 73)

Nesse fragmento nos apoiamos para organizar a apresentação das análises, na medida em que destaca a indissociabilidade entre as práticas e os objetos discursivos. Dividimos o capítulo em dois grandes blocos que correspondem aos objetos discursivos de que fala cada designação do 12 de outubro em nosso arquivo. No primeiro bloco tratamos dos objetos discursivos raça e hispanidade. O segundo bloco reúne os objetos discursivos descolonização, resistência indígena, diversidade e respeito. O motivo dessa escolha obedeceu a que os focos ou aspectos dos objetos discursivos dialogam com os outros e, por vezes se superpõem, resultando difícil estabelecer as fronteiras entre eles (o lugar da língua espanhola, a ameaça e a missão, os precursores resgatados e o tempo). Deste modo, entendemos que não ficamos tão assujeitados às grades de modelos já trabalhados.

Estimamos melhor reunir, em cada bloco, recortes de nosso arquivo para melhor caracterizar os diferentes posicionamentos que criam os objetos discursivos do dispositivo memorial, em diversos momentos, atrelados ao 12 de outubro, com a finalidade de compará-los. Essa arrumação leva em conta que a memória discursiva também está sempre emparelhada a questões de saber, de poder e de processos de subjetivação. Esses objetos discursivos respondem a regimes de enunciabilidade diferentes que cabe a nós depreender. Mas, antes de aprofundar nos objetos discursivos das configurações, abordamos a questão das filiações em jogo e do desejo comum que aglutina uma (com)unidade. Nesse sentido observamos filiações e (com)unidades de diferente índole, tanto na instituição da data quanto nas atuais reconfigurações de nosso arquivo, visto que respondem a posicionamentos e regimes de enunciabilidade diferentes.

4.1 Uma questão de filiação

Ao posicionamento pró Mãe pátria, já apresentado em 1.2, acrescentamos recortes do artigo de Quesada (1918), dois pronunciamentos de Perón (1946 e 1947) e uma publicidade de jornal. De Espanha, dois fragmentos do pronunciamento pela independência da Guiné Equatorial (1968).

O texto de Quesada (30) é um pequeno artigo de 1918, de 15 páginas. O sociólogo argentino Ernesto Quesada atuou na *Universidad Nacional de Buenos Aires*. No artigo expõe o significado do Día de la Raza para Hispanoamérica naquela conjuntura política e social: *El día de la raza y su significado en Hispano-América.* O artigo, junto com outros, foi dedicado à data, e faz parte de uma publicação estudiantil da Faculdade de Filosofia e Letras, a revista *Verbum*[50].

Quesada afirma em 1918:

> (sobre esa nueva orientación de la mentalidad hispanoamericana) ha hecho…que se aprieten más los estrechos lazos invisibles que el transitorio desgarramiento del siglo anterior no logró romper del todo, y que representan las ligaduras comunes del atavismo racial, de la unidad de lengua, del sedimento de la mentalidad, de las costumbres, de las creencias, de los criterios: de ahí la reciente tendencia que se esfuerza con impaciencia, trabajando impetuosamente, en propiciar el acercamiento de la antigua madre patria y de sus hijas independientes, con un paniberismo que, propiamente, es un verdadero y legítimo panhispanoamericanismo. (QUESADA, 1918, p. 7-8) (Sublinhados nossos)[51]

Destacamos nos sublinhados os elos em comum criados entre a Espanha e as ex- colônias americanas após um século das lutas pela independência. Já Perón

[50]Uma análise desse artigo foi apresentada em comunicação do VIII Congresso Brasileiro de Hispanistas (ABH) *"La exaltación de lo español en 1918: abordaje discursivo de una exposición sociológica*", realizado em RJ, em 09.2014. *Verbum -Revista del Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras,* ano XII, nº 46, oct. de 1918, p. 7-20. Disponível em: http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/inibi_nuevo/verbum1918.htm. Acessado em 30.8.2014.

[51] (sobre essa nova orientação da mentalidade hispano-americana) tem feito… que se apertem mais os estreitos laços invisíveis que a transitória rasgadura do século anterior não conseguiu quebrar totalmente, e que representam as ligaduras comuns do atavismo racial, da unidade de língua, do sedimento da mentalidade, costumes, crenças, critérios: daí a recente tendência que se esforça com impaciência, trabalhando impetuosamente, em propiciar a aproximação da antiga mãe pátria e de suas filhas independentes, com um paniberismo que, propriamente, é um verdadeiro e legítimo panhispanoamericanismo. (QUESADA, 1918, p. 7-8) (Sublinhados e tradução nossos)

assim exalta Espanha no discurso do 12 de outubro de 1946 (7), realizado no almoço da Confederação de Maestros e Professores Católicos, onde lhe foi entregue o Colar da Ordem Americana de *Isabel La Católica* pelo embaixador espanhol:

> [...] (La Argentina) recupera también la facultad soberana de expresar su fraterno afecto a todos los países de origen hispánico y su anhelo de que en el día de hoy sientan todos, con efusión tan sincera como la nuestra, el imperecedero amor a nuestra Madre común. [...] Al pueblo argentino lo exhorto a mantener encendido el recuerdo y el cariño a la hidalga nación que sabe tanto de las rutas del mar y de la tierra como de las rutas del cielo, por las que deja galopar su alma en busca de ideales que nos liberen de los bajos instintos y mezquindades. Discurso de Perón del 12.10.1946, p. 2 e 3. (Sublinhados nossos)[52]

O presidente argentino, no pronunciamento de 1947, assim parafraseia[53] a Espanha:

> ESPAÑA: *la Patria Madre, fecunda, civilizadora, eterna; su maternal regazo; la madre España; tan noble tronco; su obra civilizadora; única en el mundo; su más calificado blasón; la mejor ejecutora de la raza; un rosario de heroísmos, de sacrificios y de ejemplares renunciamientos; su empresa; el signo de una auténtica misión; nuevo Prometeo; la magnitud de su empresa; magnífico aporte a la cultura occidental; su sangre; sus hijas; la levadura de su sangre; una herencia inmortal; la ascética grandeza ibérica y cristiana; la más prodigiosa acumulación de incitaciones ideales; la universalidad de lo español; lo español,... un desbordamiento de pasión; por esta grandiosidad y por esta fuerza; el sentimiento patriótico español.*[54]

---

[52][...] (A Argentina) recupera também a faculdade soberana de expressar seu fraterno afeto a todos os países de origem hispânica e seu anseio de que no dia de hoje sintam todos, com efusão tão sincera quanto a nossa, o imperecível amor a nossa Mãe comum. [...] Ao povo argentino exorto a manter acesa a lembrança e o carinho à fidalga nação que sabe tanto das rotas do mar e da terra como das rotas do céu, pelas que deixa galopar sua alma em busca de ideais que nos liberem dos baixos instintos e mesquinharias. Discurso de Perón de 12.10.1946, p. 2 e 3. (Sublinhados e tradução nossos)

[53] Neste, como em todos os fragmentos em que analisamos o processo designativo, contemplamos também os sintagmas nominais com possessivos.

[54] ESPANHA: *a Pátria Mãe, fecunda, civilizadora, eterna; seu maternal colo; a mãe Espanha; tão nobre tronco; sua obra civilizadora; única no mundo; seu mais qualificado brasão; a melhor executora da raça; um rosário de heroísmos, de sacrifícios e de exemplares renúncias; sua empresa; o signo de uma autêntica missão; novo Prometeu; a magnitude de sua empresa; magnífico aporte para a cultura ocidental; seu sangue; suas filhas; o fermento de seu sangue; uma herança imortal; a ascética grandeza ibérica e cristã; o mais prodigioso acúmulo de incitações ideais; a universalidade do espanhol; o espanhol,... um transbordamento de paixão; por esta grandiosidade e por esta força; o sentimento patriótico espanhol. (8)*

O fragmento que sublinhamos 'o fermento de seu sangue' apela a nosso domínio de memória, na medida em que Perón ao apropriar-se do enunciado *la levadura de su sangre*, constante no decreto de Irygoyen que institui oficialmente a data em 1917 como comemorativa, provoca um efeito de memória que o institui como 'herdeiro' desse legado. Essa expressão, que pertence ao âmbito de um saber histórico (interdiscurso), irrompe na atualidade do intradiscurso de Perón. Esse traço, marca linguística, reafirma, legitima o texto que instituiu a data como homenagem a Espanha. Retomamos e lembramos a citação de Anderson (2011), no capítulo 1, quando afirma que nas nações americanas, após 1830, começa a ser pensada a questão da nacionalidade como continuidade "tinha se tornado uma herança, e, *enquanto tal*, deveria entrar numa série genealógica."(p. 268)

Do pronunciamento pela independência da Guiné Equatorial informamos que foi pronunciado no 12 de outubro de 1968 por Dom Manuel Fraga Iribarne. Cabe ressaltar que a data do 12 de outubro foi escolhida pelas próprias autoridades guineanas da época, justamente para proclamar a independência dessa nação africana. Os dois fragmentos a seguir configuram uma relação discursiva de parentesco hierarquizada, na qual a Espanha é a mãe e as ex-colônias são as filhas. Destacam-se designações relativas à 'grande família' e à 'pequena família' que descrevem o vínculo entre mãe e filhas.

> La gran familia: *una gran familia de pueblos, de distintas razas y en varios continentes, compañía segura y leal; esa gran familia, unida entre sí por lazos de comunidad y no de sociedad, historia común, el mismo Dios en el mismo idioma, de la vida idéntico sentido transcendente; los lazos de esta familia, lazos familiares; lazos flexibles, cambiantes en lo contingente, inconmovibles en la intimidad, de profunda identificación; en el seno de esta familia, que es una familia vuestra, entrañablemente acompañados; el día de la gran fiesta familiar, el Día de la Hispanidad; doscientos millones de hispanoparlantes.*[55] Discurso de 12.10.1968. (10)

[55]A grande família: *uma grande família de povos, de distintas raças e em vários continentes, companhia segura e leal; essa grande família, unida entre si por laços de comunidade e não de sociedade, história comum, o mesmo Deus no mesmo idioma, da vida idêntico sentido transcendente; os laços desta família, laços familiares; laços flexíveis, mutáveis no contingente, incomovíveis na intimidade, de profunda identificação; no seio desta família, que é uma família de vocês, intimamente acompanhados; o dia da grande festa familiar, o Dia da Hispanidade; duzentos milhões de hispanofalantes.*

> La pequeña familia: *otra pequeña familia, una familia restringidísima que es la inmediatamente nuestra; nuestros dos pueblos; cuyos lazos; vuestra mejor compañía, unos estrechos lazos de amistad, de ayuda mutua, de relación constante.*[56] Discurso de 12.10.1968. (10)

A cenografia discursiva do espaço familiar mostra-se bem apropriada para aproximar os coenunciadores nos gêneros pronunciamento oficial e artigo acadêmico. Uma observação importante sobre estes dois últimos fragmentos: sob a visão espanhola daquela época, há uma grande família conformada por todas as nações cristãs, de língua espanhola e com idêntico sentido transcendente, um vínculo horizontal que superaria as fronteiras geográficas. Há também 'outra pequena família', esta pequena família é a guineana e é pequena porque aponta aos vínculos bilaterais entre a Espanha e a jovem nação africana. Os fragmentos também possibilitam observar como esse vínculo existe via discurso. Além disso, é a única no continente africano que tem o espanhol como língua oficial maioritária. É tão pequena que quase é invisível até para os próprios hispanofalantes, hispanistas e alunos de espanhol como língua estrangeira.

Esse vínculo familiar inscrito pelo discurso se faz presente em diversos outros textos, como por exemplo, na publicidade ***El Champagne de las Américas... –Monitor*** (27),publicada no jornal argentino *La Nación* de 11.10.1941, p. 9.

Na publicidade há o desenho de uma caravela, que funciona como uma alegoria, numa remissão à data. Segue o título apontado e embaixo há um texto central e o desenho em destaque de uma garrafa Monitor com duas taças. A segunda metade desse texto traz um histórico do produto sub-titulado *Razones da calidad*[57]emoldurado por um friso ou filete onde se lê:

> En Brasil, Bolivia, Colombia, Guatemala, Méjico, Paraguay, Perú, Panamá, Venezuela y otros países Americanos, <u>ya se celebran las fechas históricas</u> con MONITOR. Es <u>el</u> Champagne de las Américas.

---

[56] A pequena família: *umaoutra pequena família, uma família restringidíssima que é a imediatamente nossa; nossos dois povos; cujos laços; vossa melhor companhia; uns estreitos laços de amizade, de ajuda mútua, de relação constante.*

[57]**1883** –Funda-se a Bodega Trapiche, precursora da indústria vitivinícola argentina. **1918** – São trazidas as primeiras cepas da região de Champagne. **1920** – Começam a serem recebidas leveduras especiais do Instituto Pasteur, de Paris. **1925** – É apresentado o MONITOR, elaborado pelo mais moderno dos métodos de segunda fermentação natural em embalagens fechadas, usado na região de Champagne. **1941** – MONITOR é o Champagne argentino de maior venda mundial.

> Ocho embajadas, una delegación y dos consulados argentinos; una delegación y nueve embajadas extranjeras, en América, honran con su preferencia al MONITOR. Cuando ustedbrinda con él, lo hace con el producto argentino cuya calidad ha franqueado las fronteras de la República[58]. (Sublinhado nosso)

Imagem 2 – Publicidade Champanha *Monitor* (27)

A cenografia instituída é a de um convite. Na frente das duas taças há um retângulo onde se lê: " CONVITE – BENEGAS HNOS. & CIA. LTDA. Têm a honra de convidar você para visitar a Adega Trapiche, a próxima vez que esteja em Mendoza. Será devidamente acolhido". Temos aqui um gênero (convite impresso) dentro de outro (publicidade).

[58]No Brasil, Colômbia, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Panamá, Venezuela e outros países americanos, já se celebram as datas históricas com MONITOR. É a Champanha das Américas. Oito embaixadas, uma delegação e dois consulados argentinos; uma delegação e nove embaixadas estrangeiras, na América, honram com sua preferência ao MONITOR. Quando você brinda com ele, o faz com o produto argentino cuja qualidade temfranqueado as fronteiras da República.(Sublinhado nosso)

Novamente a história é convocada e materializada na imagem da caravela que opera como um símbolo da data histórica. O Monitor ultrapassa fronteiras, *une* muitas nações americanas e *essa data só é passível de ser comemorada*, que melhor celebrar a data com um brinde com o champanha que tem tradição, mais um elemento que une os americanos. A data é naturalizada, é apresentada como verdade inquestionável, já é um fato que é uma data histórica e pelas características do produto ofertado, é para ser utilizado em ocasiões comemorativas. O tema imposto da data comemorativa do 12 de outubro infiltra-se nas porosidades da trama discursiva. Lembramos de Maingueneau (2008a) quando diz " O discurso demanda Tradição e cria sua própria Tradição, sendo o essencial poder dizê-lo como ele já foi dito, inscrever sua enunciação nos traços de uma enunciação anterior" (p. 116-117).

Também verificamos outras marcas enunciativas interessantes. Na série de nações apresentadas em ordem alfabética, o Brasil consta em primeiro lugar. O uso do definido singular em 'el Champagne de las Américas' reescreve o produto como singular, único por seu destaque, não é um entre tantos outros.

No fragmento selecionado da publicidade se dá destaque ao produto como aquele que tem ultrapassado as fronteiras geográficas das nações citadas, começando pela Argentina, e mais especificamente Mendoza 'la próxima vez que esté en Mendoza', já convidando ou dando por sabido que o coenunciador que esteve em Mendonça voltará. Fica na ordem do implícito que nessa data se brindava por essa diluição temporária e imaginária das soberanias em prol de uma comunidade maior.

Para contrapor esse posicionamento em relação à filiação, trazemos um ponto da mesa 1 de discussões da CAN (18) e que data de 2011[59]. Na Mesa 1, cujo foco foram os povos indígenas, constam propostas e conclusões produto das discussões dos signatários representantes das quatro nações. Os cinco aspectos tratados foram: autonomia e jurisdição indígena na região andina; mudanças climáticas; terra, território, segurança e soberania alimentar; direitos de povos indígenas altamente vulneráveis e transfronteiriços; o índio como paradigma da

[59]Disponível em www.comunidadandina.org/2011/**MESA**%201.pdf (Acessado em 01.09.2015). Trata-se deum documento de 11 páginas com propostas.

descolonização. Neste último item, 25 foram as propostas, sendo que a primeira foi declarar o 12 de outubro *Día de la DescolonizaciónContinental*, proposta que até o momento só foi assumida oficialmente pela Bolívia (ver no Quadro 2, cap. 1). Em um dos parágrafos do documento, fica patente que o vínculo com a terra é de outra índole, de uma natureza existencialista e cosmogônica:

> Exigimos que en la conferencia de las Naciones Unidas sobre Desarrollo Sostenible de Rio+20, como resultado concreto se apruebe la "Declaración Universal de los Derechos de la naturaleza" porque nuestra Madre Tierra tiene derecho a existir, mantener sus ciclos vitales, regenerarse, relacionarse con las demás partes del sistema Tierra. Reflexionamos desde los Andes que, sin respetar y garantizar estos derechos de la naturaleza no será posible garantizar los derechos humanos y no será posible alcanzar un desarrollo sostenible, por lo que es prioritario y urgente tener una voluntad global transformadora. (CAN, 2011, p. 4)[60]

Em um tom reivindicativo, os filhos andinos exortam os direitos da mãe que é a terra. É interessante a relação estabelecida com os direitos humanos: sem os direitos da mãe, nenhum filho também não tem seus direitos garantidos. A relação é direta e vital. Adiantamos que há uma apropriação do novo paradigma instaurado a partir da criação dos direitos humanos que é transposto, adaptado à cosmogonia indígena cujo elo com a terra é primordial e originário.

Um ponto em especial da proposta da CAN chamou nossa atenção, nos referimos a um objeto de reflexão e de pedido especial de políticas públicas (2011, p. 5-7), sob o subtítulo Direitos de povos indígenas altamente vulneráveis e transfronteiriços, que destaca uma preocupação com aqueles que transitam por regiões que correspondem a duas ou até três fronteiras que foram impostas com o surgimento das nações modernas. A partir dessa situação tão particular, pensamos no espaço, nas fronteiras simbólicas que delimitam comunidades, mas antes de passar para o próximo item, à guisa de conclusão afirmamos que em e pelo discurso são criados vínculos discursivos de índole familiar entre a Mãe pátria,

[60]Exigimos que na conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável de Rio+20, como resultado concreto seja aprovada a "Declaração Universal dos Direitos da natureza" porque nossa Mãe Terra tem direito a existir, manter seus ciclos vitais, se regenerar, se relacionar com as outras partes do sistema Terra. Refletimos a partir dos Andes que sem respeitar e garantir estes direitos da natureza não será possível chegar a um desenvolvimento sustentável por isso é prioritário e urgente ter uma vontade global transformadora. (CAN, 2011, p. 4) (Tradução e sublinhados nossos)

descrição definida da Espanha, ex-colonizadora e as nações independentes, as filhas.

Em nosso recorte, na posterior variante descolonização, a mãe é um objeto não constituído por humanos, a mãe Terra. Não é por acaso que o sociólogo Santos (2010) trata na sua obra sobre a transição de paradigmas que caracteriza nossa época e que ele designa 'globalizações contra-hegemônicas' (capítulo 6). Uma das características desses movimentosemergentes, e que tiveram origem no século XX, é que "está tão envolvida numa política de igualdade (redistribuição) como numa política da diferença (reconhecimento)" (p. 196), podendo passar por momentos de privilegiar ora a redistribuição, ora o reconhecimento. O autor aponta que entre esses novos paradigmas que se perfilam, os direitos humanos interculturais e pós-imperiais, ocupam um lugar fundamental. Um deles é *o direito à concessão de direitos a entidades, nomeadamente a natureza e as gerações futuras* (SANTOS, 2010, p. 466). O princípio dos direitos humanos ocidental entende que só tem direitos quem tem deveres e "esta simetria estreitou o âmbito do princípio de reciprocidade de tal forma que deixou de fora, em diferentes épocas históricas, mulheres, crianças, escravos, povos indígenas, natureza e gerações futuras". (SANTOS, 2010, p. 466)

4.2 As (com)unidades desejadas

Ambos os posicionamentos abordados em 4.1, pró Mãe pátria e pró Mãe Terra (CAN), perfilam (com)unidades imaginadas. Anderson ressalta a eficiência dos símbolos nacionais:

> Nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base em nada. Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados "naturais e essenciais"; pouco passíveis de dúvida e questionamento. O uso de "nós", presentes nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade e apague o que existe de "eles" e de diferença em qualquer sociedade. (ANDERSON, 2011, p. 16)

Hinos, bandeiras, lemas e emblemas são símbolos que têm por finalidade aglutinar uma comunidade, seus integrantes 'vestem uma camiseta' que os identifica perante os outros, condensando um sentimento de pertencimento e orgulho. No caso da Bandeira da Raça e do Hino da Hispanidade nos deparamos com símbolos transnacionais constituindo um imaginário que superaria os limites geográficos, criando a ilusão de nação pan-hispânica, uma comunidade imaginada para além das fronteiras geopolíticas.

Apresentaremos em sequência a bandeira da raça, a bandeira da CAN e a da Guiné Equatorial que possui um lema. Essas materialidades tão particulares condensam sentidos que permitem identificar uma (com)unidade.

Imagem 3 - Bandeira da Raça (11)

A bandeira da Raça foi criada por iniciativa do capitão uruguaio Ángel Tamblor e, pelo menos no México em 1934, sua aprovação na Câmara dos Deputados (17)[61] gerou bastante polêmica. Assim é descrita pelo seu idealizador:

> Es blanca por la paz, lleva tres cruces moradas cóncavas de la misma forma que las que traían en sus velas las carabelas

[61]Na primeira parte do livro **La idea colombina del Descubrimiento desde México (1836-1986)**, de ORTEGA Y MEDINA, J. (1987), é apresentada uma série de visões críticas mexicanas sobre a figura de Colombo, a segunda está centrada na polêmica (re)ssuscitada pelo V Centenário do Descobrimento em 1992, oficialmente divulgada como "Encontro de dois mundos". Nos centramos em fragmentos do Diário de debates das Câmaras de Deputados e de Senadores de México sobre o Dia da Raça e a Bandeira da Raça, dos anos 1929 e 1934 (p. 51-66)

> colombinas, y en su homenaje. De la cruz central, que es mayor y en honor al genio del descubridor de las Américas, Cristóbal Colón, parte un sol incaico en recuerdo y honra de todas las razas aborígenes del Continente. Los lemas de la bandera son: Justicia, Paz, Unión y Fraternidad.[62] (Tradução nossa)

Os argumentos levantados contra sua aprovação, tal como consta no Diário de Debates dessa Câmara (17), em 1934, são: que as cruzes não são símbolo de paz e sim de guerra, que a cor 'morada' é símbolo do Vaticano, que a cruz não é símbolo da raça mexicana. Um deputado destaca que esse símbolo se choca com os princípios da Revolução Social Mexicana e outro declara "[el decreto que instituye la fecha fiesta nacional] supongo que nadie se opone, aun cuando yo creo que si la mayoría de nosotros fuéramos indígenas, sí nos opondríamos"[63] (*apud* ORTEGA Y MEDINA, 1987, p. 58). A sequência condicional institui um simulacro, como diria Mangueneau. O enunciador imagina como seria sua opinião a partir do posicionamento contrário.

Passamos à bandeira e o emblema da CAN (12):

Imagem 4 - Bandeira e emblema da CAN

A CAN possui uma bandeira desde 2004. Assim, esta comunidade caracteriza seu símbolo: "El color de la bandera andina es el blanco que representa

[62]É branca pela paz, leva três cruzes moradas côncavas da mesma forma que as que traziam nas suas velas as caravelas colombinas. Da cruz central que é maior e em honor ao gênio do descobridor das Américas, Cristóvão Colombo, parte um sol incaico como lembrança e honra de todas as raças aborígenes do Continente. Os lemas da bandeira são: Justiça, Paz, União e Fraternidade. (*apud* QUESADA, 1987, p. 52-54)

[63] "[o decreto que instituiu a data festa nacional] suponho que ninguém se opõe, mesmo quando eu acredito que se a maioria de nós fóssemos indígenas, sim seriamos contra" (Tradução nossa).

la paz, la armonía y la unidad en la diversidad. El emblema de la CAN figura inserto en el lugar central y aporta, con su color dorado, la fortaleza de los ideales en que se inspira el proceso de integración".[64]

A simbologia do emblema dourado é bastante complexa e todos os elementos constitutivos remetem aos valores das culturas Andinas: a harmonia, a concepção cíclica do tempo, os complementos, a reciprocidade, o cultivo vertical da terra.[65]

A origem da CAN remonta ao Acordo de Cartagena, assinado em 1969, com os objetivos de integração e cooperação econômica e social. Posteriormente foi conhecido, antes de adotar a sigla CAN, como Pacto Andino ou Grupo Andino. Os países integrantes atuais são Bolívia, Equador, Peru e Colômbia mas já fizeram parte integrante da CAN também o Chile e a Venezuela. Desde 2007 vem ampliando objetivos nos âmbitos político, ambiental, cultural e comercial. Destaco sobre o funcionamento da CAN que "A Comunidade Andina está conformada por Órgãos e Instituições articulados pelo **Sistema Andino de Integración, mais conhecido como o SAI**. Este Sistema faz que a CAN funcione quase como o faz um Estado." A modo de exemplo, a página informa que há um Conselho Presidencial, um Parlamento, um Tribunal Andino de Justiça, a Universidade Andina Simón Bolivar com várias sedes e dois organismos financeiros, entre outros. Constam como países associados: Chile, Brasil, Paraguai e Uruguai e, na qualidade de país observador, significativamente, Espanha. Segundo notícias disponibilizadas na página da CAN, a proposta partiu da própria Espanha com a finalidade de estreitar laços.[66] Seja como for, apontamos um deslocamento de lugar discursivo de função mãe pátria para a de observadora. O olhar atento, o vigiar de longe, que conota a função de observar é bem emblemática de uma mudança no tipo de controle ainda exercido.

---

[64]"A cor da bandeira andina é branca que representa a paz, harmonia e unidade na diversidade. O emblema da CAN figura inserido no lugar central e aporta, com sua cor dourada, a fortaleza dos ideais em que se inspira o processo de integração." (Tradução nossa)

[65]Para acessar a mais informações consultar: http://www.comunidadandina.org/Seccion.aspx?id=201&tipo=QU&title=el-emblema-de-la-can

[66] Sugerimos acompanhar mais informações disponíveis em e-ser-observador-de-la-can" http://www.comunidadandina.org/Prensa.aspx?id=229&accion=detalle&cat=NP&title=espana-solicita-oficialmente-ser-observador-de-la-can. Acessado em abril 2016.

Retomando o foco para as bandeiras, chamamos a atenção para o fatode a bandeira da Raça ter como lema *Justiça, Paz, Uniãoe Fraternidade* e a da Guiné Equatorial, abaixo apresentada, *Unidade, Paz e Justiça*. As proximidades e diferenças entre os lemas observadas na alteração da ordem entre o primeiro e o terceiro termo do lema e o fato da bandeira da Raça possuir um quarto elemento, a *Fraternidade*.

Imagem 5 - Lema da bandeira da Guiné Equatorial: Unidade, Paz e Justiça *(Unidad, Paz y Justicia)* (15)

A noção de comunidade imaginada, alcunhada por Anderson (2011) para definir o que é uma nação, nos remete à noção de territorialidade, muito explorada nestes últimos tempos pela Geografia Política. Em nosso caso, atendendo nosso objetivo, preferimos falar em (com)unidades desejadas uma vez que grupos ou nações se agrupam em prol de determinados objetivos, uma unidade, sem que isso

signifique perda de identidade ou de nacionalidade. A noção de territorialidade é muito complexa e ampla e, não necessariamente, vincula-se a um território, no sentido de espaço físico. O geógrafo brasileiro Haesbaert destaca o aspecto ontológico da territorialidade que, a diferença do território, traz a questão do poder em jogo. O aspecto ontológico da territorialidade pode ser entendido:

> a) como materialidade (ex. controle físico do acesso através do espaço material); b) como imaterialidade (ex. controle simbólico, através de uma identidade territorial ou "comunidade territorial imaginada" e; c) como "espaço vivido" (frente aos territórios, formais-institucionais), conjugando materialidade e imaterialidade. (*apud* SILVA FERREIRA, 2014, p. 131).

Destacamos o aspecto (b) pois é uma possível "territorialidade sem território", no dizer de Haesbaert (2007, *apud* SILVA FERREIRA, p. 131-132) a que seria desejada nas primeiras fases do dispositivo memorial do 12 de outubro. Corroboramos essa compreensão na primeira consideração da Comissão da Câmara de Deputados mexicana (17), antes da aprovação da data festiva, Dia da Raça, em 11.10.1929.

> El concepto de patria se identifica cada día más con el de raza, que enlaza, que une a los pueblos que, como los nuestros, tienen una misma historia y problemas similares. Es decir aleja de sí la "clásica idea territorial" que provoca el distanciamiento y la falta de cooperación.[67] (ORTEGA Y MEDINA, 1987, p. 53)

Curiosa equivalência que se estabelece discursivamente entre pátria, raça e um novo tipo de territorialidade que não se adequa mais ao paradigma chamado clássico. Também observamos que, ao mesmo tempo, justifica-se a equivalência pátria = raça sob o escopo de uma visão homogeneizadora da história, apagam-se também as diferenças de problemáticas sociais locais ou regionais.

Já numa das reconfigurações atuais do dispositivo podemos observar:

[67]O conceito de pátria se identifica cada dia mais com o de raça, que enlaça, que une os povos que, como os nossos, têm uma mesma história e problemas similares. Isto é, afasta de si a "clássica ideia territorial" que provoca o distanciamento e a falta de cooperação. (Tradução e destaques nossos)

> La CAN y los países membros deben generar políticas que protejan a los pueblos indígenas que han sido divididos por las fronteras. (CAN, 2011, p. 5 –Destaque nuestro)[68](18)

Leiam-se fronteiras atreladas à ideia de nação. Parece-nos se tratar do aspecto (c) da territorialidade em sua dimensão ontológica, como a apontada porHaesbaert "'espaço vivido' (frente aos territórios, formais-institucionais), conjugando materialidade e imaterialidade." (*apud* SILVA FERREIRA, 2014, p. 131). Carecemos de uma cosmovisão que se quer holística adotadas por algumas áreas do saber. Como analistas do discurso a compreendemos como uma 'territorialidade discursiva' na medida em que só é possível de ser desejada e compartilhada junto com outros, pela linguagem, ao mesmo tempo em que seu modo de existência é ser na linguagem.

Interpretamos como uma possível variante dessa união, uma unidade que contempla e convive com a pluralidade. No decreto 2028/2002 da República Bolivariana da Venezuela (3) que redesigna o 12 de outubro como *Día de la Resistencia Indígena*[69] destacamos trechos dos artigos que sustentam nossa afirmação:

> Artículo 1°. Conmemorar el 12 de octubre de cada año "Día de la Resistencia Indígena", destinado a reconocer nuestra autoafirmación americanista por la unidad y diversidad cultural y humana, reivindicando tanto a los pueblos indígenas de América como los aportes de los pueblos y las culturas africanas, asiáticas y europeas en la conformación de nuestra nacionalidad, en el espíritu del diálogo de civilizaciones, la paz y la justicia.
> Artículo 4°. Promover ante la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), la actualización tanto de la geografía e historia de América como la universal, en las enciclopedias americanas y universales, a fin de incorporar los aportes de los pueblos indígenas, afroamericanos y criollos, con la participación activa de éstos, desde la perspectiva multilineal, pluridimensional e interdisciplinaria, con el propósito de liberar a los textos de investigación y educación, de racismos, eurocentrismos, etnocentrismos locales, patrialcalismos y discriminaciones de cualquier orden.
> Artículo 5°. Solicitar a la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), una revisión actualizada de un verdadero calendario universal de naturaleza

[68]A CAN e os países membros devem gerar políticas que protejam os povos indígenas que têm sido divididos pelas fronteiras. (CAN, 2011, p. 5 – Destaque e tradução nossos) (18)
[69]www.mci.gob.ve/pagina/2/5649/completa.html Última consulta em 03 mar. 2010.

> intercultural, con el concurso de todas las civilizaciones y sociedades, sin detrimento de los calendarios correspondientes a cada pueblo, hemisferio, región o subregión del planeta.[70]

O artigo 1º expõe o argumento que justifica a redesignação da data como resistência indígena. Esse argumento privilegia uma unidade que abranja a diversidade cultural em um tom dialógico de paz e justiça. Se essa proposta aponta para um futuro, é porque no aqui e agora da enunciação esses valores privilegiados são almejados.

Também chamou nossa atenção a sexta das 25 propostas da CAN (2011, p. 8) no final do documento, sob o título *O índio como paradigma da descolonização*. Trata-se da "Criação da União das Nações Originárias –UNO". Além da referencia ao numeral, há o de unidade indivisível, única. Por outro lado, é inevitável não fazer a associação com a ONU (Organização das Nações Unidas). Curioso e criativo anagrama que vai além de uma mera inversão de vogais da sigla. A inversão na língua dialoga com e subverte uma das organizações mais importantes e de prestígio do mundo atual ocidental, a subverte na própria língua. Retomaremos essa questão ao tratarmos do objeto discursivo *descolonização* em 4.3.2.

Sobre a 'centralidade' das unidades/uniões desejadas deste dispositivo memorial do 12 de outubro, consideramos que esteja atrelada à questão das origens. Em seu centro é a mãe pátria a "homenageada do dia", e nela a exaltação de atributos e valores sustentados na e pela língua:

> Por tanto, siendo eminentemente justo consagrar la

[70]Artigo 1°. Comemorar o 12 de outubro de cada ano "Dia da Resistência Indígena", destinado a reconhecer nossa autoafirmação americanista pela unidade e diversidade cultural e humana, reivindicando tanto os povos indígenas da América quanto os aportes dos povos e as culturas africanas, asiáticas e europeias na conformação de nossa nacionalidade, com espírito de diálogo entre civilizações, paz e justiça.
Artigo 4°. Promover ante a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a atualização tanto da geografia e história da América quanto da universal, nas enciclopédias americanas e universais, no intuito de incorporar os aportes dos povos indígenas, afro-americanos e *criollos**, com sua participação ativa, desde a perspectiva multilinear, pluridimensional e interdisciplinaria, com a finalidade de liberar os textos de pesquisa e educação, de racismos, eurocentrismos, etnocentrismos locais, patriarcalismos e discriminações de qualquer índole. (*Obs. nossa: *criollo* no sentido de descendente de pais europeu nascido na Hispano América).
Artigo 5°. Solicitar à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), uma revisão atualizada de um verdadeiro calendário universal de natureza intercultural, com o concurso de todas as civilizações e sociedades, sem detrimento dos respectivos calendários de cada povo, hemisfério, região ousub-região do planeta.

> festividad de la fecha en homenaje a España, progenitora de naciones a las cuales ha dado con la levadura de su sangre y la armonía de su lengua una herencia inmortal, debemos afirmar y sancionar el jubiloso reconocimiento, y el poder ejecutivo decreta [...] (1) Decreto de Irigoyen, de 11.10.1917 [71]

Já no caso da variante da CAN, recentemente em documentos oficiais[72], cobra destaque a união dos irmãos possibilitada pela Mãe Terra, como vimos em 4.1, aglutinadora da comunhão com a natureza. Nas outras variantes, que destacam a diversidade e/ou o respeito, o que aglutina são justamente esses valores éticos. É chegado o momento de abordar os objetos discursivos das variantes do dispositivo em questão.

4.3 A construção dos objetos

A partir dos objetos discursivos, delimitamos e designamos a primeira configuração da data como Raça/Hispanidade, abordada em 4.3.1. Contrapondo-se a elas, mas necessariamente dialogando, temos as reconfigurações: resistência indígena, descolonização, respeito e diversidade, que apresentam semelhanças e pontos de afastamento, mas que reunimos no item 4.3.2. Outra observação importante recai no fato de raça e hispanidade serem conceitos relativos a ideias, já nas outras reconfigurações da data trata-se de ações e atitudes realizadas com e nas palavras: resistir, descolonizar e respeitar.

4.3.1 Raça e hispanidade

Consideramos mister refletir sobre os sentidos atribuídos à palavra 'raça' no contexto da instituição da data. A noção de raça, também confundida com a de

[71]Por tanto, sendo eminentemente justo consagrar a festividade da data em homenagem a Espanha, progenitora de nações às quais tem dado com o fermento de seu sangue e a harmonia de sua língua uma herança imortal, devemos afirmar e sancionar o jubiloso reconhecimento, e o poder executivo decreta [...] (1) Decreto de Irigoyen, no Diario Oficial Argentino de 11.10.1917, o 12 de outubro é festa nacional, o *Día de la Raza.*

[72] Em 13.09.2007 foi aprovada a *Declaração dos Direitos dos povos Indígenas* pelas Nações Unidas. Documento disponível em: http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf. Acesso em 18 fev. 2016.

etnia, foi amplamente utilizada desde o século XVII até o XX pela Antropologia, por outras ciências humanas e nas ciências biológicas, para classificar as pessoas, indivíduos, a partir de suas características físicas. No âmbito humano, essa classificação se fundamentava (e se fundamenta ainda hoje) sobretudo na cor da pele. Hoje, a discriminação e o preconceito racial são penalizados, mas a palavra raça continua circulando no domínio humano e animal. A 'raça' está representada no escudo da Real Academia Espanhola (RAE)[73]. Em volta do emblema encontra-se o lema *Limpia, fija y da esplendor* [74](Limpa, fixa e dá esplendor) e abaixo no centro há um crisol aceso como pode ser observado nestes três emblemas:

Retirado do Dicionário da RAE, edição de 1734, onde também consta a primeira definição da palavra *hispanismo.* (16)

[73]http://www.rae.es/

[74]A título de curiosidade apontamos que o título e lema do IV Congreso Internacional de la Lengua Española, realizado em 2007, na Colômbia, foi *Presente y futuro de la Lengua Española: unidad en la diversidad.* Por sinal, observamos que esse mesmo lema coincide com o lema oficial da União Europeia em espanhol.

[74]Disponível em anexos e em www.comunidadandina.org/2011/**MESA**%201.pdf (Último acesso em 09 março 2016)

Imagens 6 - Lemas e emblemas da RAE retirados da respectiva página de internet. (16)

A imagem do crisol remete à expressão cristalizada, comum naquela época, 'crisol[75] de razas' para aludir à mestiçagem, à mistura de etnias, consequência da colonização que, desde o ponto de vista do colonizador, era interpretada como missão. Nessa raça, incluíam-se sob a forma 'mestiços' tanto os negros quanto os indígenas, de forma diluída e sem destaque. López García (2007, p. 149) aponta que entre mediados do século XIX e mediados do XX houve, na Espanha, um certo nacionalismo linguístico enquanto que na Hispano América houve "uma curiosa ideologia linguística progressista". Segundo o escritor mexicano José Vasconcelos, devia-se falar em 'raça cósmica' como "la raza definitiva, la raza síntesis o raza integral, hecha con el genio y con la sangre de todos los pueblos y, por lo mismo, más capaz de verdadera fraternidad y de visión realmente universal". (VASCONCELOS [1925][76]*apud* FERNÁNDEZ, 2007, p. 68)[77]

A noção de raça na época da instituição do 12 de outubro como data comemorativa aparece mencionada em diversos textos. A título de exemplificação,

[75]Consideramos que a tradução mais aproximada dessa expressão para o português brasileiro seria: ***sm*** (***lat catinu***) **1** Vaso de argila refratária, porcelana, grafita, ferro ou platina, geralmente em forma de tronco de cone, e próprio para nele se fundirem metais e outros minerais; crisol. Optamos em deixar o termo original em espanhol uma vez que tanto 'cadinho' quanto 'crisol' são palavras de uso pouco frequente em ambas as línguas. Segundo http://michaelis.uol.com.br/ Acessado em 17 fev. 2016.

[76] Do livro *La raza cósmica*. *Misión de la raza hiberoamericana*.

[77]"a raça definitiva, a raça síntese ou raça integral, feita com o gênio e com o sangue de todos os povos e, por isso, mais capaz de verdadeira fraternidade e de visão realmente universal". (Tradução nossa)

remetemos ao artigo de Quesada (1918)[78] e ao pronunciamento de Perón de 1947.

Quesada refere-se à raça como: "ese bastardo hibridismo racial y social; un mosaico singularísimo de mezcla de razas, con atavismos culturales diferentes; esos tres factores raciales (blanco, cobrizo y negro)."[79](QUESADA, 1918) Já Perón, em pronunciamento realizado na Academia Argentina de Letras, intitulado *Homenaje a Cervantes*[80], em 1947, também fala sobre a raça com o duplo objetivo de prestar homenagem ao quarto centenário do nascimento de Miguel de Cervantes (entre 29/9 e 9/10/1547), e à comemoração do Día de la Raza [81]. Note-se que à data, à raça, se sobrepõe a língua espanhola que, nesta configuração, adiantamos, tem destaque especial.

O pronunciamento de Perón menciona raça como: "algo puramente espiritual; una suma de imponderables; nuestro origen y nuestro destino; nuestro sello personal indefinible e inconfundible; un estilo de vida; esta filiación."[82] (PERÓN, 12.10.1947) (8)

É preciso esclarecer que naquela época, Espanha – sob o regime do General Francisco Franco - e Argentina mantiveram vínculos políticos muito estreitos, merecedores de muitas críticas, a tal ponto que em 1946 as duas nações firmaram

---

[78]Artigo publicado sete anos antes que o catedrático mexicano José Vasconselos publicasse o ensaio 'A raça cósmica'.

[79]**Raça:** *esse bastardo hibridismo racial e social; um mosaico singularissimo de mistura de raças, com atavismos culturais diferentes; esses três fatores raciais (branco, acobreado e negro).* (Tradução nossa de QUESADA, 1918) (30)

[80] À introdução do extenso discurso de 13 páginas, seguem dezesseis tópicos cujos subtítulos, aqui numerados são: *(1) Espíritu contra utilitarismo; (2) La raza: superación de nuestro destino; (3) América: empresa de héroes; (4) España rediviva en el criollo Quijote; (5) Porvenir enraizado en el pasado; (6) Entraña popular cervantina; (7) Conciencia social de Cervantes; (8) Cervantes, prototipo católico; (9) Inteligencia y milicia; (10) La revolución y las almas; (11) Grandeza de España; (12) América y España: identidad pacifista; (13) Paz y justicia social; (14) Argentina es libertad; (15) Transformación del mundo y (16) Resurrección del Quijote.* Também alertamos que em outros sites investigados o pronunciamento figura incompleto e sem observações, sobre a falta dos conteúdos dos subtítulos (6) ao (15). http://cvc.cervantes.es/literatura/quijote_america/argentina/ibarguren.htm Consultado em 06 abril 2012.

[81]Também discursaram o senhor presidente da *Academia Argentina de Letras*, D. Carlos Ibarguren e o Académico de Número, D. Arturo Marasso. Estavam também presentes o embaixador da Espanha, académicos, ministros, enviados especiais, representantes de instituições culturais e universitárias, membros do Corpo Diplomático e Consular, etc.

[82] A **Raça:** *algo puramente espiritual; uma soma de imponderáveis; nossa origem e nosso destino; nosso selo pessoal indefinível e inconfundível; um estilo de vida; esta filiação.* (Tradução nossa de PERÓN, 12.10.1947) (8)

o *Convenio Comercial y de Pagos* pelo qual Argentina forneceria cereais a Espanha[83] em apoio a essa ditadura.

Com bordas flexíveis, a raça, nesse sentido, possibilita desenhar um laço que não só se materializa na mestiçagem, senão que filia os espíritos.Esse laço é inefável, porém identificável. A respeito da raça Hall (2015 [1992], p. 36-37) observa que:

> É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque — contrariamente à crença generalizada — a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos *no interior* do que chamamos de "raças" quanto *entre* uma "raça" e outra. A diferença genética — o último refúgio das ideologias racistas — não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas — cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. — como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.
> Naturalmente o caráter não científico do termo "raça" não afeta o modo "como a lógica racial e os quadros de referência raciais são articulados e acionados, assim como não anula suas consequências (Donald e Rattansi, 1992, p. l). Nos últimos anos, as noções biológicas sobre raça, entendida como constituída de espécies distintas (noções que subjaziam a formas extremas da ideologia e do discurso nacionalista em períodos anteriores: o eugenismo vitoriano, as teorias européias sobre raça, o fascismo) têm sido substituídas por definições *culturais*, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional. (Itálicos do autor, sublinhados nossos)

As palavras de Hall vêm ao encontro de nossa compreensão de raça como uma categoria discursiva, mais do que um objeto discursivo. A noção se vincula à de hispanidade e às novas variantes designativas da data.

Para alguns autores as fronteiras dos sentidos da categoria raça são tão imprecisas que se fundem com o que se entendia por língua e cultura. Como se verifica, por exemplo, no artigo de López García (2007) sobre as ideologias da

[83] http://www.tau.ac.il/eial/I_1/rein.htm. Consulta realizada em 28 jan. 2012.

língua espanhola: "En el imaginario colectivo de los hispanoamericanos la idea de la raza y la de la lengua Española han llegado a fusionarse, hasta tal punto que han terminado por conformar un verdadero tópico del discurso. [...] sólo en los países hispánicos existe una sorprendente coincidencia entre la lengua y la cultura." (p. 150-151)[84]

É preciso salientar que isto é válido para mestiços e crioulos, visto que, segundo Fernández (2007), os povos originários não se reconhecem nessa configuração. Esse não reconhecimento é tão forte que fica bem patente no paradoxo assinalado por esse autor:

> Pero allí donde prosperó este tipo de discurso sobre la raza, las variedades nacionales cultas pasarían a ser consideradas como el vehículo esencial de esa cultura mestiza. Ahí es donde se inicia el desplazamiento semántico desde la lengua del mestizaje hacia el mestizaje de la lengua: el mestizaje racial encontraría su paralelo en el mestizaje lingüístico, en la imagen de la lengua nacional como mestiza. Paradójicamente, las variedades realmente mestizadas quedaron fuera de foco hasta tal punto que solo en estos últimos años hemos empezado a saber en qué consiste realmente el español de contacto con las lenguas amerindias. (FERNÁNDEZ, 2007, p. 69)[85]

Essa noção de raça foi substituída, com descompassos até hoje, por uma noção mais atrelada à cultura, a noção de hispanidade, associada a hispanismo.

É interessante apontar que tanto o crítico cultural mexicano Stavans quanto o historiador chileno Jaksic (2011) datam a presença da palavra Hispanismo e outras dela derivadas em 1734. O *Diccionario de autoridades*, no qual se baseou o *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española* remete à questão:

> En parte, "Hispanismo" se define así (en la ortografía del siglo XVIII): "Modo de hablar particular y privativo de la Lengua Española; como entendido por hombre que entiende". Y dice que

[84]"No imaginário coletivo dos hispano-americanos a ideia de raça e a de língua espanhola se fundiram, até o ponto de conformar um verdadeiro tópico do discurso. [...] só nos países hispânicos existe uma surpreendente coincidência entre língua e cultura" (p. 150-151) (Tradução nossa)

[85] Mas ali onde prosperou este tipo de discurso sobre a raça, as variantes nacionais cultas da língua passariam a serem consideradas como o veículo essencial dessa cultura mestiça. Aí é onde se inicia o deslocamento semântico desde a língua da mestiçagem para a mestiçagem da língua: a mestiçagem racial encontraria seu paralelo na mestiçagem linguística, na imagem da língua nacional como mestiça. Paradoxalmente, as variantes realmente mestiçadas ficaram fora de foco a tal ponto que só nestes últimos anos começamos a saber em que consiste realmente o espanhol de contato com as línguas ameríndias. (FERNÁNDEZ, 2007, p. 69) (Tradução nossa)

> "Hispano" es "lo mismo que Español. Es voz poética". Lo que implica que hispano y español son sinónimos. El diccionario luego establece un paralelo entre español (ibérico), e hispano, y relaciona el término con una manera de hablar *(porém não como um modo de ser).*[86] (p. 19) (Grifo nosso)

É importante acrescentar que nem na definição acima, nem nas que serão apresentadas, os termos se relacionam à religião cristã. Os mencionados autores, Stavans e Jaksic (2011), trazem também as definições que constam na 22da edição do dicionário da RAE:

> *Hispánico, ca:* 1. Perteneciente o relativo a España. 2. Perteneciente o relativo a la antigua Hispania o los pueblos que formaron parte de ella y a los que nacieron de estos pueblos en épocas posteriores. 3. Perteneciente o relativo a la lengua y a la cultura españolas.
> *Hispanidad:* 1. Carácter genérico de todos los pueblos de lengua y cultura hispánica. 2. Conjunto y comunidad de los pueblos hispánicos. 3. (ant.) Hispanismo.
> Hispanismo: 1. Giro o modo de hablar propio y privativo de la lengua española. 2. Vocablo o giro de esta lengua empleado en otra. 3. Empleo de vocablos y giros españoles en distinto idioma. 4. Afición al estudio de las lenguas, literaturas o cultura hispánicas. [87] (p. 19)

É interessante apontar para o fato de como uma noção perdura ao longo do tempo reconfigurando-se segundo as circunstâncias sócio-históricas. Basta pensar na época da independência das ex-colônias, no século XIX, à luz do nascimento das nações e dos discursos libertários assim como também na atualidade, sob um regime de enunciabilidade que contempla o respeito à diversidade, para perceber que a noção do que seria hispanidade tem se transmutado. Lembremos que, no

---

[86]Em parte, "Hispanismo" define-se assim (na ortografia do século XVIII): "Modo de falar particular e privativo da Língua Espanhola; como entendido por homem que entende". E diz que "Hispano" é "o mesmo que Espanhol. É voz poética". O que implica que hispano e espanhol são sinônimos. O dicionário logo estabelece um paralelo entre espanhol (ibérico), e hispano, e relaciona o termo como uma maneira de falar *(porém não com um modo de ser).* (p. 19) (Tradução da autora)

[87]*Hispânico, ca:* 1. Pertencente ou relativo a Espanha. 2. Pertencente ou relativo à antiga Hispânia ou aos povos que formaram parte dela e aos que nasceram destes povos em épocas posteriores. 3. Pertencente ou relativo à língua e à cultura espanholas.
Hispanidade: 1. Caráter genérico de todos os povos de língua e cultura hispânica. 2. Conjunto e comunidade dos povos hispânicos. 3. (ant.) Hispanismo.
Hispanismo: 1. Locução ou modo de falar próprio e privativo da língua espanhola. 2. Vocábulo ou locução desta língua empregado em outra. 3. Emprego de vocábulos e locuções espanhóis em distinto idioma. 4. Afeição ao estudo das línguas, literaturas ou cultura hispânicas. (p. 19) (Tradução da autora)

capítulo 1, apontamos que foi o bispo Zacarías de Vizcarra quem, em 1929, propõe acrescentar ao termo em desuso 'hispanidade' uma concepção essencialista da humanidade e os valores morais da cristiandade.

Perón, em 1947 (8), assim parafraseia e qualifica a noção de hispanidade:

> LA HISPANIDAD: *el heroísmo y la nobleza, el ascetismo y la espiritualidad, sus más sublimes proporciones (la vertiente hispánica de la cultura occidental y latina); el sentido misional de la cultura hispánica; valor incorporado y absorbido por nuestra cultura; una comunidad de ideas e ideales, valores y creencias; esta imposición del destino; el ideal hispánico-ascético, estoico, acaso resignado; la flor de la caballería; ese orbe espiritual,…el más puro y elevado; la más prodigiosa acumulación de incitaciones ideales; los valores espirituales; la riqueza espiritual; los únicos valores eternos; los pueblos de la hispanidad, la pasión patriótica; unidad de origen, unidad de cultura y unidad de destino; vínculos de idioma, de religión, de cultura, de historia; estas identidades; una empresa universal; la verdadera unidad espiritual de los pueblos hispanos; nuestra empresa universal; un afán pacifista; este sentido primario de la justicia; un patrimonio cultural acumulado durante siglos.*[88]Pronunciamento de Perón de 1947 (8)

Vejamos a voz político-institucional da própria Espanha sobre a hispanidade em dois momentos. Como consta no Quadro 2, em 1958 a introduzida noção designa a data como festiva, já em 1987 se apaga essa menção à hispanidade[89]:

> […] el Estado español, al celebrar el IV Centenario del Descubrimiento, manifestaba de modo explícito su propósito de instituir como Fiesta Nacional el aniversario del día en que las carabelas de Palos de Moguer arribaron a las costas de Guanahaní, con el pendón de Castilla en la proa, y en la vela del trinquete, la

[88]A HISPANIDADE: *o heroísmo e a nobreza, o ascetismo e a espiritualidade, suas mais sublimes proporções (a vertente hispânica da cultura ocidental e latina); o sentido missionário da cultura hispânica; valor incorporado e absorvido pela nossa cultura; uma comunidade de ideias e ideais, valores e crenças; esta imposição do destino; o ideal hispânico-ascético, estoico, acaso resignado; a flor da cavalaria; esse orbe espiritual,…o mais puro e elevado; a mais prodigiosa acumulação de incitações ideais; os valores espirituais; a riqueza espiritual; os únicos valores eternos; os povos da hispanidade, a paixão patriótica; unidade de origem, unidade de cultura e unidade de destino; vínculos de idioma, de religião, de cultura, de história; estas identidades; uma empresa universal; a verdadeira unidade espiritual dos povos hispanos; nossa empresa universal; um afã pacifista; este sentido primário de justiça; um patrimônio cultural acumulado durante séculos.* Pronunciamento de Perón de 1947 (8)

[89] Pelo Decreto de 10.01.1958 o 12 de outubro é festa nacional, sob o nome *Día de la Hispanidad*. Posteriormente o Real Decreto 3217/1981 acrescenta: *Fiesta Nacional de España y Día de la Hispanidad*. A última mudança na designação é operada pela Lei 18/1987 que retira o termo hispanidade e estabelece que na data seja celebrada a *Fiesta Nacional de España.* http://www.filosofia.org/ave/001/a224.htm Consulta realizada em 06 abril 2012.

> Cruz.
> Con los años, este sentimiento se difundió por toda la anchura de las tierras hispánicas. […] No sería justo limitar hoy la conmemoración del descubrimiento al recuerdo de un pasado incomparablemente grande y bello.
> La Comunidad hispánica de naciones –que convive fraternalmente en la Península y en el Nuevo Continente con la Comunidad Luso-Brasileña– tiene el ineludible deber de interpretar la Hispanidad como un sistema de principios y de normas destinado a la mejor defensa de la civilización cristiana y al ordenamiento de la vida internacional en servicio de la paz. […] De aquí el que debamos entender principalmente este aniversario como una prometedora vertiente hacia el futuro; y la Hispanidad misma como doctrina de Fe, de Amor y de Esperanza que, asegurando la libertad y la dignidad del hombre, alcanza con idéntico rigor a España y a todos los pueblos de la América Hispánica. (Decreto de Franco, no *Boletín Oficial del Estado,* Madrid, 8 de febrero de 1958, nº 34, págs. 203-204.) (2)
>
> La fecha elegida, el 12 de octubre, simboliza la efemérides histórica en la que España, a punto de concluir un proceso de construcción del Estado a partir de nuestra pluralidad cultural y política, y la integración de los Reinos de España en una misma Monarquía, inicia un periodo de proyección lingüística y cultural más allá de los límites europeos.«Ley 18/1987, de 7 de octubre, que establece el día de la Fiesta Nacional de España en el 12 de octubre. […] Rey JUAN CARLOS I (2)[90]

Sobre a categoria discursiva Hispanidade, e o hispanismo que se depreende dela, dizemos que despertam em alguns momentos posições extremas. A mesma

[90][…] o Estado espanhol, ao celebrar o IV Centenário do Descobrimento, manifestava de modo explícito seu propósito de instituir como Festa Nacional o aniversário do dia em que as caravelas de Palos de Moguer arribaram às costas de Guanahaní, com a insígnia de Castela na proa, e na vela do traquete, a Cruz.
Ao longo dos anos, este sentimento foi se difundindo por toda a largura das terras hispânicas. […] Não seria justo limitar hoje a comemoração do descobrimento à lembrança de um passado incomparavelmente grande e belo.
A Comunidade hispânica de nações –que convive fraternalmente na Península e no Novo Continente com a Comunidade Luso-Brasileira– tem o ineludível dever de interpretar a Hispanidade como um sistema de princípios e normas destinado à melhor defesa da civilização cristã e ao ordenamento da vida internacional a serviço da paz. […] De aí que devamos entender principalmente este aniversario como uma promissora vertente para o futuro; e a Hispanidade mesma como doutrina de Fé, Amor e Esperança que, garantindo a liberdade e a dignidade do homem, alcança com idêntico rigor a Espanha e a todos os povos da América Hispânica. (Decreto de Franco, no *Boletín Oficial del Estado,* Madri, 8 de fevereiro de 1958, nº 34, págs. 203-204.) (2) (Tradução e destaques nossos)
A data escolhida, o 12 de outubro, simboliza a efemérides histórica na que Espanha, a ponto de concluir um processo de construção do Estado a partir de nossa pluralidade cultural e política, e a integração dos Reinos de Espanha numa mesma Monarquia, inicia um período de projeção linguística e cultural mais além dos limites europeios.«Lei 18/1987, de 7 de outubro, que estabelece o dia da Festa Nacional de Espanha no 12 de outubro. [...] Rei JUAN CARLOS I (2) (Tradução e destaques nossos)

palavra adquire sentidos diferentes ao ser utilizada em um ou outro paradigma. Na lei espanhola de 1987 chama a atenção a tentativa de silenciamento da hispanidade, o que nos leva à indagação sobre o que mudou de roupagem para cobrir outro tipo de colonização, agora mercadológica, linguística e cultural. Subirats (2004), no seu ensaio *7 tesis contra el hispanismo*, propõe uma visão mais ampla, crítica, reflexiva, que contemple, simultaneamente, o antigo e novas fontes de aquilo que se entende por 'o hispânico', e que tem se cristalizado na correspondência entre o hispânico e o espanhol, "espinha dorsal da Hispanidade" (SUBIRATS, 2004, p. 149). O autor preconiza que só uma revisão crítica das culturas e das memórias dos diversos grupos que compõem o mundo hispânico, que contemple seus centros espirituais, religiosos e filosóficos, poderá descentralizar o elemento teológico de uma visão de hispanidade que discrimina línguas, políticas, religões, etnias e produções intelectuais. Essa centralidade teológica impregna uma determinada concepção de hispanidade e, por isso, esse posicionamento interpreta em termos de 'missão' o descobrimento da América, a conquista e a colonização. Subirats redesigna esses três momentos como "processo civilizatório de destruição colonial de povos e culturas históricas" e ainda questiona a "suposta idade pós-colonial na América Latina" (2004, p. 159). Retomaremos mais adiante este aspecto, cabe por enquanto observar que o que resta dessa hispanidade dessacralizada, sem a Cruz e a Fé[91], é a língua e a cultura[92].

Em síntese, tanto a noção de raça, neste contexto, quanto a de hispanidade, ao longo do tempo, foram carregando sentidos e conotações que não mais contaram com tanta adesão, embora sejam ativas até a atualidade, passando a ganhar destaque dentro do chamado 'crisol de razas' o elemento indígena, se bem que dissolvido nessa fusão de etnias.

Essas redes de sentidos que vão se configurando, mudando e subvertendo, respondem a regimes de enunciabilidade, o que pode ser dito e visto em uma determinada conjuntura, ou melhor, paradigma.

---

[91]Ver Decreto de Franco, no *Boletín Oficial del Estado,* Madrid, 8 de febrero de 1958, nº 34, págs. 203-204, na página anterior. (7)

[92] Ver «Ley 18/1987, de 7 de octubre, que establece el día de la Fiesta Nacional de España en el 12 de octubre, JUAN CARLOS I, nas p. 76-77. (2)

> Todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo. Quer dizer que esses enunciados têm um "direito" e um "avesso" indissociáveis: deve-se decifrá-los pelo lado "direito" (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também por seu "avesso" na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso de seu Outro. (MAINGUENEAU, 2008a, p.38)

Nesse mesmo sentido "Podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras." (ORLANDI, 2011, p. 74)

Dá a impressão que o elemento indígena, que estava tão diluído nessa mistura, beirando as margens na configuração raça/hispanidade tem cobrado destaque. O entendimento atual da memória como dever (HEYMANN, 2007; HUYSSEN, 2004) junto com os novos paradigmas das globalizações contra-hegemônicas que vêm se perfilando, apontados por Santos (2010), parecem embasar o novo regime de enunciabilidade que possibilita que toda uma nova série de regularizações se projete. Os enunciados também são forças que lutam

> Quando se concebe a língua – como os linguistas – enquanto sistema de formas abstratas (e não material), tem-se a transparência e o efeito de literalidade. Porém se a concebemos – na perspectiva discursiva – como materialidade, essa materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos. Essa perspectiva devolve a opacidade do texto ao olhar do leitor. (ORLANDI, 2011, p. 21)

Sobre o lugar da língua espanhola nestas configurações apontamos que no decreto de Irigoyen (1917), um dos argumentos que justificam a institucionalização da data como festiva é justamente a língua: "homenaje a España, progenitora de naciones a las cuales ha dado con la levadura de su sangre y la armonía de su lengua una herencia inmortal, debemos afirmar y sancionar el jubiloso reconocimiento, y el poder de la nación decreta: Se declara fiesta nacional el 12 de octubre."[93]

[93]"homenagem a Espanha, progenitora de nações às quais tem dado com o fermento de seu sangue e a harmonia de sua língua uma herança imortal, devemos afirmar e sancionar o jubiloso reconhecimento, e o poder executivo decreta: Se declara festa nacional o 12 de outubro."

Para ilustrar a variante do dispositivo atrelada à raça e à hispanidade, apelamos às reescrituras da língua espanhola em dois pronunciamentos.

> LA LENGUA ESPAÑOLA: *el idioma más hermoso de la tierra; la armonía de su lengua.* [94](8) Discurso 12.10.1947, de Perón – Homenagem a Cervantes.

Cabe fazer uma remissão ao apontado a respeito da raça. O discurso foi pronunciado na Academia Argentina de Letras, em homenagem a Cervantes. A escolha do local, os catedráticos convidados e o foco do discurso assinalam uma justaposição da língua à raça, assim como também pode ser verificado no lema da RAE presente nos emblemas.

Observemos a exaltação da língua, duas décadas após esse pronunciamento, partindo do representante de Franco na Guiné Equatorial ao se referir à língua espanhola:

> *el vínculo más fuerte; la segunda del mundo por el número de naciones y de gentes que la cultivan literaria y coloquialmente; su segunda lengua de cultura; su lengua para la relación universal, la que les abre las puertas del mundo; el precioso legado de un idioma universal; un lazo; la lengua española como su idioma oficial.*[95](10) Discurso de 12.10.1968 pela Independência da Guiné Equatorial.

Lembremos que a propósito da 'grande família', mencionada em 4.1, um dos elos fundamentais compartilhados nessa filiação sob o signo do catolicismo é '*el mismo Dios en el mismo idioma'.* Sempre a língua é única e é exaltada. Já essa aura espiritual desaparece junto com o silenciamento da Hispanidade na lei espanhola de 18/1987 e, atrelada à expansão cultural, aspecto integrante da política externa, muda de valor, passa a ter valor econômico. Quatro anos após a promulgação dessa lei é criado o Instituto Cervantes, em 1991, encarregado pela 'projeção' da língua e da cultura.[96]

---

[94]A LÍNGUA ESPANHOLA: *o idioma mais formoso da terra; a harmonia de sua língua.* (8) Discurso 12.10.1947, de Perón –Homenagem a Cervantes.

[95] A LÍNGUA ESPANHOLA: *o vínculo mais forte; a segunda do mundo pelo número de nações e de pessoas que a cultivam literária e coloquialmente; sua segunda língua de cultura; sua língua para a relação universal, a que abre as portas do mundo; o precioso legado de um idioma universal; um laço; a língua espanhola como seu idioma oficial.* (10)

[96] Para mais informações consultar: DEL VALLE, J./VILLA. L. La lengua como recurso económico: Español S. A. y sus operaciones en Brasil, p. 97-127, 2007. Ver Referências bibliográficas.

> [...] inicia un periodo de proyección lingüística y cultural más allá de los límites europeos.«Ley 18/1987, de 7 de octubre, que establece el día de la Fiesta Nacional de España en el 12 de octubre, JUAN CARLOS I (2)

Sobre a ameaça e a missão, Quesada, em 1918, numera uma série de potências que representariam um perigo econômico para as nações hispano-americanas daquela época: Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão.

Entendemos que a ideologia da raça/hispanidade poderia ser entendida como uma espécie de blindagem, no linguajar econômico do capitalismo atual, frente às potências daquela conjuntura política com interesses na região.

No último parágrafo do artigo, o autor, fazendo uso da primeira pessoa do plural, insta à união da Argentina e Chile, na época as duas nações mais destacadas do cone sul americano e cumprimenta a instituição do 'día de la raza'[97].

A finalidade do artigo parece ser legitimar esse movimento que exaltava a Espanha e instar a adesão dos jovens intelectuais da época. Trata-se de um *enunciador legitimador e proselitista*. Além desse tipo de enunciador, conseguimos depreender outro que resolvemos designar como *enunciador alerta,* na medida em que adverte sobre eventuais perigos:

> Para eso será de extraordinaria importancia el panhispanoamericanismo, si logra que España aproveche el momento histórico y se convierta en la proveedora económica de este continente: vería así el cielo abierto y llevaría así a buen puerto su ambiciosa pretensión. La institución del "día de la raza" tiene, pues, un significado especialísimo en estos momentos, que parece que haciéndonos del ojo está: no sólo servirá grandemente solícito y cuidadoso para estrechar esos vínculos históricos a que antes me refería, sino también, enderezando los pasos al fin, a encaminar en un sentido práctico y en el *terreno comercial* la acción de España en el mundo hispanoamericano; de lo contrario, *si se mantiene en el terreno de la ideología pura, será solo una de tantas doctrinas escabrosas para lo que hoy se usa en el mundo...* (QUESADA, 1918, p. 13-14) (Destaques nuestros).[98]

[97]Argentina foi a primeira a instituir oficialmente a data festiva do 12 de outubro no calendário oficial nacional, por decreto do presidente Irigoyen, em 11.10.1017, com a designação 'día de la raza', como consta no quadro 2 do capítulo 1.

[98] Para isso será de extraordinária importância o pan-hispano americanismo, se consegue que a Espanha aproveite o momento histórico e se converta na provedora económica deste continente: veria assim o céu aberto e levaria assim a porto seguro sua ambiciosa pretensão. A instituição do "día de la raza" tem, pois, um significado especialissimo nestes momentos, que parece que advertindo-nos está: não só servirá grandemente solícito e cuidadoso para estreitar esses vínculos históricos a que antes me referia, mas também, endireitando os passos para finalmente encaminhar

A cenografia discursiva apresenta um palco internacional de tensões, interesses económicos contrapostos entre potências, no qual há uma caça predatória, diluída, atenuada, travestida de uma imagem de sedução. Observemos este interessante fragmento:

> La codiciada presa (hispanoamérica), "la niña bonita" del próximo cuarto de siglo en el escenario internacional: amiga de mirar y de ser vista, no le pesará de ser servida, pero, cuando le llegue el momento de poner los ojos en algún mozuelo galancete (¿el prosaico tío Sam, el gordo John Bull, el recio Michel o el simpático Quijote?), ha de saber mostrarse arisca y ojalá no otorgue más favor que dar la mano… (p.16)[99]

Como os diversos planos de análise sempre estão entrelaçados, aproveitamos para apontar sobre o estilo, a presença de rasgos literários: a grande quantidade de analogias, a anteposição dos adjetivos e o uso da personificação como recurso. Não é por acaso que o único adjetivo elogioso utilizado tenha recaído na figura emblemática do Quixote. O coenunciador que se identificasse com as personificações de Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha respectivamente, correria o risco de ser apelidado por seus conterrâneos hispanos de traidor. Observa-se a cenografia discursiva ao serviço da argumentação. A 'opção' está bem assinalada pelo prestigioso catedrático.

28 anos depois, na entrega do Colar da Ordem Americana de *Isabel La Católica*, pelo embaixador espanhol, na Confederação de Maestros e Professores Católicos, o então presidente Perón (1946) reconhece o estado de dependência econômica da nação argentina:

> [...] pero también sabe (La Argentina) que el saber de su cultura y las virtudes esenciales de su alma han corrido grave riesgo de naufragar en el mar revuelto de la confusión espiritual; y tampoco ignora que si bien logró la independencia política quedó

---

num sentido prático e no *terreno comercial* a ação da Espanha no mundo hispano-americano; caso contrário, *se se mantem no terreno da ideologia pura, será só uma de tantas doutrinas escabrosas para aquilo que hoje se usa no mundo…* (QUESADA, 1918, p. 13-14) (Destaques e tradução nossos)

[99] A cobiçada presa (hispanoamérica), "a menina dos olhos" do próximo quarto de século no cenário internacional: amiga de olhar e de ser vista, não lhe custará ser servida, mas, quando chegue a hora de olhar para algum moçoilo charmoso (o prosaico tio Sam, o gordo John Bull, o firme Michel ou o simpático Quixote?), ha se de saber mostrar arisca e tomara não conceda mais favor que dar a mão… (p.16)

> prisionera en las sutiles redes del mercantilismo extranjero que la mantuvo sujeta a una dependencia económica semicolonial. (7) p. 2[100]

Fica patente, em 1968, nas palavras do porta-voz espanhol, pronunciadas no discurso de 12.10.1968 pela Independência da Guiné Equatorial (10), a significação que o colonizador outorga a esse exercício de poder além do seu território à colonização da Guiné Equatorial:

> *una obra; una historia que acaba; la iniciación de una larga y difícil empresa; la incorporación al Cristianismo y a la Civilización un vasto escenario geográfico y un enorme conjunto de pueblos dispares; una "Política de Misión"; la obra providente de España a lo largo de casi dos siglos de vida en común; La obra de España en Guinea; su presencia en estas tierras; nuestros misioneros; la doctrina redentora del Cristianismo; una enorme fuerza moral; la posibilidad de entrar en un ámbito de ideas y de conceptos; el acceso al mundo de la civilización cultural y técnica; la primera etapa –etapa fundacional y transcendental –de la presencia de España en Guinea.*[101](10) Discurso de 12.10.1968 pela Independência da Guiné Equatorial.

Resolvemos designar o enunciador que depreendemos deste discurso como 'enunciador bom missionário', seguindo a lógica imperialista, se a própria colonização só é designada e assumida em termos de uma política de missão, 'a obra' só está completa com a emancipação dos filhos que agora civilizados e cristãos não mais dependem da sua tutela. A tentativa renegadora é tão forte que só verificamos uma única ocorrência da palavra descolonização, no subtítulo (6) desse pronunciamento. A visão do ex-colonizador é teleológica, e por isso é assim designada *missão, obra, empresa*.

Nesse sentido, também chamou nossa atenção uma série de negativas polêmicas que merecem destaque. Essas negativas são condizentes com a tentativa

---

[100][...] mas também sabe (A Argentina) que o saber de sua cultura e as virtudes essenciais de sua alma tem corrido grave risco de naufragar no mar agitado da confusão espiritual; e também não ignora que se bem conseguiu a independência política ficou presa nas sutis redes do mercantilismo estrangeiro que a manteve sujeita a uma dependência económica semicolonial. (7) p. 2

[101]A COLONIZAÇÃO DA GUINÉ EQUATORIAL: *uma obra; uma história que acaba; o início de uma longa e difícil empresa; a incorporação ao Cristianismo e à Civilização um vasto cenário geográfico e um enorme conjunto de povos dispares; uma "Política de Missão"; a obra providente da Espanha ao longo de quase dois séculos de vida em comum; A obra da Espanha na Guiné; sua presença nestas terras; nossos missionários; a doutrina redentora do Cristianismo; uma enorme força moral; a possibilidade de entrar num âmbito de ideias e de conceitos; o acesso ao mundo da civilização cultural e técnica; a primeira etapa –etapa fundacional e transcendental - da presença da Espanha na Guiné.*

de silenciar a força de um passado imperial, apoiado na autoridade de um discurso religioso católico, ao referenciar esse passado como obra missionária. Trata-se das seguintes negações polêmicas:

> a) Porque España **no** practicó **jamás** una política inmisericorde, de explotación económica, de mantenimiento del nativo en el terror, en la ignorancia y en la enfermedad.
> b) **No** hay condiciones, **no** hemos puesto a vuestra independencia el más pequeño marco.
> c) **Ni** España **ni** los españoles se sintieron **nunca** ajenos, indiferentes o superiores a aquellos pueblos con los que convivieron y a los que incorporaron a la civilización occidental y cristiana.[102]

Consideramos que (a) e (c) refutam argumentos contrários à colonização de detratores não identificados, enquanto (b) possivelmente responde tanto a pressões internas da Monalige[103] quanto externas, exercidas pelas Nações Unidas e outras organizações africanas.

Heróis nacionais são convocados em consonância com o paradigma da raça/hispanidade para, simultaneamente, legitimar e condensar numa figura insigne do passado, valores e atitudes que se projetam para um futuro. Em dois fragmentos de pronunciamentos de Perón (1946 e 1947), San Martín, um dos grandes libertadores da América, e Cervantes, homenageado da ocasião, são reatualizados:

> El valor criollo del general San Martín derrocado en los campos de Bailón sirvió para que con el andar de los años nos trajera la decisión de luchar por la independencia americana con igual ardor que allí luchara él para conquistar la independencia peninsular. De este modo, San Martín pudo dejarnos junto al legado de una patria inmaculada la herencia de la Raza que corría por la sangre de sus venas. (7) . Discurso de Perón do 12.10.1946,

---

[102] a) *Porque Espanha **não** praticou **jamais** uma política sem misericórdia, de exploração econômica, de manutenção do nativo no terror, na ignorância e na doença.*
b) ***Não** há condições, **não** temos colocado a vossa independência o menor marco.*
c) ***Nem** a Espanha **nem** os espanhóis sentiram-se **nunca** alheios, indiferentes ou superiores àqueles povos com os que conviveram e aos que incorporaram à civilização ocidental e cristã.* (Tradução nossa)

[103] O primeiro movimento insurgente Monalige (Movimento de Liberação da Guiné) tem aparição em 1952. Página oficial do Governo da República da Guiné Equatorial: http://www.guineaecuatorialpress.com/ Consulta realizada em 16 nov. 2012.

p. 1.[104]

E sobre Cervantes:

> *el grande hombre; código del honor y breviario del caballero, pozo de sabiduría y, por los siglos de los siglos, espejo y paradigma de su raza; la universalidad de Cervantes; genio auténticamente español; el genio máximo del idioma; la inmortal figura de Cervantes, su palpitación humana, su honda vivencia espiritual y su suprema gracia hispánica; su vida; su obra; la más alta expresión de las virtudes; su prosa …fina, magistral,… una riqueza tal de vocablos; la sencillez de su estilo; la perennidad del Quijote, su universalidad; el glorioso manco de Lepanto; su propio dolor físico y espiritual; sus compañeros de esclavitud; su vida triste, estrecha, dolorosa; con genial previsión; el inmortal alcaíno; el prototipo del caballero católico, de raíz hispana; su indómita inteligencia; el más grande de los escritores castellanos; el inmortal complutense; el misterio y la magia de Cervantes; Cervantes –el prototipo del español-.* (8) Discurso 12.10.1947, de Perón –Homenagem a Cervantes.[105]

Nesse mesmo discurso, a referência a *'quixotes de nossos pampas'* condensa a figura do Quixote e a do gaúcho, em uma imagem que aglutina rasgos considerados partilhados e valorizados: 'o risco pelo bem', 'a ventura de todo afã justiceiro' y 'o sabor de "arriscar a vida por inteiro"'.[106]

São resgatados fragmentos do passado da Espanha, marcados pelo signo de uma missão cristã, para (re)criar uma história, interpretada como destino, que sob determinada conjuntura se projeta para um presente e um futuro e assim

---

[104] SAN MARTÍN: O valor *criollo* do general San Martín derrocado nos campos de Bailón serviu para que com o passar dos anos trouxesse para nós a decisão de lutar pela independência americana com igual fervor que ali lutara ele para conquistar a independência peninsular. Deste modo, San Martín pode nos deixar junto ao legado de uma pátria imaculada a herança da Raça que corria pelo sangue de suas veias. (7) . Discurso de Perón do 12.10.1946, p. 1. (Tradução nossa)

[105]CERVANTES: *o grande homem; código do honor e breviário do cavaleiro, poço de sabedoria e, pelos séculos dos séculos, espelho e paradigma de sua raça; a universalidade de Cervantes; gênio autenticamente espanhol; o gênio máximo do idioma; a imortal figura de Cervantes, sua palpitação humana, sua profunda vivência espiritual e sua suprema graça hispânica; sua vida; a obra; a mais alta expressão das virtudes; sua prosa …fina, magistral,… uma riqueza tal de vocábulos; a simplicidade de seu estilo; a eternidade do Quixote, sua universalidade; o glorioso manco*de Lepanto; sua própria dor física e espiritual; seus companheiros de escravidão; sua vida triste, estreita, dolorosa; com genial previsão; o imortal alcaino; o protótipo do cavaleiro católico, de raiz hispana; sua indómita inteligência; o maior dos escritores castelhanos; o imortal complutense; o mistério e a magia de Cervantes; Cervantes –o protótipo do espanhol-.* (8) Discurso 12.10.1947, de Perón –Homenagem a Cervantes. (* Obs. nossa: a tradução de *manco* para o portugués seria 'maneta', só que optamos deixar o termo em español uma vez que *'manco de Lepanto'* é uma descrição definida autónoma, seguindo a classificação dos tipos de designações de Maingueneau (2001, p. 182), na medida em que há um único referente para, no caso, a comunidade hispana)

[106] 'el riesgo por el bien', 'la ventura de todo afán justiciero' y 'el sabor de "jugarse por entero".

enfrentar as grandes transformações sociais no panorama mundial daquela época. Essa hispanidade filia-se ao espiritualismo, em contrapartida os oponentes são considerados utilitaristas.

Perón finaliza seu pronunciamento de 12.10.1947 explicitando um mórbido anseio reanimador da figura do Cid Campeador e do Quixote:

> Como miembros de la comunidad occidental no podemos sustraernos a un problema que, de no resolverlo con acierto, puede derrumbar un patrimonio espiritual acumulado durante siglos. Hoy, más que nunca, debe resucitar don Quijote y abrirse el sepulcro del Cid Campeador.[107] (8)

Avaliamos que esse fragmento final provoca um impacto no coenunciador na medida em que são deslocados os valores espirituais valorizados para as figuras dos heróis a eles associados. Também verificamos um anseio reanimador em uma matéria jornalística. Em 24.05.1988, no jornal *La Nación* da Argentina é publicada uma pequena notícia que traz à memória um símbolo que não faz mais parte das práticas sociais, a bandeira da raça. O jornalista informa que a quatro anos da celebração do Quinto Centenário do Descobrimento da América, a Comissão Argentina pela homenagem, considera "oportuno reactivar el uso de aquella insignia...cuyo uso cayó en el olvido". [108] (22)

Colocamos este recorte para falar sobre a irrupção na memória de outro acontecimento discursivo por vir, ainda no futuro com relação ao momento da enunciação – o V Centenário do Descobrimento da América, que 'arrastra' a lembrança de um outro acontecimento discursivo passado, para essa comunidade discursiva, -o IV Centenário do Descobrimento da América. O presente projeta-se para o futuro e reativa o passado. Como conceber a relação entre as regularidades e as mudanças?

[107]Como membros da comunidade ocidental não podemos nos subtrair a um problema que, de não ser resolvido corretamente, pode derrubar um património espiritual acumulado durante séculos. Hoje, mais do que nunca, deve ressuscitar dom Quixote e ser aberto o sepulcro do Cid Campeador.(8) (Tradução nossa)

[108] "oportuno reativar o uso de aquela insígnia...cujo uso caiu no esquecimento" (22) (Tradução nossa)

García Fanlo (2011) problematiza também o conceito de transição, que relacionamos com a oscilação, descontinuidade, apontada no início deste parágrafo:

> La transición implica una coexistencia entre lo que va dejando de ser actual (sociedad disciplinaria–sujetos productores) y lo que va deviniendo en actual (sociedad de control–sujetos consumidores); pero también implica que unos dispositivos no son reemplazados por otros, sino que todos se integran dentro de la red de poder-saber de modo que los dispositivos disciplinarios siguen disciplinando pero, a la vez, son integrados a nuevas funciones de control: producción-consumo, disciplina-control. (GARCÍA FANLO, 2011, p. 7)[109]

Ainda, a respeito das transformações e mudanças dos enunciados é bom lembrar que Foucault já apontava que nem tudo é continuidade ou descontinuidade e que nenhum corte é homogêneo, isto é, afeta todos os elementos por igual:

> [...] elementos que aparecem tarde, como uma derivação última em uma formação discursiva, e que ocupam uma posição dominante em uma formação ulterior [...] elementos que reaparecem após um período de desuso, de esquecimento e mesmo de invalidação [...] como pode haver permanências ou repetições [...]. O aparecimento e a destruição das positividades, o jogo de substituições a que dão lugar, não constituem um processo homogêneo que se desenrolaria, em toda parte, da mesma maneira. [...] a análise dos cortes arqueológicos tem por propósito estabelecer, entre tantas modificações diversas, analogias e diferenças, hierarquias, complementariedades, coincidências e defasagens: em suma, descrever a dispersão das próprias descontinuidades. A ideia de um único e mesmo corte que divide de uma só vez, e em um momento dado, todas as formações discursivas, interrompendo-as segundo as mesmas regras, não poderia ser mantida. A contemporaneidade de várias

[109]A transição implica numa coexistência entre o que vai deixando de ser atual (sociedade disciplinaria–sujeitos produtores) e o que vai advindo em atual (sociedade de controle–sujeitos consumidores); mas também implica que uns dispositivos não são substituídos por outros, senão que todos se integram dentro da rede de poder-saber de modo que os dispositivos disciplinários seguem disciplinando e, ao mesmo tempo, são integrados a novas funções de controle: produção-consumo, disciplina-controle. (GARCÍA FANLO, 2011, p. 7) (Tradução e destaques da autora)

> transformações não significa sua exata coincidência cronológica. (FOUCAULT, 1995 [1969], p. 198-199)

Este recorte, ao qual gostaríamos de chamar *intermitências da memória: uma vez mais a bandeira da Raça* nos serve de ponte para abordar o aspecto/foco tempo, entrelaçado à memória discursiva, aos predecessores resgatados que tinham uma missão e dialogam com a atualidade em uma territorialidade imaginada, no nosso caso, atrelada a uma data feita significativa.

As variantes do dispositivo memorial além de dialogarem entre si, resgatam e (re)criam figuras emblemáticas predecessoras, como já foi apontado, mas também se projetam para um futuro almejado. Esses personagens tinham uma missão, uma tarefa a ser completada, suas vidas são assim interpretadas: deram suas vidas por um ideal ainda por vir. Cabe aos atuais atores 'naturalmente' completar, conquistar, esse bem maior.

Na primeira variante do dispositivo memorial se enaltece a raça ou a hispanidade. O agora, a atualidade da enunciação, exalta a mãe pátria, é tempo de prestar homenagem pelo legado espanhol da língua, dos valores sob o signo da cristandade. O depois, o futuro, é imaginado como dever das nações filhas em dar continuidade a essa missão. Lembremos o fragmento em que Perón almeja reavivar, despertar, os valores encarnados nas figuras do Cid Campeador e de Dom Quixote.

A seguir, apresentaremos recortes de matérias retiradas de uma revista destinada a crianças, cuja finalidade é oferecer apoio nas tarefas escolares. A visão fixista da história do descobrimento da América instigou nossa curiosidade, por esse motivo, gostaríamos de chamar este recorte *a persistência da lembrança que repete.*

A revista infantil *Billiken*[110] é publicada semanalmente na Argentina pela editora Atlántida. Além do conhecimento pessoal da revista, chamou nossa atenção ser objeto de estudo de muitos pesquisadores das áreas de História, Sociologia e

[110]Sobre a origem enigmática e nada comum desse nome para uma revista, investigamos que era o nome de um pequeno boneco, um simpático buda que trazia sorte, muito corriqueiro nos EEUU a finais do século XIX, inícios do XX. O editor só mudou a pronuncia da palavra. Informação disponível em: http://www.lanacion.com.ar/875305-un-muneco-de-nombre-polemico. Acessado em 25 maio 2016.

Comunicação. Também circulam na internet dados curiosos, não confirmados, sobre sua circulação: seria a revista infantil, em língua espanhola, mais antiga que, desde 1919, circula de maneira ininterrompida pela região (distribuída também no Chile e no Paraguai).

Assim é apresentada ao público a revista no seu site http://www.atlantida.com.ar e www.billiken.com.ar :

> La creó Constancio C. Vigil en 1919 y se convirtió en la revista infantil pionera en el mundo entre las de su tipo. Ofrece material didáctico para la ayuda escolar y la consulta de toda la familia: suplemento históricos, lámina despegables, fascículos, enciclopedias y notas que acompañan el trabajo diario en el aula. Su estrategia se basa en el desarrollo de la currícula escolar a través de sus notas amenas e ilustrativas. Sus páginas incluyen juegos, cuentos, secciones especiales, notas de actualidad e historietas, que entretienen e informan a la vez.[111]

Contamos com três edições que, a seguir, descreveremos. Entre parênteses consta o número de nosso inventário:

(31) edição de outubro de 1932. O foco recai na figura de Cristovão Colombo. São tratados os seguintes aspectos: a situação da Europa no século XV, a vida de Colombo, os preparativos e as quatro viagens, os instrumentos náuticos da época;

(32) edição de outubro de 1956. O foco recai na figura de Cristovão Colombo. São tratados os seguintes aspectos: a situação da Europa no século XV, a vida de Colombo, os preparativos e as quatro viagens, os instrumentos náuticos da época. Além disso, há um recorte do Diário de bordo de Colombo e uma ilustração com plantas medicinais americanas.

(33) edição de outubro de 2014 (em dois fascículos separados para colecionar um manual de Ciências Sociais). O traço é moderno, com sombreado, e acompanham a

[111]Criada por Constancio C. Vigil em 1919 e se converteu na revista infantil pioneira no mundo entre as de seu tipo. Oferece material didático para a ajuda escolar e a consulta de toda a família: suplemento históricos, lâminas desdobráveis, fascículos, enciclopédias e notas que acompanham o trabalho diário em sala de aula. Sua estratégia baseia-se no desenvolvimento do currículo escolar a través de suas notas amenas e ilustrativas. Suas páginas incluem jogos, contos, seções especiais, notas de atualidade e historietas, que entretêm e informam ao mesmo tempo. (Tradução nossa)

estética dos comics e dos mangás, preferidos do público infanto-juvenil. Também o estilo é mais 'infantil' indicando que o público são os alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental. O formato em 2014 também muda, vem em forma de suplementos para colecionar. Além disso, as duas páginas centrais estão compostas de figurinhas para recortar. Na margem de uma delas há figuras que correspondem às efemérides da semana, sob o título 'Calendário'. Curiosamente não há menção ao rebatismo da data desde 2010 (Dia do respeito à diversidade cultural), enquanto nas outras efemérides há indicação, no verso da figurinha, da instituição da data no calendário oficial, por exemplo: "desde 1.9..." ou "a data foi instituída em..."[112].

[112]A análise desse recorte foi apresentada no VI SAPPIL da UFF, em set. 2015. Título da comunicação: *A memoria discursiva no projeto 'A instituição da data do 12 de outubro: um dispositivo comemorativo'*. Disponível em: http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VISAPPIL-Ling/article/view/282/137. Acessado em: 07 jun. 2016.

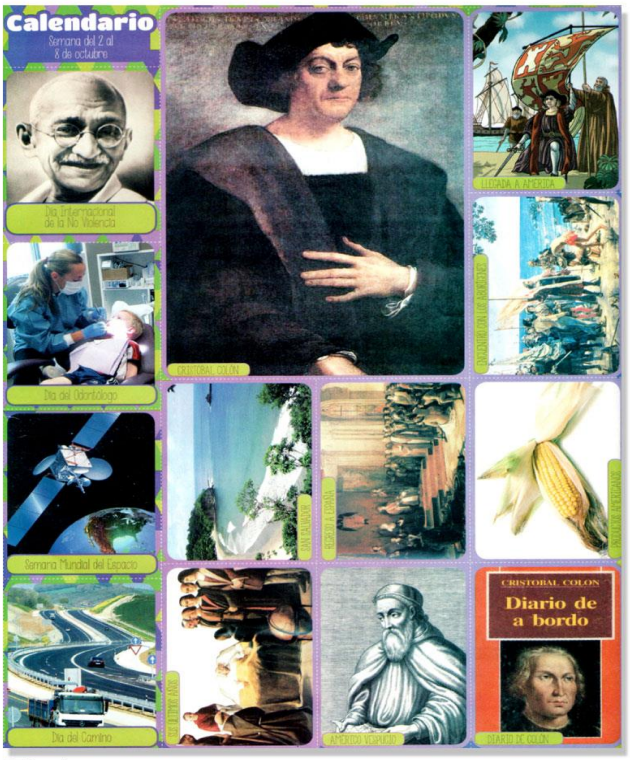


Fig.1

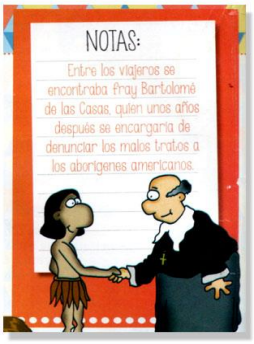


Fig.3

Fig.2

Imagem 7- Recortes da revista *Billiken*

Chamou nossa atenção o tratamento dado ao elemento indígena na edição de 2014 (34). Há três índios tristes desenhados com um papagaio em uma nota longitudinal (+ info) com o seguinte texto:

> Colón llevó a España a un grupo de seis aborígenes que presentó ante los Reyes Católicos como "indios", ya que creía haber llegado a la India. Los hizo rezar y santiguarse ante los monarcas, como prueba de su "educación". Todos murieron al poco tempo, ya que

> sus organismos carecían de defensas ante enfermedades desconocidas en América.[113]

Em uma outra nota um índio sorridente cumprimenta um padre católico acompanhado pelo seguinte texto: "Entre los viajeros se encontraba fray Bartolomé de las Casas, quien unos años después se encargaría de denunciar los malos tratos a los aborígenes americanos."[114]

O tratamento dado ao elemento indígena, acima mencionado, é muito singular "Todos murieron al poco tiempo, ya que sus organismos carecían de defensas ante enfermedades desconocidas en América"[115]. É recortado um fato quase anedótico, marginal, se comparado com o silenciamento do início de um genocídio de milhões de aborígenes.

Observamos, pelo exposto, uma identidade narrativa praticamente imutável, um ideário cristalizado na pessoa de Colombo. Dá a impressão de que a história não foi ressignificada nas três edições dedicadas à data. Um aspecto diferencial na edição de 2014 é a presença do lugar de memória do 'Calendário', nesse espaço sim o passado tem relação com o presente, enquanto os suplementos de Colombo repetem uma narrativa cujo efeito é 'sempre foi assim'. A instituição oficial não é datada enquanto as outras comemorações da semana sim. Por que esse tratamento diferencial? O efeito de sentido da narrativa do 12 de outubro em *Billikem* é a percepção de uma história sem história, uma história anacrônica. Talvez essa 'crença' esteja sustentada na ideia de que repetindo anulam-se as diferenças, gesto de interpretação impossível por premissa, que 'faz de conta' que as condições de produção dos enunciados em 1932, 1956 e 2014, não mudaram, que os enunciados são impermeáveis à exterioridade.

Outro aspecto que precisamos abordar do dispositivo memorial, e que ilustramos com fotos, é o que se faz ver, o que se mostra e como se apresenta ao olhar. Lembramos de Deleuze a respeito do visível:

---

[113] Colombo levou para Espanha um grupo de seis aborígenes que apresentou aos Reis Católicos como "índios", visto que achava ter chegado na Índia. Os fez rezar e santificar perante os monarcas, como prova de "educação". Todos morreram pouco depois, já que seus organismos careciam de defesas para doenças desconhecidas na América. (Fig. 2. Tradução nossa)

[114] "Entre os viajantes estava o frei Bartolomé de las Casas, quem anos depois se encarregaria de denunciar os maus tratos aos aborígenes americanos." (Fig. 3. Tradução nossa)

[115] "Todos morreram pouco depois, já que seus organismos careciam de defesas para doenças desconhecidas na América". (Tradução nossa)

> Las dos primeras dimensiones de un dispositivo, o las que Foucault distingue en primer término, son curvas de visibilidad y curvas de enunciación. Lo cierto es que los dispositivos son como las máquinas de Raymond Roussel, según las analiza Foucault; son máquinas para hacer ver y para hacer hablar. La visibilidad no se refiere a una luz en general que iluminara objetos preexistentes; está hecha de líneas de luz que forman figuras variables e inseparables de este o aquel dispositivo. Cada dispositivo tiene su régimen de luz, la manera en que ésta cae, se esfuma, se difunde, al distribuir lo visible y lo invisible, al hacer nacer o desaparecer el objeto que no existe sin ella. (1990, p. 155)[116]

Já vimos bandeiras, monumentos, desenhos. Vejamos algumas fotos publicadas em jornais.

Manchete: 'Actos en celebración del Día de la Raza'

Imagem 8 – Fotos do Dia da Raça
Jornal *La Nación*, Argentina, 13.10.1941(29)

[116]As duas primeiras dimensões de um dispositivo, ou as que Foucault distingue em primeiro lugar, são curvas de visibilidade e curvas de enunciação. O certo é que os dispositivos são como as máquinas de Raymond Roussel, segundo analisa Foucault; são máquinas para fazer ver e para fazer falar. A visibilidade não se refere a uma luz em geral que iluminara objetos preexistentes; está feita de linhas de luz que formam figuras variáveis e inseparáveis deste ou aquele dispositivo. Cada dispositivo tem seu regime de luz, a maneira em que cai, se esfuma, se difunde, ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela. (1990, p. 155) (Tradução nossa da versão em espanhol)

No caso da Bandeira da Raça e do Hino da Hispanidade nos deparamos com símbolos transnacionais constituindo um imaginário que superaria os limites geográficos, criando a ilusão de nação pan-hispânica, uma comunidade desejada para além das fronteiras geopolíticas. Uma observação semelhante poderia ser feita em relação a estas fotografias de desfiles coletadas do jornal argentino *La Nación*. O tipo de ritual genérico 'desfile', além de fazer parte de um dispositivo disciplinar, materializa um sentimento, mostra, condensa e reafirma um imaginário de corpo único perante os outros e perante si.

Observa-se que as fotos da variante raça trazem à memória a homogeneização na organização dos corpos dos desfiles militares, tão caros aos regimes nacionalistas daquelas décadas. As celebrações não se limitavam às ruas para render homenagem, já que escolas, teatros, clubes e associações eram, também, palcos privilegiados. A presença nessa data era obrigatória para muitos setores, como foi apontado no capítulo 1. O clima era de festejo harmônico.

Feitas todas as observações pertinentes sobre os diversos aspectos dos objetos discursivos raça e a hispanidade derivada dela, passamos aos objetos discursivos das novas reconfigurações do dispositivo memorial da data do 12 de outubro.

4.3.2 Descolonização, Resistência Indígena, Respeito e Diversidade

A proposta da CAN (2011, p. 7-9), em virtude das características populacionais das nações integrantes, coloca o índio como paradigma da descolonização. Desde essa perspectiva, se o dia da raça exaltava a colonização, o índio agora é o remanescente vivo e ativo de um processo que tenta reverter com suas propostas, uma colonização, uma dominação, que ainda perdura solapada, trasvestida, em diversos âmbitos. O elemento indígena, que estava diluído num ideal de dócil mestiçagem, começa a querer se perfilar com contornos definidos. A proposta da CAN (18) é assumida pelo governo boliviano e, parece-nos, levada a um extremo de forma muito particular.

O terceiro e o quarto argumento que justificam a declaração da data como Dia da Descolonização na Bolívia (5) são:

> O Estado Plurinacional da Bolívia, no decreto 1005/2011, estipula que compete ao Vice-ministério da Descolonização, dependente do Ministério de Culturas Boliviano "coordinar con Ministerios y entidades territoriales autónomas la implementación de programas y proyectos de descolonización." (p. 1)[117]
>
> Que el Estado Plurinacional tomando en cuenta las diversas Resoluciones de las organizaciones indígena originario campesinos a nivel nacional, regional y continental, ha adoptado e iniciado profundas transformaciones políticas, jurídicas e institucionales, con el objetivo de descolonizar el Estado desde el mismo Estado, siendo necesario reparar las injusticias históricas generadas por la invasión. (Destaques nossos. Obs.: transcrição literal)[118]

É o próprio Estado que propõe dentro do próprio Estado promover políticas de descolonização, e a etapa executiva compete ao vice-ministério da descolonização, uma vez que se afirma que a colonização persiste operando de outras formas. As estratégias têm mudado e na Bolívia de modo muito singular. Por um lado, lembremos Dussel (1.3) quem, embasado na Teoria da Libertação, interpreta 1492 como início de uma 'invasão'. Os signatários se apropriam dos próprios mecanismos do sistema imposto pelo invasor para minar, desconstruir esse mesmo sistema. Esse movimento subverte valores e princípios, mas a partir de que lugar? Pensamos, então, na composição da CAN, que é justamente andina. A esse respeito, Grillo (*apud* COSSIO, 2015, p. 35) afirma "el andino ha digerido el catolicismo; ha transformado unos elementos de la doctrina y la liturgia en su propia carne y sangre y ha botado las partes indigeribles; ha transformado los dioses católicos en wak'as andinos."[119] Consideramos esta variante do dispositivo memorial mais recente, como uma forma de luta discursiva extrema, e por isso

---

[117]"coordenar com Ministérios e entidades territoriais autônomas a implementação de programas e projetos de descolonização." (p. 1) (Tradução nossa)

[118] Que o Estado Plurinacional levando em conta as diversas Resoluções das organizações indígena originário camponesesem nível nacional, regional e continental, tem adotado e iniciado profundas transformações políticas, jurídicas e institucionais, com o objetivo de descolonizar o Estado a partir do mesmo Estado, sendo necessário reparar as injustiças históricas geradas pela invasão. (Tradução e destaques nossos)

[119]https://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/14183/1/TFM_F_20_15_25.pdf Última consultaem 08 jun. 16.

COSSIO COCA, Eliana. *El amawtismo en España* –Teoría y práctica en tiempos del Warmi Pachakutti. Dissertação de Mestrado em Antropologia Iberoamericana. Espanha: Valladolid, 06.15.

"o andino digeriu o catolicismo; transformou uns elementos da doutrina e a liturgia na sua própria carne e sangue e expeliu as partes indigeríveis; transformou os deuses católicos em wak'as andinos". (Tradução nossa)

mesmo fica mais patente que o saber, o poder e as subjetividades estão em jogo. Ressaltamos também outra particularidade, considerando que na Bolívia há muitas línguas indígenas oficiais, chamou nossa atenção o fato do documento estar só redigido em espanhol, a língua do ex-colonizador e coenunciador. Também na ficha técnica (5) p. 3, não há referência a outras versões em línguas ameríndias. A propósito, o lugar da língua espanhola nas variantes do dispositivo memorial será o próximo aspecto a ser tratado, mas resta falar sobre a variante venezuelana e argentina de nosso arquivo.

Na redesignação venezuelana do 12 de outubro como 'resistência indígena', fica enfatizado o elemento de oposição, de uma força contra um poder. No caso, o conceito de raça, que assim é definida:"una de las categorías básicas de las relaciones de dominación propias del sistema colonial que se instaura en América a partir de la presencia europea"[120] (3), p. 1.Novamente a raça é definida como categoria, acrescentamos nós, discursiva.

Seguem fragmentos do decreto venezuelano 2028/2002 que justificam a designação da data como Dia da Resistência Indígena:

> Que el Congreso de los Estados Unidos de Venezuela mediante Acuerdo de 11 de mayo de 1921, acogió la iniciativa del Ejecutivo Federal relativa a la declaración de fiesta nacional del 12 de octubre como "día de la Raza", siguiendo la tradición de celebrarlo como exaltación de la colonización, incorporándolo posteriormente día festivo nacional a partir de la Ley de Fiestas Nacionales de 11 de junio de 1921, derogada por la Ley de Fiestas Nacionales de 17 de junio de 1971, (2028/2002, República Bolivariana da Venezuela, p. 1)
>
> este concepto (raça) surge como una de las categorías básicas de las relaciones de dominación propias del sistema colonial que se instaura en América a partir de la presencia europea, (p. 1)
>
> Que la importancia de la historia como eje cohesionador de la vida social de una nación, fuente de referencia en valores y de la visión propia como pueblo, hace impostergable e ineludible para el proceso de Refundación de la República como una Nación pluriétnica y pluricultural,superar los prejuicios coloniales y eurocéntricos que subsisten en el estudio y enseñanza de la historia y la geografía, (p. 1)

[120]"uma das categorias básicas das relações de dominação próprias do sistema colonial que se instaura na América a partir da presença europeia". (3), p.1 (Tradução nossa)

> Que los pueblos Indígenas del mundo y particularmente los de América, han dado y seguirán dando sus aportes irremplazables en la configuración de una rica sociodiversidad, (p. 1)[121]

Neste caso, a nova designação da data faz parte de um processo, com a ascensão do Chávez ao governo, de refundação da nação como República Bolivariana da Venezuela.

Chama a atenção que a Argentina, uma das nações que mais intensamente aderiu à ideologia da raça e da hispanidade, no BO onde consta o decreto 1584/2010 (4) sobre feriados nacionais[122], justifica suscintamente a mudança da designação da data do 12 de outubro:

> Que, asimismo, se modifica la denominación del feriado del día 12 de octubre, dotando a dicha fecha, de un significado acorde al valor que asigna nuestra Constitución Nacional y diversos tratados y declaraciones de derechos humanos a la diversidad étnica y cultural de todos los pueblos. (p. 2)[123]

A diferença da CAN e da Venezuela, não há referencia à colonização nem à descolonização, e o elemento indígena se supõe diluído no sintagma 'todos os povos'. Há sim duas incidências de intertextualidade: há remissão à Constituição Nacional e, de maneira inespecífica, são trazidos os direitos humanos. Estes

---

[121]Que o Congresso dos Estados Unidos de Venezuela mediante Acordo de 11 de maio de 1921, acolheu a iniciativa do Executivo Federal relativa à declaração de festa nacional do 12 de outubro como "dia da Raça", seguindo a tradição de celebra-lo como exaltação da colonização, incorporando-o posteriormente dia festivo nacional a partir da Lei de Festas Nacionais de 11 de junho de 1921, derrogada por a Lei de Festas Nacionais de 17 de junho de 1971, (2028/2002, República Bolivariana da Venezuela, p. 1)

este conceito (raça) surge como uma das categorias básicas das relações de dominação próprias do sistema colonial que se instaura na América a partir da presença europeia, (p. 1) Já traduzido em nota na página anterior.

Que a importância da história como eixo de coesão à vida social de uma nação, fonte de referência em valores e da visão própria como povo, faz inadiável e ineludível para o processo de Refundação da República como uma Nação pluriétnica e pluricultural,superar os preconceitos coloniais e eurocêntricos que subsistem no estudo e ensino da história geografia, (p. 1)

Que os povos Indígenas do mundo e particularmente os de América, têm dado e seguirão dando seus aportes insubsistuíveis na configuração de uma rica sócio-diversidade, (p. 1)

[122]www.boletinoficial.gov.arConsultado em 26 jan. 2012 .

[123] "Que, também, se modifica a denominação do feriado do dia 12 de outubro, dotando à referida data, de um significado acorde ao valor que atribui nossa Constituição Nacional e diversos tratados e declarações de direitos humanos à diversidade étnica e cultural de todos os povos." (p. 2)

parecem nortear o novo regime de enunciabilidade. Com a nova designação, a data passa a ter um 'significado acorde'. Nessa breve justificativa não há menção explícita ao respeito, ele é depreendido, uma vez que se trata de direitos humanos.

A língua espanhola não é o foco central das atenções nas variantes que contemplam redesignações americanas mais atuais da data. No entanto, sua (re)visão, bem como a do ensino da história e da geografia, fazem parte integrante da refundação dessa nação. No último trecho do decreto boliviano 2028/2002 há uma preocupação manifesta com as variantes linguísticas americanas.

> Exhortar a la Academia Venezolana de la Lengua para que realice un estudio pormenorizado sobre el Diccionario de la Real Academia Española, a los fines de proponer a esa Institución, la revisión de aquellas palabras que pudieran ser atentatorias contra la dignidad de nuestros pueblos, así como la incorporación de una serie de americanismos, indigenismos, africanismos y demás manifestaciones de nuestro universo sociocultural, aún no incorporados. (3) Artigo 3º do Decreto 2028/2002, da República Bolivariana da Venezuela, p. 3.[124]

Ademais, observamos o encorajamento de outra nova visão de língua que objetiva fazer frente, oposição, resistência, nas e com as próprias palavras.

Sobre os aspectos da ameaça e a missão nas últimas reconfigurações do dispositivo memorial em questão, já no final do século passado e inícios do atual, o perigo são os grandes blocos econômicos, a globalização. Ganham força os movimentos de minorias marginalizadas que reivindicam seus direitos, como por exemplo, os índios. Lembrar-se desses setores e de suas lutas torna-se um dever para a memória, ao mesmo tempo que a visão clássica da história é revista criticamente. Perante a conformação de blocos mundiais, começam a se definir blocos regionais na América e o bicentenário da independência das ex-colônias reativa os ideais libertários e de justiça.

Na Venezuela, o decreto institui o Dia da Resistência indígena (2028/2002) como força que se opõe a outra, ainda em vigor, o colonialismo ainda persiste e há

[124]Exortar à Academia Venezuelana da Língua para que realize um estudo detalhado sobre o Dicionário da Real Academia Espanhola, com a finalidade de propor a essa Instituição, a revisão de aquelas palavras que puderam atentarcontra a dignidade de nossos povos, bem como a incorporação de uma série de americanismos, indigenismos, africanismos e demais manifestações de nosso universo sociocultural, ainda não incorporados. (3) Artigo 3º do Decreto 2028/2002, da República Bolivariana da Venezuela, p. 3.

que se opor a ele. E essa força parte da palavra de ordem que interpela a todo venezuelano: de aqui em diante, hoje (todo 12 de outubro), é Dia da Resistência indígena

> Que a pesar de haber sido superado en América el colonialismo como sistema político formal a partir del triunfo de las guerras de independencia del siglo XVIII, las estructuras sociales a lo interno y externo de nuestras sociedades está aun constituido sobre criterios originados en la relación colonial, entre los que destaca el considerar la "cultura e historia universal" como sinónimo de los valores culturales e historia de la sociedad dominante, (3ra consideração, p.1)[125]

Como vimos em 4.1, na publicidade da champanha *Monitor*com a caravela, a figura de Colombo também sempre foi pretexto para falar da raça. Ele, ou objetos associados a ele, foram, e são, impostos e funcionam como alegorias, condensam 'valores culturais e história da sociedade dominante'. A esse respeito, aproveitamos para justificar a inclusão em nosso espaço discursivo de notícias de jornais que não estão diretamente atreladas à data, mas cujo foco é a substituição de um monumento em homenagem à figura de Colombo. Já mencionamos essas notícias para ilustrar um efeito de memória no iníciodo capítulo 2. Gostaríamos de chamar o recorte a seguir *Sai Colombo*[126]*, entra Juana Azurduy.*

Vejamos a seguir fragmentos de três notícias sobre uma substituição de monumentos, publicadas todas em julho de 2015, no dia 15 em La *Nación*, no 16 em *El país* –internacional da Espanha e no 18 em *El País* de Uruguai (24). Apresentamos as respectivas manchetes das edições citadas:

> *Nación* de Argentina, 15.07.2015: *Cristina inauguró junto a Evo Morales el monumento a Juana Azurduy detrás de la Casa Rosada.* Subtítulo*:* La mandataria recibió al presidente de Bolivia junto a funcionarios de alto rango para descubrir la obra en homenaje a la

[125]Que a pesar de ter sido superado na América o colonialismo como sistema político formal a partir do triunfo das guerras de independência do século XVIII, as estruturas sociais no interno e externo de nossas sociedades está ainda constituído sobre critérios originados na relação colonial, entre os que destaca o fato de considerar a "cultura e historia universal" como sinónimo dos valores culturais e história da sociedade dominante, (3ra consideração, p.1).

[126] Há muitos monumentos a Colombo pelo mundo. Essa materialidade simbólica também tem sido objeto de agressões. "La estatua de Colón fue derribada en Venezuela el Día de la Resistencia Indígena", 15.10.2004. Disponível em http://www.voltairenet.org/article122448.html Acessado em 21.02.2016.

líder revolucionaria, que reemplaza al monumento a Cristóbal Colón en medio de una fuerte polémica.

El país –internacional de España, 16.07.2015: *Una heroína de la independencia americana en lugar de Colón.* Subtítulo: Una estatua de una revolucionaria reemplaza en Buenos Aires a otra del genovés.

El País de Uruguay, 18.07.2015: *El último viaje de Colón en Buenos Aires. Subtítulos de las fotos: Al parecer fue un comentario cáustico de Hugo Chávez lo que embarcó nuevamente a don Cristóbal en el viaje más tonto de su vida /* Colón con cara de preocupado cuando llegó / No le gustó nada que lo bajen. / ¡Colón no se mueve!… pero se mueve / Colón aburrido de tantos escarceos y medidas cautelares, se tiró a dormir / Juana Azurduy en Buenos Aires / Colón mira de reojo.[127]

Colocamos as legendas das fotos da publicação uruguaia uma vez que o tom dessas observações que dialogam com as imagens são incisivas e mordazes. Cabe apontar que é sabida a afinidade política que, naquela época, mantinham os presidentes da Argentina, Bolívia e Venezuela, Cristina Kirchner, Evo Morales e o falecido Hugo Chávez. Esse acontecimento teve repercussão internacional, a doação do monumento pelo governo boliviano, a polêmica gerada divulgada na mídia, os protestos da comunidade genovesa[128] de Buenos Aires que grita e exibe faixas e cartazes com a voz de ordem 'Colón no se mueve'. Destacamos que todos esses desdobramentos, segundo parece, foram consequência de 'um comentário

[127] La *Nación* da Argentina, 15.07.2015: *Cristina inaugurou junto com Evo Morales o monumento a Juana Azurduy detrás da Casa Rosada.* Subtítulo*:* A mandatária recebeu o presidente da Bolívia junto com funcionários de alto escalão para descobrir a obra em homenagem à líder revolucionária, que substitui o monumento a Cristóvão Colombo no meio de uma intensa polémica. Disponível em: http://www.lanacion.com.ar/1810709-evo-morales-cristina-kirchner-juana-azurduy Última consulta em 06 fev. 2016.
El país –internacional da Espanha, 16.07.2015: *Uma heroína da independência americana no lugar de Colombo.* Subtítulo: Uma estátua de uma revolucionária substitui em Buenos Aires uma outra do genovês. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2015/07/16/actualidad/1437009101_854863.html Última consulta em 06 fev. 2016.
El País de Uruguai, 18.07.2015: *A última viagem de Colombo em Buenos Aires. Legendas das fotos: Segundo parece foi um comentário cáustico de Hugo Chávez o que embarcou novamente a Dom Cristóvão na viagem mais tola de sua vida /* Colombo com cara de preocupado quando chegou / Não gostou nada de que o abaixem / Colombo não se mexe!… mas se mexe / Colombo chateado de tantas indefinições e medidas cautelares, foi dormir / Juana Azurduy em Buenos Aires / Colombo olha ressabiado. Disponível em: http://viajes.elpais.com.uy/2015/07/18/el-ultimo-viaje-de-colon-en-buenos-aires/Última consulta em 06 fev. 2016.
[128]Comunidade doadora do monumento de Colombo em ocasião do I Centenário da Revolução de Maio (1910). Disponível em:http://viajes.elpais.com.uy/2015/07/18/el-ultimo-viaje-de-colon-en-buenos-aires/Última consulta em 06 fev. 2016.

cáustico de Hugo Chávez[129]'. Pensemos também no espaço físico onde, até faz pouco tempo, se encontrava o monumento a Colombo, nada menos que frente à casa presidencial, num passeio arborizado que se chamava *Paseo Colón*, a partir de julho de 2015 redesignado *Paseo Juana Azurduy.*

Sai Colombo, entra Juana Azurduy, líder filha de mãe índia, da região conhecida como Alto Peru, que participou nas lutas pela independência da Bolívia e da Argentina, que consideramos, internacionalmente pouco conhecida até esse ato simbólico, gerado por um acontecimento discursivo, produto de um efeito de memória de Chávez sobre a figura de Colombo.

Apresentamos os monumentos de Colombo, que será realocado perto do *Aeroparque Jorge Newbery,* e o da Juana Azurduy, frente à casa de governo argentino.

Imagem 9 – Fotos de monumentos (Colombo e Azurduy)

Os monumentos são bem diferentes. Sobre o pedestal da esquerda ergue-se uma coluna, encima dela Colombo está de pé, com os braços cruzados e parece

[129]Esse comentário teria sido, -segundo (24) p. 9 do âmbito midiático -, a pergunta feita a Cristina Kirchner sobre o motivo de ter a estátua de um genocida nesse local.

observar o horizonte. Já, na foto ao lado, Juana Azurduy está encima do pedestal também de pé, mas numa atitude combativa, inclinada para frente, erguendo um sabre. Aparte das atitudes corporais diferentes, contemplativa e combativa respectivamente, Juana Azurduy não está tão elevada, distante quanto Colombo, do olhar dos pedestres.

Sobre o aspecto da projeção do tempo, na variante venezuelana do dispositivo memorial, o agora se apresenta dominado ainda pelo regime colonialista. Para se libertar dele, são resgatados a figura e os valores encarnados pelo libertador Simón Bolívar, quem sonhou com uma América unida, uma pátria grande. O agora também é tempo de refundar a república (consideração, p. 2, Decreto 2028/2002 da Venezuela). O futuro desejado é a independência, não só política, por isso o agora é tempo de resistência para que, no futuro, o sonho seja realizado.

Sobre Simón Bolívar

> Que los pueblos Indígenas del mundo y particularmente los de América, han dado y seguirán dando sus aportes irremplazables en la configuración de una rica sociodiversidad, y que deben ser reconocidos plenamente como patrimonio de la humanidad para 'restablecer un nuevo equilibrio del universo como lo soñó el Libertador Simón Bolívar en su lucha independentista. (3) Decreto 2028/2002, da República Bolivariana da Venezuela, p. 2.[130]

Na variante boliviana, o aspecto da projeção temporal se apresenta como o mais radical de todos os analisados. Desde o passado, prima o desígnio da colonização. O agora é tempo de descolonização, mobilizado pelos ideais de liberdade e justiça que assinalam um futuro. A figura que encarna esses valores é Juana Azurduy. Retomamos um trecho já apresentado.

> Que el Estado Plurinacional tomando en cuenta las diversas Resoluciones de las organizaciones indígena originario campesinos a nivel nacional, regional y continental, ha adoptado e iniciado profundas transformaciones políticas, jurídicas e institucionales, con el objetivo de descolonizar el Estado desde el

[130]Que os povos Indígenas do mundo e particularmente os da América, têm dado e continuarão dando seus aportes insubstituíveis na configuração de uma rica sócio-diversidade, e que devem ser reconhecidos plenamente como patrimônio da humanidade para 'restabelecer um novo equilíbrio do universo como sonhou o Libertador Simón Bolívar na sua luta independentista. (3) Decreto 2028/2002, da República Bolivariana da Venezuela, p. 2.

> mismo Estado, siendo necesario reparar las injusticias históricas generadas por la invasión. Decreto 1005/2001(4ta consideração, p. 1) (5)

A variante memorial argentina, *día del respeto a la diversidade cultural*, talvez seja a mais moderada, menos frontal e mais conciliadora das analisadas. O passado foi tempo de lutas, o agora é percebido como tempo de respeito pelas diferenças culturais e dos direitos, e também de homenagem pelos antepassados que também sonharam com a liberdade e um futuro melhor que deve ser consolidado.

Trazemos as palavras da diretora de uma escola na província de Buenos Aires, no Dia do Respeito à Diversidade Cultural (23), que foram transcritas e transpostas ao gênero notícia, num jornal local[131], na qual reflete sobre a nova designação da data:

> [...] El 12 de octubre puede contribuir para interrogarnos acerca de nuestros orígenes, de las transformaciones que vivimos a través de los procesos sociales e ideológicos que enfrentamos a lo largo de nuestra historia y de sus textualizaciones bajo la forma de diversos discursos. Quizás esa tarea sirva para hacer confluir todas nuestras memorias, conmemorando la multiplicidad de nuestras culturas y, al mismo tiempo, haciendo un minuto de silencio por nuestros antepasados -desde antes de la llegada de los españoles y hasta el presente- quesoñando con la libertadlucharon para legarnos un futuro mejor." (24)[132]

Neste trecho confluem no agora da enunciação o passado e o futuro e a data é pretexto para propiciar um momento de reflexão.

A reflexão sobre a data propiciada por essa diretora de escola nos levou a pensar sobre a questão do tempo no calendário. Consideramos se o calendário oficial de uma nação poderia ser concebido como uma espécie de rede coercitiva

---

[131]Disponível em http://www.diariodepuan.com.ar/2011/10/12-de-octubre-dia-del-respeto-a-la-diversidad-cultural/ Último acesso em 28.12.2015.

[132] [...] O 12 de outubro pode contribuir para interrogarmos sobre nossas origens, das transformações que vivemos através dos processos sociais e ideológicos que enfrentamos ao longo de nossa história e de suas textualizações sob a forma de diversos discursos. Talvez essa tarefa sirva para fazer confluir todas nossas memórias, comemorando a multiplicidade de nossas culturas e, ao mesmo tempo, fazendo um minuto de silêncio por nossos antepassados - desde antes da chegada dos espanhóis e até o presente - que sonhando coma liberdadelutaram para nos legar um futuro melhor." (24)

de um tempo de memória. Espécie de grelha que captura, fixa e obriga ao trabalho da memória e à repetição de rituais numa comunidade. Chegamos a esse entendimento inspirados em Courtine (2009), que resgata o fenômeno da comemoração nas suas conclusões sobre a relação entre memória e discurso, válido para a FD comunista. Os dois caminhos 'obrigatórios', vias *regias* para essa análise é a repetição, o outro é a comemoração. Consideramos que essa via é, por tanto, aplicável ao nosso objeto de estudo, uma vez que:

> [...] uma FD é, como já vimos, *um produto da história real*; e ao mesmo tempo, *a produção de uma história fictícia*. Isso pode ser apreendido, por exemplo, nos *rituais verbais* da comemoração, que produzem um recorte do tempo, ligando o tempo da enunciação ao domínio de memória em uma anulação imaginária do processo histórico, em sua duração e suas contradições. [...] A memória discursiva constrói aqui a ficção de uma história imóvel, funciona como *cristalização do tempo histórico*, no qual se forma a discursividade. História imóvel, história eterna [...] (COURTINE, 2009, p. 239-240)

Nesse sentido, observamos uma proposta muito ousada partindo da Venezuela:

> Solicitar a la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), una revisión actualizada de un verdadero calendario universal de naturaleza intercultural, con el concurso de todas las civilizaciones y sociedades, sin detrimento de los calendarios correspondientes a cada pueblo, hemisferio, región o subregión del planeta. (Decreto 2028/2002 da Venezuela, p. 3, artigo 5º) [133]

Avaliamos que a tentativa venezuelana sobre o calendário se encaixaria no que Le Goff (1990) chama 'os calendários utópicos', assim caracterizados: "os homens não se contentaram em controlar o tempo por meio dos calendários utilitários. Fizeram-nos também depositários dos seus sonhos e das suas esperanças, levados às vezes ao nível da quimera e da utopia." (p. 456)E ainda sobre a relação entre História e calendário: "O calendário, órgão de um tempo que recomeça sempre, conduz paradoxalmente à instituição de uma história

[133]Solicitar à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), uma revisão atualizada de um verdadeiro calendário universal de natureza intercultural, com o concurso de todas as civilizações e sociedades, sem detrimento dos calendários correspondentes a cada povo, hemisfério, região ou sub-região do planeta. (Decreto 2028/2002 da Venezuela, p. 3, artigo 5º)

cronológica dos acontecimentos. À data, ao ano e possivelmente também ao mês e ao dia agarram-se os acontecimentos." (LE GOFF, 1990, p. 453) Acrescentamos um especificador fundamental: acontecimentos discursivos.

Decidimos consultar o calendário 2016 disponível na página da CAN. O consultamos para verificar a presença da designação da data de 12 de outubro e constatamos um descompasso: o dia 12 de outubro aparece como feriado nacional na Colômbia sob o nome Dia da Raça (no caso comemorado na segunda feira seguinte, 17.10.16). Sobre Bolívia, Peru e Equador, não consta nenhuma designação, sendo que nos dois primeiros países integrantes, Bolívia e Peru, a data foi redesignada em 2011 e 2009, respectivamente; Dia da Descolonização Continental e Dia dos Povos Originários e do Diálogo intercultural (ver quadro 2 do capítulo 1).

Esse descompasso confirma o teorizado por Foucault (1995 [1969], p. 190-200) e por Deleuze (1990) a respeito de como interpretar as mudanças, as reconfigurações, as regularidades e eventuais rupturas de um dispositivo, nem só regularidades nem só descontinuidades.

A seguir, assim como apresentamos fotos de desfiles em 4.3.1, em celebração aos objetos raça, hispanidade, faremos o mesmo com uma foto recente que contrasta com o caráter da configuração inicial outorgada à data.

Manchete da matéria jornalística: Resistencia indígena de Chile marchó contra el Día de la Raza

Cientos de personas pertenecientes al pueblo mapuche (aborigen) se conglomeraron en la Plaza Italia de Santiago de Chile (capital) para protestar contra el Día de la Raza, en el marco del aniversario 523 del "Descubrimiento de América". Esta actividad forma parte de la reivindicación de los pueblos originarios que reclama esta comunidad indígena.[134]

[134]Manchete da matéria jornalística: Resistência indígena de Chile marchou contra o Dia da Raça. Subtítulo: Centenas de pessoas pertencentes ao povo mapuche (aborígene) se aglomeraram na Praça Itália de Santiago de Chile (capital) para protestar contra o Dia da Raça, no marco do aniversário 523 do "Descobrimento da América". Esta atividade forma parte da reivindicação dos povos originários que reclama esta comunidade indígena.
Legenda da foto: A marcha pacífica esteve custodiada por una forte presença policial. As comunidades indígenas marchavam com cantos culturais. 12.10.2015

La marcha pacífica estuvo custodiada por una fuerte presencia policial. Las comunidades indígenas marchaban con cantos culturales. 12.10.2015.[135]
Imagem 10 – Foto marcha da Resistência Indígena

Na vertente Resistência Indígena, a organização dos corpos é mais espontânea. Os corpos estão juntos, como formando um muro justamente de resistência. As pessoas carregam bandeiras de seu povo que as identificam. No cartaz enorme que encabeça a manifestação, espécie de muro de tecido, lemos a legenda: "A resistência dignifica nosso caminho para a livre-determinação." Entre várias opções, escolhemos esta foto, pois justamente esse protesto reivindicativo aconteceu no Chile, onde a data foi redesignada como *Día del Encuentro de Dos Mundos* (19.668/2000). Percebe-se que a natureza do que é lembrado é bem diferente, atrelado à mesma data. A raça é celebrada enquanto a resistência é utilizada como reivindicação de direito à livre-determinação. Houve uma transmutação, é isso que se monstra ao olhar comparando as duas fotos. No Chile, no 12 de outubro de 1922 até 1999 era celebrado oficialmente o Aniversário do Descobrimento. A partir do ano 2000 o Dia do Encontro de Dois Mundos. Em 2015, grupos indígenas ocupam esse tempo do calendário oficial com outro

[135]Disponível em http://www.telesurtv.net/multimedia/Resistencia-indigena-de-Chile-marcho-contra-el-Dia-de-la-Raza-20151012-0038.html. Acessado em 21 fev. 2016.

acontecimento discursivo que se lhe opõe e resiste. Há luta de ideias e de interesses em pugna, vigiados pelo Estado 'forte presença policial'.

Expostas todas estas relações, vejamos à guisa de conclusões, outros resultados desta pesquisa.

Dia da Descolonização, Dia da Resistência Indígena, Dia do Respeito à Diversidade Cultural: esse processo de reescritura da data aponta para uma releitura do passado, uma retificação da instrumentalização da memória coletiva de várias nações ligadas a um colonizador comum. Em nosso trabalho, observamos que a instituição da data do 12 de outubro no mundo hispânico poderia ser considerada um 'abuso de memória'[136], na medida em que a mitologização do passado respondeu a interesses políticos e econômicos do nacionalismo católico espanhol.

Ao tempo de homenagear a mãe pátria são sobrepostas ações contestatárias, como foi apresentado ao olhar nas fotos dos itens 4.3.1 (atos de celebração do dia da raça) e 4.3.2 (marcha da resistência indígena contra o dia da raça)

Neste capítulo, abordamos diversos aspectos ou focos dos objetos discursivos. Novamente destacamos a dificuldade que enfrentamos em tentar delimitá-los uma vez que nos limites, outros aspectos se justapõem. O primeiro aspecto foi o relativo às filiações. Em e pelo discurso são criados vínculos discursivos de índole familiar entre a Mãe pátria, descrição definida da Espanha, ex-colonizadora e as nações independentes, as filhas.

Em nosso recorte, na variante descolonização, a mãe é um objeto não constituído por humanos, a mãe Terra. Não é por acaso que o sociólogo Santos (2010) trata na sua obra sobre a transição de paradigmas que caracteriza nossa época e que ele designa 'globalizações contra-hegemônicas' (capítulo 6). Uma das características desses movimentos emergentes, e que tiveram origem no século XX, é que "está tão envolvida numa política de igualdade (redistribuição) como numa política da diferença (reconhecimento)" (p. 196), podendo passar por momentos

[136]http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/05/24/usos-abusos-da-memoria-entrevista-com-andreas-huyssen-536931.asp (Consulta em 16.03.15).

de privilegiar ora a redistribuição, ora o reconhecimento. O autor aponta que entre esses novos paradigmas que se perfilam, os direitos humanos interculturais e pós-imperiais, ocupam um lugar fundamental. Um deles é *o direito à concessão de direitos a entidades, nomeadamente a natureza e as gerações futuras* (SANTOS, 2010, p. 466). O princípio dos direitos humanos ocidental entende que só tem direitos quem tem deveres e "esta simetria estreitou o âmbito do princípio de reciprocidade de tal forma que deixou de fora, em diferentes épocas históricas, mulheres, crianças, escravos, povos indígenas, natureza e gerações futuras". (SANTOS, 2010, p. 466)

A propósito das (com)unidades desejadas, em 4.2, nos aventuramos a falar em 'territorialidade discursiva', um espaço de ideias e valores que imaginariamente é criado pela linguagem e compartilhado na linguagem por uma comunidade. A esse respeito, na variante descolonização, lembramos do ponto 6 das propostas da CAN (2011, p. 4), a criação da União das Nações Originárias – UNO, que atenderia à política da igualdade, da redistribuição, ao tempo que a chamada de atenção para a situação dos povos transfronteiriços privilegia a política do reconhecimento das diferenças. Consideramos essas propostas 'ousadas', uma vez que se apresentam como experiências limite, que subvertem responsivamente na língua um paradigma homogeneizador.

Também observamos que no objeto discursivo raça os sentidos da categoria são tão 'imprecisos' que se fundem com um entendimento homogeneizante de língua e de cultura. Outro diferencial importante é o lugar que ocupa a língua espanhola. Na configuração raça/hispanidade ocupa lugar de destaque e é exaltada, atrelada ao signo do cristianismo. Nas outras reconfigurações, resistência, descolonização e respeito/diversidade, a língua não é o foco da questão, até porque a Bolívia e o Peru têm línguas indígenas oficiais. Em todo caso, ela é utilizada como mais um instrumento de luta.

Da mesma forma verificamos que nas configurações resgatam-se velhos precursores para novos usos. Nessa presentificação do passado privilegiam-se determinadas figuras, personagens, em um certo espaço e tempo. A respeito dessas coordenadas sempre presentes:

> Tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligadas entre si de maneiras complexas, e a intensidade dos desbordantes discursos, que caracteriza grande parte da cultura contemporânea em diversas partes do mundo de hoje, prova o argumento. (HUYSENN, 2004, p. 10)

Referimos-nos na configuração raça/hispanidade, ao resgate da figura do Cid, Cervantes, Colombo e San Martín; na vertente resistência indígena Simón Bolívar e o cacique Guaicaipuro; nas outras duas – descolonização e respeito/diversidade -, em nosso recorte, a substituição de Colombo por Azurduy. A riqueza de cenografias mereceria um trabalho especial. Lembramos da criação do 'Quixote dos pampas', figura que condensa a célebre personagem de Cervantes com a do gaúcho dos pampas, e da 'menina dos olhos', personificação feminina da América que atrai as codiciosas potências.

Nas fotografias dos atos celebratórios e a marcha contra o dia da raça ficou patente que a natureza das configurações era/é muito diferente. Enquanto na raça/hispanidade rende-se uma homenagem, as outras são da ordem reivindicativa, no caso da resistência indígena e da descolonização, de protesto, são contestatárias, não é tempo de celebrar, é tempo de se manifestar e reivindicar. O que se mostra ao olhar, obedece a outro regime de enunciabilidade. Já não se trata de exaltar à mãe pátria e sim de assumir a memória como dever. A data não é mais tempo de festejar e sim de refletir para tentar mudar valores e atitudes. Isso pode ser verificado nas palavras alusivas de uma diretora de escola: (23) Notícia sobre a celebração do *Día del Respeto a la Diversidad Cultural* numa escola do sul da Província de Buenos Aires, na Argentina.

Ainda sobre a natureza diferencial das celebrações apontamos que o tom de homenagem da variante raça/hispanidade materializa-se no processo designativo e qualificativo, ao tempo que nas outras reconfigurações, sobretudo nas variantes descolonização e resistência, na modalização, na incidência recorrente do verbo 'exigir'. Em função não já de cultuar e sim de reivindicar, a fraternidade persiste atendendo a interesses mais locais, regionais, como é no caso da (Com)unidade Andina.

A questão da intericompreensão recíproca de dois posicionamentos tratada por Maingueneau (2008a), fica notória ao tratar o aspecto ameaça/missão. Vimos que para o posicionamento do ex-colonizador a missão cristã é interpretada como colonização pelo posicionamento dos movimentos indigenistas.

As três reconfigurações da data analisadas: descolonizar, resistir, e respeitar podem ser entendidas como um leque gradativo de forças que se opõem à configuração raça/hispanidade, partindo da maior à menor força de oposição. Os enunciados também são forças e sentidos que lutam. Nesse aspecto consideramos que a reconfiguração 'descolonização' é a que mais combate e impugna a configuração raça/hispanidade. A fraternidade persiste, mais regionalizada no caso da CAN. O elo comum não é mais o signo religioso cristão. O que aglutina são atitudes possíveis na e pela linguagem.

Após a exposição dos resultados finais desta tese, partindo do espaço discursivo criado, finalizamos o trabalho com algumas considerações sobre nosso percurso e possíveis desdobramentos futuros da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproveitamos este espaço para indicar contribuições e possíveis desdobramentos desta pesquisa e, finalmente, levantar questionamentos e encaminhamentos em termos de aplicabilidade.

Sobre o percurso desta pesquisa, resgatamos as articulações teórico-metodológicas. Inicialmente, nosso foco estava centrado nos pronunciamentos oficiais. Na procura desses textos, aliada à pesquisa bibliográfica, ampliamos a compreensão e a relevância de nosso objeto de estudo e esse fato nos levou a incluir em nosso espaço discursivo outras materialidades semióticas.

Esta pesquisa representou um desafio e a partir dela muitos desdobramentos se perfilam, tanto para os estudos culturais, quanto para as políticas linguísticas, bem como para a perspectiva teórica da AD. Nossa forma de articular teoria e metodologia evidencia o quanto o pesquisador está inserido e intervém na sua pesquisa. E não poderia ser de outro modo, visto que a abordagem é feita por alguém que carrega suas práticas e sua memória discursiva e está inscrito na história.

Nosso percurso de análise foi um trajeto marcado por idas e vindas, onde observamos que cada um dos focos das configurações depreendidas dialogavacom os outros, com bordas imprecisas, um apresentando-se sobreposto ao outro, o que corrobora a complexidade de nosso objeto de estudo. Por esse motivo, os desdobramentos podem conceber as unidades de análise como uni ou plurifocais, cabendo ao pesquisador essa escolha de encaminhamento metodológico.

Um primeiro desafio foi criar um arquivo que contemplasse essas diversas materialidades semióticas. Outro foi organizá-las a partir dos âmbitos sociais de sua produção, que permitiu dar visibilidade à complexa rede de circulação dessas práticas discursivas. A articulação entre os conceitos e a metodologia foi muito profícua. Exemplo disso são os questionamentos relativos aos pontos de contato entre o conceito de tradição inventada, formulado por Hobsbwam (1983), e o entendimento de Hall (2015) desse conceito como uma das estratégias de narrar uma nação. Na medida em que inaugura sentidos para uma comunidade,

perguntamos se esse dispositivo memorial não poderia ser concebido como um discurso constituinte, tal como é formulado por Maingueneau (2008_a). Fica em aberto aprofundar essa aproximação teórica em futuras análises.

Uma questão relativa ao recorte foi a decisão de delimitá-lo a partir da oficialização da data. Sabemos que, como foi apontado no capítulo 1, antes da primeira institucionalização da data como comemorativa em 1917, na época do IV Centenário do Descobrimento, essa discussão já estava presente. Entre o surgimento de uma problemática social e a inscrição da data, como foi o interesse dessa pesquisa, no calendário oficial, muitas manifestações e embates sociais acontecem. Complexas também são as transições de um regime de enunciabilidade a outro e até o próprio esquecimento. Esse entendimento se deu a partir de uma concepção da história não como uma sequência de eventos cronológicos, e sim como uma permanente releitura a partir de um lugar no discurso.

No capítulo 4 expusemos nossa caracterização de quatro configurações, designadas pelos seus objetos de discurso: a inicial raça/hispanidade e três novas reconfigurações: resistência indígena, descolonização e respeito à diversidade. Contemplamos em cada uma dessas configurações diversos aspectos: as filiações, o lugar da língua espanhola, a ameaça e a missão, o resgate dos antecessores e o tempo.

Em decorrência das análises, identificamos uma identidade andina particular em sua configuração, que merece mais estudo. Também ao longo da pesquisa, a configuração de nosso espaço discursivo, permitiu-nos acompanhar um percurso de tensões em torno ao tipo de vínculo e unidade entre as nações americanas, ex-colônias espanholas, e a Espanha, ex-colonizadora. No que diz respeito à data em questão, tem-se operado um 'afastamento' e uma 'localização' que obedecem a novos paradigmas da memória como "dever" e uma nova concepção dos "direitos". Os sentidos que deles se depreendem perfilam um novo regime de enunciabilidade.

Se na configuração inicial do dispositivo memorial em questão, a língua espanhola se fundia aos objetos raça/hispanidade, nas três reconfigurações posteriores do dispositivo analisadas, a língua espanhola se apresenta como espaço de luta, ou seja, como um espaço que não está livre de conflitos. Nessa linha

de concepção, este estudo, ademais, corrobora que qualquer tentativa de fomentar ou transmitir o que se entenda por espanhol estândar não ultrapassa o nível de uma artificialidade, produto criado que entende a língua como instrumental, concebendo-a como recurso econômico. Essa tentativa de reduzir a língua a um mero instrumento de comunicação pretende apagar ficcionalmente todo tipo de marca de diversidade cultural.

Como professora considero que muitas das reflexões propostas poderiam ser aplicadas a outras datas significativas, sejam elas de índole local, regional ou nacional. Além disso, o interesse manifestado por diversos colegas sobre o tema permitiu-nos pensar na possibilidade de vir a elaborar materiais para o trabalho com o ensino fundamental de E/LE. Trazemos à memória o que apontamos na introdução, a respeito do tratamento ritualístico e superficial dado às datas significativas nos livros didáticos. Nesse sentido, consideramos que esta pesquisa pode contribuir para o âmbito escolar uma vez que nela demostramos que uma leitura crítica, a partir da materialidade linguística, efetivamente pode conduzir a refletir sobre as condições de enunciabilidade dessa materialidade. Esse tipo de abordagem também possibilitaria redimensionar o quanto a linguagem não só intervém, mas, fundamentalmente, constitui nossa subjetividade. Avaliamos que nossa contribuição é importante e pertinente visto que, como apontamos na introdução, na formação do professor, o tema das comemorações, espaço e tempo de afirmação identitária, de saberes, poderes e subjetividades, é negligenciado na maior parte das vezes. Nesse sentido, compartilhamos a inquietude de Siqueira (2012), quem, a partir da história, questiona a falta de um trabalho de desconstrução das datas significativas em sala de aula. Como realizar essa desconstrução na prática é outro possível desafio acadêmico a ser pensado. Questionar uma tradição. É justamente isso o que propicia as novas reconfigurações. Palavras já conhecidas, com novos sentidos atrelados à data que parece, não pode ser esquecida. Nesse sentido, a análise do processo mostrou-se muito profícua.

As reconfigurações desse dispositivo memorial não costumam despertar interesse, inclusive no meio acadêmico. Nesse sentido, avaliamos que a tese tem também um víeis (in)formativo significativo, na medida que reúne em um só

trabalho, dados que são pouco explorados inclusive pelos formadores de professores.

A contribuição para os hispanistas brasileiros poderia ser assim formulada: como formadora de professores me pergunto *se* e *como* trabalhamos em sala de aula práticas discursivas indígenas, e que particularidades tem essa prática discursiva da hispanidade no Brasil, materializada em eventos, congressos e grupos de discussão. Fica em aberto perguntarmos que singularidades apresenta a hispanidade que nos aglutina como membros da ABH, e, ainda, se essa hispanidade dialoga com outras hispanidades.

Ainda contemplamos outro desdobramento, que já tinha sido cogitado como possibilidade em nosso anteprojeto. A ideia foi sugerida por um especialista da área de informática, Igor Prata, e tem a ver com o que se conhece como *Programa de compartilhamento de arquivos*[137]. No intuito de que o nosso arquivo não fique só restrito ao âmbito acadêmico, o mesmo será disponibilizado no meio virtual para que os *monumentos* sejam divulgados e o arquivo possa crescer com a colaboração das pessoas interessadas, principalmente pelos grupos de discussão em torno ao hispanismo. Além disso, o arquivo criado poderia, eventualmente, ser abordado e lido sob outros olhares teóricos e com outros objetivos, tais como dos estudos culturais ou das políticas linguísticas, já apontados.

Finalizamos esta tese retomando a reflexão e o desejo de Mario González, membro fundador da ABH: "todo 12 de Octubre será una oportunidad magnífica para ver mejor el mundo de lengua española y, a partir de eso, vernos mejor como ciudadanos brasileños y latinoamericanos."[138](2005, p. 99). Desta forma,

---

[137] "Programas de compartilhamento de arquivos" são aplicações destinadas à troca de informações digitais entre usuários (computadores) de forma direta, sem a necessidade de um servidor intermediando as transmissões, protocolo de comunicação este chamado de P2P ou *peer-to-peer* (ponto a ponto, do original, em inglês). Desta maneira, cada aplicação de usuários funciona como um nó (node) de uma rede difusa e heterogênea de possíveis receptores e transmissores do mesmo conteúdo. Protocolos famosos de compartilhamento de arquivos são o *BiTorrent, Napst, Kazaa* e *Gnutela*. O conceito e os paradigmas dos protocolos *peer-to-peer* hoje se estendem para mais modelos distribuídos de gerência da informação, como a moeda digital *Bitcoin* e jogos eletrônicos diversos. Informações baseadas em Carlos E. Morimoto.
Mais informações disponíveis em http://www.hardware.com.br/livros/dominando-linux/programas-p2p.html. Esclarecimentos fornecidos pelo especialista mencionado.

[138] "todo 12 de Outubro será uma oportunidade magnífica para enxergar melhor o mundo da língua espanhola, e desde ali, ver-nos melhor como cidadãos brasileiros e latino-americanos." (Tradução nossa)

esperamos ter contribuído uma vez que, como formadores de professores, temos a obrigação moral e ética de propiciar em nossos alunos e futuros agentes sociais da educação, uma visão ou visões críticas mais acordes a esta época de mudanças e instabilidade de paradigmas globais.

Aos leitores interessados, remetemos ao *CD-Rom* com os anexos completos, disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFF (Universidade Federal Fluminense).

Esta tese de doutorado permitiu-me uma aproximação a um território pouco explorado, sobretudo em uma perspectiva discursiva. Não é fortuita a escolha da epígrafe do capítulo 4: "Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de 'trabalho em terreno'". (DELEUZE, 1990, p. 155). Ela é uma analogia que representa nosso percurso analítico tentando traçar relações de sentido. "Hay que instalarse en las líneas mismas, que no se contentan sólo con componer un dispositivo, sino que lo atraviesan y lo arrastran, de norte a sur, de este a oeste o en diagonal".[139] (DELEUZE, 1990, p. 155). Talvez por isso me tenha fascinado o mapa que fecha, dá um corte, a esta produção acadêmica, na medida em que fizemos uma primeira cartografia discursiva de um espaço pouco conhecido e, mais ainda, pouco questionado. Ele data de 1507 e é apresentado como "o mapa mais influente de todos os tempos". Pela primeira vez aparece registrado o nome América para nosso continente. Na parte superior se lê a palavra incógnita. América é uma incógnita até hoje em muitos aspectos.

[139] "Há que se instalar nas linhas mesmas, que não se satisfazem só em compor um dispositivo, senão que o atravessam e arrastam, de norte a sul, de leste a oeste ou na diagonal." (Tradução nossa)

Texto que acompanha o mapa

UNIVERSALIS COSMOGRAPHIA {1507}

Embora pouco se saiba sobre a biografia de Martin Waldseemüller (c. 1475-1522), ele é reconhecido como notável humanista e importante cartógrafo alemão. Estudou na Universidade de Freiburg, onde se formou, provavelmente em teologia. Clérigo na Diocese de Constança, passou a cônego em Saint-Dié. Ali, seu interesse pela cartografia – notadamente por aquela relacionada às novas terras americanas, descobertas a partir de 1492 – coincidiram com a interrupção das edições da Geografia, que decorreram desses descobrimentos. A publicação seria retomada em 1507, quando foi editado o mapa-múndi Universalis cosmografia secundum Ptholomaci traditionem et Americi Vespucii aliorumque lustrationes, do qual apenas mil cópias foram produzidas. Hoje, acredita-se que exista apenas um único exemplar, descoberto em 1900 por J. Fischer e conservado na biblioteca do príncipe de Waldburg-Waldsee, no castelo Wolfegg, em Württemberg, graças ao cartógrafo Johannes Schöner, que mandou encadernar as folhas separadas num só volume com capa.

O mapa consiste em doze seções gravadas em madeira, que se dispõem em três zonas, cada uma das quais com quatro peças. Representa a forma da Terra em projeção ptolomaica modificada, com meridianos curvos. Teve enorme e duradouro impacto na cartografia, uma vez que propôs um tipo completamente novo de abordagem e uma escala de grandeza até então jamais experimentada.

Esse é provavelmente o mapa mais influente de todos os tempos, pois, graças a ele, um continente foi batizado. Foi Waldseemüller quem escolheu o nome "América" em homenagem ao navegador Américo Vespúcio, e esse é o primeiro mapa em que aparece tal denominação. (p. 28)

GUEDES, M. [1927]. *A cartografia impressado Brasil: 1506-1922* -os 100 mapas mais influentes. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

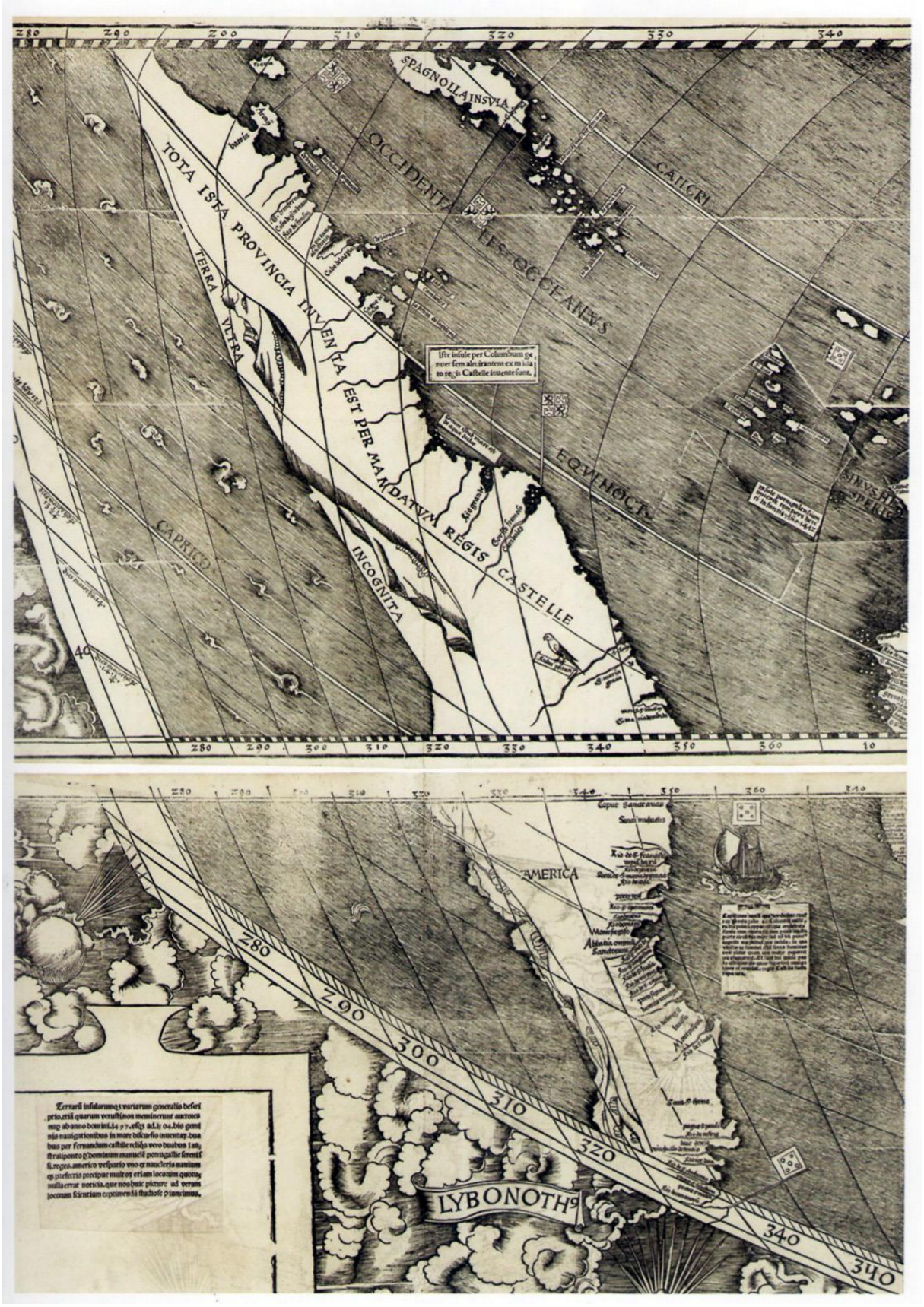


Imagem 11 – Mapa *Universalis Cosmographia* {1507}

REFERÊNCIAS

ABEH, Suplemento *El hispanismo en Brasil*. Brasília: Thesaurus, 2000.

ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. *et al. O Papel da Memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes – 4a ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2da reimpressão, 2011.

ARNOUX, E. *El discurso latinoamericanista de Hugo Chávez*. Buenos Aires: Biblos, 2008.

_____. Análisis del discurso como campo interdisciplinario. In: *Análisis del Discurso. Modos de abordar materiales de archivo.* 2a ed., Bs. As.: Santiago Arcos, p. 13-29, 2009.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *In*: *Cadernos de EstudosLingüísticos,*nº 19**.** Campinas: Unicamp, 1990.

_____. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. *In*: ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de Leitura - Da História no Discurso.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem.* São Paulo: Hucitec., 2002.

BORDEGARAY, D. La fiesta nacional del 12 de octubre. Disponível em: http://coleccion.educ.ar/coleccion/CD9/contenidos/sobre/pon7/index_imprimir.html s/d. Acedido em 05 abril 2014.

CAPELATO, M. *Multidões em cena.* Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault* –Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica editores, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso***.** 1ra ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSar, 2009.

COUTO, L. E ANDRADE, T. O mundo lá fora –oficinas de sensibilização para línguas estrangeiras. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/O%20mundo%20l%E1%20fora.pdf . 2009. Acedido em 23 de abril de 2015.
DAHER, D. *Discursos presidenciais de 1º de maio*: a trajetória de uma prática discursiva.(Doutorado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas). PUC-SP: 2000.

_____. Formación docente de ELE: ¿Cualificación para el trabajo en las escuelas brasileñas? Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/gtlet/arquivos/delcarmen_ciplom.pdf 2010. Acedido em 21 de nov. de 2015.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs* –Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. SP: Ed. 34 Ltda., 1995 [1980].

DELEUZE, G. ¿Que es un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

DUSSEL, E. *1492:* Análisis ideológico de las diferentes posiciones. http://www.enriquedussel.com/DVD%20Obras%20Enrique%20Dussel/Textos/c/213.1990%20II/articulo.pdf. 1990. Acesso em: 15 out. 2013.

FERNANDES, C. *Análise do Discurso*: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

_____. Os sujeitos e os discursos na História. In: FERNANDES, C. *etal.* (Orgs.) *Sujeito, Identidade e Memória.* Uberlândia: EDUFU, 2013 (Linguística in Focus: 2), p. 101-110.

FERNÁNDEZ, M. De la lengua del mestizaje al mestizaje de la lengua: reflexiones sobre los límites de una nueva estrategia discursiva. In: VALLE, J. (ed.), *La lengua, ¿patria común?* Ideas e ideologías del español, Madrid / Frankfurt am Main, Iberoamericana / Vervuert, 2007, p. 57-80.

FONSECA-SILVA, C. Enunciado, objetos de discurso e dominio de memória. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. (Orgs.). *A (des)ordem do discurso.* São Paulo: Contexto, 2010, p. 67-77.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 4ª ed., 1984. Disponível em: www.nodo50.org/.../A_**Microfisica_do_Poder**_-_Michel_Foulcault.**pdf**

_____. *Arqueologia do saber***.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª ed., (1995 [1969]).

GARCÍA FANLO, L. ¿Qué es un dispositivo? Foucault, Deleuze, Agamben. In: *A Parte Rei* 74. Revista de Filosofía. Marzo 2011. Disponível em: http://serbal.pntic.mec.es/AParteRei. Acesso em 15 de nov. 2015.

GLOZMAN, M. De la Madre Patria a la Patria Grande. Lengua, Nación y unidad latinoamericana en el primer peronismo (1946-1955). In: *Actas del XV Congreso de la Asosiación de Lingüística y Filología de América Latina.* Montevidéu: s/d, 2008.

GONZÁLEZ, M**.** Hispanidad e Hispanismo para profesores brasileños de Español.In: *Actas del Congreso Brasileño de Profesores de Español* (XI: 2005: Salvador, BA), p. 87-99. Disponível em http://www.mecd.gob.es/dms-static/68bcb201-d22c-48c5-9067-97e1ae8ae703/consejerias-exteriores/brasil/publicaciones-y-materiales--didacticos/publicaciones/otras/xicongreso.pdfAcesso em: 24 de nov. 2015.

GREGOLIN, M. (Org.). *Filigranas do discurso*: as vozes da história. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

_____. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/.../**Gregolin** Formacao **discursiva redes de mem**... Último acesso em 09 abril de 2016.

GUILHAUMOU, J. E MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de Leitura - Da História no Discurso.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.) *Identidade e diferença:*aperspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Lamparina, 12ª ed., 2015.

HEYMANN, L. O *devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (Coord.): *Direitos e cidadania* –memória, política e cultura. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 15-43.

HOBSBWAM, E. e RANGER, T. (Eds.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUYSSEN, A. *Seduzidos pela Memória*: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2ª ed., 2004.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990.

LEDEZMA MENESES, G. As relações internacionais do Cone Sul à época do primeiro centenário da Independência na Argentina. In:*Revista Brasileira de Política Internacional,* vol. 49, nº 1, Brasília Jan/June 2006. Disponível em: *http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292006000100009&script=sci_arttext*Acesso em: 11 fev. 2016.

LÓPEZ GARCÍA, A. Ideologías de la Lengua Española: realidad y ficción. In: VALLE, J. (ed.), *La lengua, ¿patria común?* Ideas e ideologías del español, Madrid / Frankfurt am Main, Iberoamericana / Vervuert, p. 143-161.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Términos clave del Análisis del Discurso*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

_____. A Análise do Discurso e suas fronteiras. In: Revista *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em: www.pgletras.uerj.br/**matraga**/**matraga**20/arqs/**matraga**20a01.pdf. Acessado em 11 março 2016.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____ . *Cenas da enunciação*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008b.

_____ . *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História (10).*Educ – Editora da PUC-SP, 1993, p. 07-28.

ORLANDI, E.*Terra à Vista; Discurso do Confronto:*Velho e Novo Mundo*.* São Paulo: Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

_____. (Org.). *Política lingüística na America Latina*. Campinas: Pontes, 1998.

_____ . (Org.) *Discurso fundador*(A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional)*,* 2ªed . Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *As Formas do Silêncio.* Campinas -SP: Editora da Unicamp, 1ª reimpressão, 2011.

ORTEGA Y MEDINA, J. *La idea colombina del Descubrimiento desde México (1836-1986).* México: UNAM, 1987.

PAVEAU, M. Palavras anteriores. Os pré-discusos entre memória e cognição. In: *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa,* nº 9. Tradução de Norma Seltzer Goldstein. Disponível em: www.revistas.usp.br/flp/article/view/59786. 2007, p. 311-331. Acedido em 13 de jun. 2015.

_____. *Os Pré-discursos:* sentido, memória, cognição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de Leitura* - Da História no Discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

_____ . *Semântica do Discurso* –Uma Critica à Afirmação do Óbvio. 3ra ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

_____ . *O discurso:* estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2006.

QUESADA, E. El día de la raza y su significado en hispano-América. In: *Verbum* - Revista del Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras, año XII, no 46, p. 7-20, oct. de 1918. Disponível em: http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/inibi_nuevo/verbum1918.htm Acedido em 30.08.2014.

RENAN, E. O que é uma nação? Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. In: *Revista aulas*. Disponível em: www.unicamp.br/~**aulas**/VOLUME01/ernest.pdfAcesso em25 jun. 2012.

ROCHA, D. A opção por um espaço discursivo de análise: questões metodológicas. In: LINO PAULIUKONIS, M. E GAVAZZI, S. (Orgs.): *Texto e discurso* –Mídia, Literatura e Ensino, p. 197-208. RJ: Lucerna, 2003.

_____. Perspectiva foucaultiana. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. (Orgs.): *Texto ou discurso?,* p. 47-75. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. In: *Linguagem em (Dis)curso*– LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140310-4513. Último acesso em 06 fev. 2016.

SÁNCHEZ, B. A pequena família guineana: abordagem discursiva do continuísmo num discurso pela independência. In: *Gragoatá nº 34* –Análise de discurso e discursos contemporâneos: hegemonias e resistências. Niterói: EdUFF, 2014, p. 331-341.

SANTOS, B. *A gramática do tempo:* por uma nova cultura política, vol. 4. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SARGENTINI, V.; SÁ, I; RIBEIRO, J. Da Análise das Sequencias Discursivas à Leitura do Arquivo: Movimentos Teóricos da Análise do Discurso. In: FERNANDES, C. ; NAVARRO, P. (Orgs.). *Discurso e sujeito:* reflexões teóricas e dispositivos de análise. Curitiba: Appris, 2012, p. 35-46.

SCHEMES, C. O controle social e as festas cívicas no Brasil de Getúlio Vargas (1937/1945) e na Argentina de Juan Domingo Perón (1946/1955). In: Revista

*Dimensões,*vol. 30, 2013, p. 335-361.Disponível em http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/6155/4496. Acedido em 27 de nov. 2015.

SILVA, H. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memoria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Associação nacional de História –ANPUH, vol. 22, n. 44, p. 425-438, 2002. http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf Acedido em 19 mar. 2015.

SIQUEIRA, R. As datas significativas e o lugar de memoria na formação docente inicial – Reflexões pertinentes. In: *Revista HISTEDBR On-line,* Campinas, n. 45, p. 128-138, mar. 2012. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/45/art10_45.pdf Acedido em 19 mar. 2015.

SOUZA-E-SILVA, M.; ROCHA, D. Acontecimento e memória: discursos que (re)contam a história do Brasil-colônia. In: BARROS, D. (Org.) *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Ed. da USP, FAPESP, 2000, p. 193-206.

STAVANS, I. E JAKSIC, I. *¿Qué es la hispanidad?* –Una conversación. Chile: FCE, 2011.

SUBIRATS, E. Siete tesis contra el hispanismo. In: *Revista de Humanidades*: Tecnológico de Monterey, núm. 17, 2004, p. 149-166. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38401708 Acedido em 24 jan. 2016.

TATEISHI, H. Zacarías de Vizcarra y La vocación de América: Apuntes sobre la Hispanidad y el nacional-catolocismo. s/d. Disponível em: https://www.academia.edu/912936/Zacar%C3%ADas_de_Vizcarra_y_La_vocaci%C3%B3n_de_Am%C3%A9rica_Apuntes_sobre_la_Hispanidad_y_el_nacional-catolicismo. Último acesso em 15 mar. 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (Org.) *Identidade e diferença:* a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOOLARD, K. La autoridad lingüística del español y las ideologías de la autenticidad y el anonimato. In: VALLE, J. (ed.), *La lengua, ¿patria común?* Ideas e ideologías del español, Madrid / Frankfurt am Main, Iberoamericana / Vervuert, p. 129-142, 2007.

Sites de Associações e instituições

ARGENTINA: BANCO CENTRAL DE LA REPÚBLICA ARGENTINA. www.bcra.gov.ar

ARGENTINA: BIBLIOTECA DEL CONGRESO DE LA NACIÓN ARGENTINA, Departamento de Colecciones Especiales/Biblioteca Peronista. http://www.bcnbib.gov.ar/sdce_peronista.php

ARGENTINA: BIBLIOTECA NACIONAL. www.bn.gov.ar/investigadores

ARGENTINA: BOLETÍN OFICIAL de la República Argentina. https://www.boletinoficial.gob.ar/ Consulta feita em 26 jan. de 2012.

ARGENTINA: UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. Facultad de Filosofía y Letras. Revista *Verbum*. Disponível em: http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/inibi_nuevo/verbum1918.htmAcedido em 30 ag. 2014.

ASSOSIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS. www.apeerj.org.br

COMUNIDAD ANDINA. http://www.comunidadandina.org/2011/MESA%201.pdf Última consulta em 09 mar. 2015.

DICIONÁRIO MICHAELIS. http://michaelis.uol.com.br/ Acedido em 17 fev. 2016.

ESPANHA: REAL ACADEMIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. www.rae.es

JORNAL EL PAÍS http://internacional.elpais.com/internacional/2015/07/16/actualidad/1437009101_854863.html

INSTITUTO CERVANTES. http://riodejaneiro.cervantes.es/br/default.shtm Acedido em 18 de mar. 2015.

NAÇÕES UNIDAS: http://www.un.org/press/en/2010/obv853.doc.htm Acedido em 24 out. 2015.

NAÇÕES UNIDAS: Declaração dos Direitos dos povos Indígenas. Disponível em: http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf. Acesso em 18 fev. de 2016.

PROJETO FILOSOFÍA EN ESPAÑOL. http://www.filosofia.org/

SECRETARIA NACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE PROFESSORES DE ESPANHOL DO BRASIL (SeNacAPE). Disponível em: https://espanholdobrasil.wordpress.com/2009/08/17/secretaria-nacional-das-associacoes-de-professores-de-espanhol-do-brasil-%E2%80%93-senacape/ Última consulta realizada em 21 de nov. de 2015.

VENEZUELA: MINISTERIO DEL PODER POPULAR PARA EDUCACIÓN, CIENCIA Y TECNOLOGÍA. http://www.mppeuct.gob.ve/ e

www.mci.gob.ve/pagina/2/5649/completa.htmlÚltima consulta realizada em 03 mar. de 2010.